

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

JULINETE VIEIRA CASTELO BRANCO

**“MAS, A MENINA TINHA TINTA NO CABELO...”: A REINVENÇÃO DA
INDEPENDÊNCIA FEMININA E AS NUANCES DOS ARQUÉTIPOS DE SONHOS,
LIBERDADE E JUVENTUDE EM TERESINA NA TRAVESSIA DOS ANOS 1980**

**RECIFE
2017**

JULINETE VIEIRA CASTELO BRANCO

**“MAS, A MENINA TINHA TINTA NO CABELO...”: A REINVENÇÃO DA
INDEPENDÊNCIA FEMININA E AS NUANCES DOS ARQUÉTIPOS DE SONHOS,
LIBERDADE E JUVENTUDE EM TERESINA NA TRAVESSIA DOS ANOS 1980**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende

Coorientador: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

C348m Castelo Branco, Julinete Vieira.
“Mas, a menina tinha tinta no cabelo...”: a reinvenção da independência feminina e as nuances dos arquétipos de sonhos, liberdade e juventude em Teresina na travessia dos anos 1980 / Julinete Vieira Castelo Branco . – 2017.

168 f. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende.

Coorientador : Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.

Inclui Referências.

1. História. 2. Juventude. 3. Mulheres – Liberdade. 4. Família. 5. Identidades. 6. Conjugalidades. I. Rezende, Antonio Paulo de Moraes (Orientador). II. Castelo Branco, Pedro Vilarinho (Coorientador). III. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-116)

Julinete Vieira Castelo Branco

**“MAS, A MENINA TINHA TINTA NO CABELO...” A REINVENÇÃO DA
INDEPENDÊNCIA FEMININA E AS NUANCES DOS ARQUÉTIPOS DE SONHOS,
LIBERDADE E JUVENTUDE EM TERESINA NA TRAVESSIA DOS ANOS 1980**

Tese apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovada em: 31 /03/2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende
Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco
Co-Orientador (Universidade Federal de Piauí)

Profa. Dra. Tânia Maria Pires Brandão
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel
Membro Titular Externo (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Membro Titular Externo (Universidade Federal de Piauí)

Aos belos arquétipos de sujeitos independentes que tenho em minha trajetória, com profundo carinho, respeito e agradecimento.

Ao maior de todos eles: minha mãe, Valmira (In memoriam) e às minhas irmãs Marília (In memoriam), Valquíria e Socorro... Por significarem e resignificarem-se com suas subjetividades, singularidades e desterritorializações e, ainda assim, me ensinarem, diariamente, a ser feliz... E, ao meu pai, Raimundo A. C. Branco, com imenso amor e saudade...

AGRADECIMENTOS

É certo que a tessitura de uma narrativa histórica é algo que nos prende, absorve, domina e captura... Uma sedução. A ousadia de tecer uma história das subjetividades e singularidades das mulheres, suas trajetórias, não constitui tarefa simples, mas tornou-se uma trilha desafiante, por inúmeras vezes pedregosa e tortuosa, mas os retalhos nos seduzem, fascinam e até divertem.

Essa investigação me fez perceber as multiplicidades, pluralidades e subjetividades que envolve cada mulher, enquanto indivíduo e sujeito histórico. Distintamente, essa experiência proporcionou uma ampliação do meu universo, enquanto, indivíduo. O entendimento do ser múltiplo, plural. E eis um grande desafio!

Porém, antes de fechar a página desse intenso e sedutor ofício de coletar dados, envolver-se com a pesquisa e construir a narrativa, é urgente agradecer. Nesse caminhar me considero iluminada porque penso que os amigos são anjos, assim, tenho anjos, que aparecem nos árduos momentos, quer seja em cada passo dado, ou em cada minuto de atenção... E, realmente, esse estudo seria impossível sem esses anjos que me iluminaram pelo caminho.

Início, assim, agradecendo a minha família, carinhosamente representada pelas minhas irmãs, irmãos e sobrinhos, que a toda hora me cercam do carinho e aconchego na hora certa.

Aos anjos mestres que nos sustentam por esse caminho de luta e com muito cuidado, nos guiam. Assim, agradeço imensamente aos coordenadores do Dinter, Profa. Dra. Tânia Brandão e Prof. Dr. Francisco Nascimento, que nos oportunizaram essa aventura de realizar um Doutorado em História. E, ainda assim, nos amparam sempre com carinho e atenção, quando deles precisamos.

Um carinho especial e respeito guardo por meus orientadores, Prof. Antonio Paulo de Moraes Rezende, pelo amigo e co-orientador Pedro Vilarinho Castelo Branco e ao querido amigo Antonio de Pádua Carvalho Lopes, por estarem ali, com importante atenção, quando chamo por eles. Às professoras da minha banca de Qualificação, Profa. Elizângela Cardoso, pela atenção e colaboração com esse estudo, e Profa. Cláudia Cristina Fonteneles pela leitura cuidadosa do texto inicial de Tese.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, em especial Antonio Paulo Rezende, Carlos Miranda e George Cabral, pelo incentivo no momento de realização das disciplinas ministradas e por transformarem suas aulas

em momentos de conhecimento, afeto e grande alegria para todos nós.

É necessário registrar aqui a amizade e carinho pelos amigos da turma, em especial Gleison Monteiro, que se tornou um grande amigo nesse desafio, por sempre guardar e emitir uma palavra de força e amizade nas horas certas. E eu corresponderei sempre a todas elas. A Raimundo Santos, pela grande e boa amizade e por me representar em Portugal, no primeiro evento, numa hora tão necessária. Aos outros queridos colegas, Jurandir Lima, Antônio Melo, Bernardo Sá e Mairton Celestino, que tornaram esse caminhar mais feliz, por emitirem, juntamente aos outros e mesmo de longe, uma energia tão boa de unidade, coragem e amizade.

Aos anjos que me auxiliaram na hora imediata, Emanuel Gadelha, sobrinho querido, que fez a formatação final do texto. Bartira Araújo, grande amiga, que também muito auxiliou com formatação inicial do texto. Ricardo Gomes Ramos, anjo enviado, que prontamente fez o abstract da Tese, em tempo hábil, sem reclamar, mesmo estando ocupadíssimo e do outro lado do país.

Aos anjos que colaboraram com pesquisa, Profa. Iracilde Moura Fé, por disponibilizar seu rico acervo de revistas da Fundação Cepro, correspondentes à década de 1980. Ao Prof. Jordan, por oportunizar o acesso ao seu acervo pessoal e ao site de crônicas de A. Tito Filho.

À Sandra Regina, secretária do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, pelo sempre imediato e eficiente atendimento nos trâmites burocráticos do DINTER.

À minha grande amiga, Conceição Nogueira Rodrigues, por quem são imensos meu carinho e amizade. Ela, que é um modelo plural, desdobra-se, multiplica-se para colaborar com minha pesquisa, seja como depoente, seja como revisora, seja como amiga. Às queridas amigas, que estão sempre ali, com palavras de força e incentivo, Luci Ribeiro, Josélia Saraiva e Rosânia Dias.

Aos amigos do CTT, aqui representados pelo Prof. Francisco Sinimbu Neto, Prof. José Bento e Profa. Rita Magalhães, pelo apoio sempre presente.

Às minhas depoentes que não limitaram esforços para o auxílio à pesquisa e muito enriqueceram o trabalho com suas subjetividades e singularidades.

À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo incentivo institucional e financeiro ao DINTER.

Ao anjo que acompanhou os primeiros passos desse desafio com imenso amor e alegria. E, acredito, estará sempre por perto...

E, por fim, aqueles que, sempre, nesse caminhar, me olham com a certeza de que tudo dará certo. E eu acredito... Portanto, seguindo essa trilha...

Com muito afeto, muitíssimo obrigada!!!

Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome (LISPECTOR, 1998b, p. 70).

RESUMO

Analisar experiências singulares, juvenis e independentes de mulheres em Teresina-PI, na década de 1980, constitui a intenção desse estudo. O principal argumento organiza-se sobre a ideia de que, por essa época, os discursos propagados em jornais, revistas femininas e pela TV buscavam oferecer parâmetros culturais que favorecessem, por um lado, o rompimento com uma mentalidade patriarcal, ainda, fortemente marcada por valores morais católicos e, por outro, o surgimento de novas práticas sociais de determinado modelo de mulheres, que ousaram criar novos formatos de sonhos, iniciativas e independências em Teresina. Observou-se que esses fatores redefiniram as identidades ditas femininas, desdobrando-as noutros modelos e performances, modificando as práticas familiares e da conjugalidade. Nesse sentido, novos signos e símbolos foram definidos na arte, cultura, política e no espaço urbano, com a abertura de novas oportunidades de empregos, estudos e de entretenimento, bem como novas possibilidades de cidadania às mulheres jovens, que sonhavam com sua independência financeira, profissional e familiar. Por esse caminho e com base na análise das trajetórias de sete mulheres que vivenciaram sua fase juvenil em Teresina, observou-se que a travessia dos anos 1980 foi impulsionada por mudanças que, embora iniciadas nos anos 1960 e 1970, foram propagadas pelos canais de mídia, representados pelas FMs e por jornais impressos, a exemplo do *Jornal O Dia e Estado*, trajetórias que deveriam atender às expectativas de performances de mulheres que acompanhassem o ritmo veloz dos anos 1980. Nesse cenário observou-se também uma energia transformadora do sujeito mulher, com a legitimação de condições para constituir-se mulher independente dos valores impostos pelos resquícios do patriarcalismo na sociedade piauiense. A pesquisa foi alicerçada nas leituras que problematizam na pesquisa historiográfica, o campo dos estudos de gênero, seguindo pela ótica da nova história cultural o diálogo com Vaitsman (1994), Cardoso (2003), Castelo Branco (2013), Queiroz (2006), Pinsky (2013), Pedro (2013), Perrot (2016), Rolnik (2014), Certeau (2011), Foucault (2012), entre outros autores, as ideias de identidades culturais, experiências femininas e as mudanças nas práticas familiares e na conjugalidade no final do século XX.

Palavras-chave: Juventude. Mulheres independentes. Família. Identidades. Conjugualidades.

ABSTRACT

An analysis about the youth singular, behavior and independent experience from women in Teresina-PI in the 80's is the intention of this research. The main argument is organized surrounding the idea that, around in the 80's media speech, such as newspaper, women's magazine and TV shows, aimed to offer cultural standards which could be inclinable to break up with a patriarchal mentality, still strongly marked with Catholic's issues and, on the other hand, new social practices changing women conduct, whom dared themselves to create new ways to dream, experience and get independent in Teresina. This research reveals that these factors redefined identities known as for women, highlighting other roles able to modify family experiences and perceptions in wedding issues. In this sense, new signs are defined in arts, culture, politics, urban space, providing more opportunities in jobs, studies and entertainment, and also new citizenship possibilities to young women which dreamed about financial, professional and familiar independency. In this way, based on Orality, in the analysis of the narratives of 07 women who has spent their youth in Teresina. It was observed that throught the 80's the behavior was influenced by changes made in the 60's and 70's by media, channels, represented by radios and press newspapers, such a *O Dia e Estado* had disseminated patterns to reach the female model accepted in those quickly 80's. On that reality was also observed a huge change in women's lives, giving them conditions to be independent of the patriarchal values still observed in Piauí society. The theoretical research was based on Authors who discuss in the field of historiographic research, gender studies under new history point of view, such as Vaitsman (1994), Cardoso (2003), Castelo Branco (2013), Queiroz (2006), Pinsky (2013), Pedro (2013), Perrot (2016), Rolnik (2014), Certeau (2011), Foucault (2012) and others, with cultural identity ideas, women's experiences, and changes in familiar and marriage models in the end of the 20th century.

Keywords: Independent women. Youth. Family. Identities. Conjuality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Uma nuance: as mulheres e a cidade	14
1.2	As mulheres como cerne da discussão historiográfica: discursos, individualização, subjetividades	18
1.3	A metodologia e o perfil das depoentes em estudo	28
1.4	O recorte espacial: Teresina e a configuração do cenário 1980. 31	31
1.5	As mulheres e os modelos identitários independentes	39
1.6	O artefato metodológico, objetivos e fontes	43
1.7	A história e a memória	49
2	O ESTUDO, O TRABALHO E A ACADEMIA: OS NÃO-LUGARES E AS PERFORMANCES DE MULHERES “INDEPENDENTES” EM TERESINA.....	53
2.1	A imigração para a capital e a ruptura familiar	56
2.2	As mulheres, a liberdade e o ideal do matrimônio	59
2.3	Os signos da estética, da aeróbica e a linguagem do corpo	73
3	USOS URBANOS E A CONSTITUIÇÃO DO LAZER DE MULHERES INDEPENDENTES EM TERESINA.....	80
3.1	Da escola para a universidade: mulheres esclarecidas e independentes	86
3.2	As desterritorializações dos sujeitos e a percepção da liberdade	91
3.3	Os signos do modismo, a expressão de liberdade e autenticidade das mulheres.....	95
3.4	As mulheres independentes e os estereótipos de autossuficiência versus feminilidade	97
3.5	A linguagem cultural, as subjetividades e os signos de uma juventude em Teresina	102
3.6	Os símbolos impressos nos jornais e revistas: as imagens de mulheres independentes em Teresina.....	109

4	PROFESSORAS, SERVIDORAS, BANCÁRIAS E COMERCIÁRIAS: AS SUBJETIVAÇÕES, OS INVESTIMENTOS NA CARREIRA E A AQUISIÇÃO DA LIBERDADE	121
4.1	Os corpos femininos como territórios de existências independentes	126
4.2	As mulheres independentes e a legislação brasileira	129
4.3	O sujeito independente, os signos de uma liberdade política e a vida acadêmica na UFPI	132
4.4	O discurso conservador e as desterritorializações dos sujeitos independentes nas crônicas de A. Tito Filho	138
5	MULHERES, AFETOS E A OUSADIA DOS ANOS 1980	143
5.1	Os territórios do afeto: as configurações do matrimônio na era pós-moderna	148
5.2	Os sujeitos independentes e a Lei do Divórcio	158
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
	REFERÊNCIAS	162

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me que, ainda na adolescência, me surpreendiam as iniciativas de modelos femininos em família que se recusavam a aceitar as vivências dos valores tradicionais e fechados ao lar. Não por espanto, mas por poder visualizar formas opcionais de vivências femininas numa família de valores ainda muito tradicionais.

No avançar dos anos 1980, a cidade de Teresina em si já apresentava práticas e signos de modernização que, ventilados e consolidados ainda pelas décadas anteriores, desenhavam um modelo de espaço urbano e moderno para a juventude dita feminina. Mesmo tendo nascido na capital, com boas referências educacionais em família, as práticas tradicionais das mulheres eram perceptíveis ainda. E, para mim, havia uma singularidade nas experiências que priorizavam os estudos em relação aos enlaces conjugais de forma independente. Essas práticas, na vivência de algumas mulheres, já eram marcantes nos meados dos anos 1980. E, não por acaso, foi um ponto de partida para o meu interesse em analisar esse referencial de comportamento. Nesse sentido, essas ideias me incitaram a compreender melhor as experiências desses modelos de mulheres que, nos anos 1980, incorporaram a imagem de um “sujeito independente”.

Por esse caminho, esse estudo analisa experiências de independências, sociabilidades, juventude, imigração e escolarização de mulheres, durante a década de 1980, em Teresina. A partir da análise de modelos individualizados, com experiências e atitudes de independências ditas femininas. De certo modo, compreender as formas desdobradas em que esses modelos emergiram e seus ajustamentos às normas que eram estabelecidas na sociedade de Teresina, bem como configurar os usos urbanos das mulheres independentes na cidade. A partir dos ideais de liberdade, o estudo pretende, ainda, compreender como se construíram as identidades juvenis e de que forma essas jovens constituíram as histórias de vida, enquanto sujeitos independentes.

O argumento tem como sustentação a ideia de que os discursos propagados na mídia impressa e pela TV buscavam oferecer parâmetros culturais que, por um lado, demonstravam o rompimento com uma mentalidade patriarcal, ainda, fortemente marcada por valores morais católicos e, por outro, o surgimento de novas práticas

sociais de determinado modelo de mulheres, que ousaram criar novos formatos de sonhos, iniciativas e independências em Teresina.

Para esse entendimento, as questões que nortearam esse estudo concentraram-se em compreender: quais condições históricas tornaram possível a reinvenção de um modelo de mulher independente em Teresina nos anos 1980? Como se constituiu o sujeito mulher independente em Teresina? Quais as imagens criadas acerca das mulheres independentes nas crônicas do *Jornal O Dia*? Quais as experiências urbanas das mulheres em Teresina? Como eram estabelecidas as afetividades e conjugalidades das mulheres independentes?

Nesse sentido, para a realização da pesquisa, a metodologia fez uso do levantamento de histórias de vida de jovens que vivenciaram sua etapa de juventude na Capital, além da análise do discurso das crônicas de A. Tito Filho, publicadas no jornal *O Dia*, tomando por base as vivências de sete mulheres com suas trajetórias de vida juvenil em Teresina, nos anos 1980. As depoentes em análise, atualmente, correspondem à faixa etária de 50 a 60 anos. São mulheres que ousaram afirmarem-se como indivíduos que buscaram seguir caminhos profissionais e pessoais mais livres e que traçaram experiências diversas para a conquista da escolarização e da carreira.

A história das mulheres independentes na historiografia ainda permanece ligada às jovens que seguiram carreira política ou não constituíram o matrimônio por optarem por outros ideais de vivências. Nesse estudo, porém, busca-se revelar ainda uma outra proeza no comportamento dito feminino, quando as mulheres despertam para essa prática e já consolidam e conciliam suas escolhas de vida, de sonhos, de comportamento em Teresina, na travessia dos anos 1980.

Portanto, com essa finalidade, o objetivo desse estudo concentra-se em compreender as iniciativas e mutações que configuraram o sujeito mulher independente na travessia dos anos 1980. Entender como se construíram suas identidades e, de certo modo, decifrar as histórias de vida que particularizaram suas práticas e discursos de vivências, agenciaram seus sonhos, expectativas, angústias e descobertas nos tempos de juventude, na cidade de Teresina.

1.1 Uma nuance: as mulheres e a cidade

A cidade se faz emergir num ritmo veloz e fugaz, os lugares se modificavam,

surgiam signos da nova década. As mulheres marcavam seus lugares nas universidades, nas academias, em manifestações populares e nos lugares de entretenimento, ressignificando, assim, suas imagens e práticas nesse cenário. Assim, esse turbilhão apresentava-se impresso num ritmo bem mais frenético da nova era 1980, que simbolizava e modificava a magia da paisagem capturada sob a ótica do poeta Torquato Neto, em sua imagem de uma triste Teresina nos anos 1960, porém, no desenho de Castelo Branco a cidade de Teresina emergiu, emerge e sempre emergirá:

Curiosamente, esta cidade é tão mais viva e visível quanto mais nos distanciamos dela, de maneira que a cidade de que falo é, em primeiro lugar, filha de um paradoxo: andamos pelas ruas de uma cidade, atarantados pelo vertiginoso fluxo de veículos e deslumbrados com o colorido do neon, mas não é a esta cidade que nossas subjetividades vêem. Superposta, contrastando com esta situação em que tudo circula, uma cidade ancestral teima em se insinuar. As músicas, os slogans publicitários, os filmes, as produções teatrais, os doces encontros com o namorado ou a namorada, a discussão política no barzinho da esquina, tudo isso parece nos arrastar para um centro, nos localizar, nos dar um lugar na cidade cujo signo é o movimento, mas alguma coisa nos agarra, nos enrosca e conduz à cidade petrificada, imóvel. E esta cidade subjetiva exige, de cada um de nós, um constante reengendramento, uma vez que ela será, sempre, a expressão de um si mesmo emergente.¹

O poeta ilustra a cidade sob o frenesi do movimento que consistiu como significado da época, porém, revela a percepção paradoxal do seu ritmo pitoresco, da monotonia e as subjetividades que envolvia Teresina nos anos 1960. Faz-se necessário um contraponto com o olhar igualmente emergente de A. Tito Filho, em sua crônica “A boa Teresina”, que refletia sobre a mesma cidade. A captura da imagem da cidade sob o olhar saudosista do cronista insurge, agora, num ritmo deslocado dos antigos tempos, já envolta num outro turbilhão de signos da pós-modernidade. A. Tito Filho a ilustra pela via das inquietações urbanas e a define plural como mulheres no cenário dos anos 1980:

Hoje, vejo-a urbanizada de pombais, ou casinholas habitadas do êxodo interiorano; vejo-a no comércio com o nascimento de Jesus e

¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. A cidade que me guarda: um estudo histórico sobre Tristeresina, a cidade subjetiva de Torquato Neto. *Fênix, Revista de História e Estudos Culturais*, ano 3, v. 3, n. 1, p. 4, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF6/6%20-%20ARTIGO%20-%20EDWARCASTELO.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

com as mães, merecedoras pelo menos de um pouco de respeito; vejo-a despudorada, meninas ricas sem roupa, por deboche, meninas pobres do mesmo jeito, por miséria. Vejo-a violenta, estúpida, deseducada – milhares tipos debaixo da ponte, alguns felizardos da vida ociosa à custa de golpes e falcatruas e outros tantos no repasto oficial da República sem freios. Vejo-a sem futuros, sem esperança, mas ainda creio no resto de otimismo que me sustenta os olhos sofridos da saudade dos tempos que não voltam mais...²

Essa outra cidade parecia absorver as mutações que foram provocadas no cenário brasileiro, pelo teor político em transição. A passagem de um regime de ditadura militar, marcado pelos episódios políticos oriundos dos anos de 1960 e 1970, bem como os efeitos globais econômicos que alteraram o ritmo da vida familiar da classe média, o impulso à construção de novos hábitos de consumo, com o impacto cultural consumista que adentrou as casas das famílias de Teresina, por meio do uso da televisão, das propagandas comerciais, dos programas e seus exigentes produtos de consumo e de estética. Porém, nem tudo era tão belo, essa década foi marcada pelas disputas políticas no cenário nacional; os movimentos trouxeram à luz temáticas importantes como o desemprego, a crise econômica, a liberdade econômica e o desequilíbrio social.

A época em estudo atravessou impactantes crises. Com base em Maciel e Fontineles,³ como marcadores políticos essenciais, o pluripartidarismo se fez notar, trazendo para a cena do país cinco novos partidos que iriam nortear a política brasileira até os dias atuais: o PDS (Partido Democrata Social), o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o PDT (Partido Democrático Trabalhista) e o PT (Partido dos Trabalhadores). A Lei de Anistia foi outra importante iniciativa que refletiu o desejo pela Democracia brasileira e a Emenda Dante de Oliveira, que defendeu as “Diretas Já” para Presidente da República. Essa flexibilização política possibilitou o início da redemocratização brasileira.

Essas mudanças políticas afetaram as mulheres, criaram condições para a inserção destas na política e em outros âmbitos da sociedade. As novas ideias permearam as mentalidades juvenis constituindo novas performances das mulheres, ideias estas que foram à época consideradas impactantes e modernas nas formas de

² TITO FILHO, Arimatéia. A boa Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 jan. 1989.

³ MACIEL, Jéssica de S.; FONTINELES, Cláudia C. As Diretas Já em Teresina na ótica dos jornais impressos (1983-1984). In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere Ferreira da (Orgs.). *História e Política: problemas e abordagens nos contextos brasileiros*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 265-283.

aprender, ler, pensar e trabalhar e que se revelaram no comportamento de algumas mulheres que habitavam a capital de Teresina. A cidade ainda vivia sob a configuração de uma conduta familiar baseada nos ideais cristãos e defendida por estes e com respaldo fortalecido pelo Estado.

O espaço urbano da capital de Teresina atravessava significativas mudanças em meados dos anos 1980. Conforme Oliveira e Castelo Branco⁴, devido ao surto populacional oriundo de populações que migravam para a capital e provocaram o impacto urbano, Teresina sofreu um processo de favelização acentuada, com o crescimento demográfico acelerado e a insuficiência da estrutura urbana.

Com certa discrição, o Piauí seguia os passos dos números de avanço econômico do país. Porém, vetores como a industrialização apresentaram significativa expressão. A população do estado que representava, em sua maioria, até os anos 1970, um cenário rural, na década seguinte, configura-se, com certo impulso, urbana. Arraes acentua que:

Uma análise da evolução de subsetores econômicos durante o período estudado mostrou que o setor industrial do Estado caminha a passos curtos, seja na geração de renda e riqueza seja na absorção de mão de obra, ficando com apenas 15% no decênio 80-91, contra 47% do setor primário e 47% do setor terciário. [...] por seu turno, nas três últimas décadas, a evolução da urbanização teve velocidade e proporções elevadas tanto em termos percentuais como em termos absolutos. A população, que até a década de 70, era majoritariamente, rural com mais de 69% da população vivendo no campo, declinou para apenas 42% na década de 1980, quando mais 58% já se encontravam residindo em cidades.⁵

Nesse sentido, as cidades constituíram um marcante mecanismo para o crescimento nas últimas décadas, abrindo portas para um cenário de modernidade. Em Teresina esse cenário não se distinguiu. Nascimento observa que até essa década o Estado ocupou um lugar central na percepção de crescimento urbano:

⁴ OLIVEIRA, Marcelo Gonçalves de; CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Caminhos de um não-lugar: as estratégias de desfavelização da cidade de Teresina. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere Ferreira da (Orgs.). *História e Política: problemas e abordagens nos contextos brasileiros*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 97-113.

⁵ ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. O poder local: as oligarquias e a composição parlamentar na Assembléia e na Câmara Federal (1982-1995). In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vário feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 192.

Entre 1930 e 1980, o Estado exerceu papel fundamental para as forças produtivas, durante regimes ora mais autoritários, ora com caráter menos autoritários, criando um modelo centrípeto de organização hierarquizada, inclusive quanto ao formato territorial. As cidades fizeram papel de enclaves iniciais da modernidade.⁶

Um outro vetor de mutação importante para a constituição da mentalidade que se forjou nos anos 1980 foi a publicação da Lei do Divórcio em 1978. A lei abriu oportunidades às mulheres de escolherem como viveriam, solteiras ou casadas. Essa lei possibilitou uma maior liberdade de pensamento em relação às iniciativas sonhadas pelas mulheres que visavam, por meio do estudo, seguir carreira profissional.

Nesse sentido, conforme citado, compreender experiências de independência, sociabilidade, juventude, imigração e escolarização de mulheres durante a década de 1980 em Teresina constitui a intenção desse estudo. Assim, parti de minhas próprias vivências quando, ainda adolescente, pude observar as histórias e condutas construídas ao meu redor como modelos ditos flexíveis. Obviamente, modelos esses reflexos de relações de forças e poder estabelecidos em sociedade. Observei, ainda, que os sonhos de algumas mulheres, por mais que fossem historicamente moldados a um discurso da educação familiar tradicional, por meio da efetivação do casamento, se reinventavam.

Nesse quadro, proponho visualizar mulheres com performances livres, com sonhos de independência e que projetaram sair do lugar comum, nos grupos sociais, nos quais estavam inseridas e planejar ideais de futuro. Construíram-se, assim, histórias de vidas nas mentalidades juvenis, que muito cedo, ao saírem de seus lares, já superavam limitações antigas que eram ligadas às mulheres. Essas mudanças eram emergentes e concomitantes à dinâmica cultural e política dessa época.

1.2 As mulheres como cerne da discussão historiográfica: discursos, individuação, subjetividades

O tempo não está fora de nós, nem é algo que passa diante dos nossos olhos como os ponteiros do relógio: nós somos o tempo, não

⁶ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e memória: os processos de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vário feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 136.

são os anos que passam, mas nós que passamos. O tempo possui uma direção, um sentido, porque ele é nós mesmos...⁷

O fragmento de Paz, em sua obra *O Arco e a Lira*, nos conduz ao entendimento acerca da história e das percepções dinâmicas do tempo histórico. Tal reflexão direciona-se para os discursos históricos e os tortuosos caminhos de pesquisa. O olhar atento e instigante do historiador busca, incansavelmente, em seu ofício, desvendar esse universo a ser lido constituindo a análise histórica acerca da reinvenção de um sujeito independente, um caminho perene e que perpassa pela triagem do real e dos discursos que se constroem sobre o tempo.

Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber*, desconstrói a noção de continuidades e sugere a percepção das discontinuidades como análises históricas. O autor concebe, ainda, que o descontínuo, enquanto forma do impensável, provoca uma inquietação. Essa noção de discontinuidade se tornou, recentemente, um dos elementos fundamentais na interpretação histórica:

[...] a noção de discontinuidade toma um lugar importante nas disciplinas históricas. Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos – decisões, acidentes, iniciativas, descobertas – e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos [...]. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica.⁸

Em consenso com Foucault, as histórias que se erguem nos relatos dos sujeitos independentes são observadas por meio do ritmo descontínuo, que atravessou e definiu suas marcantes trajetórias.

O recorte temporal é centrado na análise da paisagem da década de 1980, como reflexos de tempos transformadores que legitimaram performances juvenis livres, tema que possibilitou uma nova abertura a uma trilha de especificidades na investigação histórica acerca da história das mulheres. Nesse sentido, trazer à luz outros olhares sobre as mulheres nos anos 1980 constitui um desafio. O estudo tem a pretensão de visualizar as mulheres independentes não como uma via única na história ou como sujeito estático, mas como indivíduos, com experiências distintas,

⁷ PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 69.

⁸ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luís Filipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 9.

que se desdobram em múltiplas imagens. Assim, esse estudo procura distanciar-se da condição do sujeito feminista; consiste, assim, em visualizar o sujeito criado, como mulheres independentes, por sua complexidade individual ao construírem, propriamente, suas trajetórias e suas iniciativas livres. Sob essa ótica, as depoentes são percebidas como sujeitos históricos criados que revelaram em suas histórias de vida complexidades e possibilidades de análises.

É mote que as mulheres entram para a discussão histórica a partir do século XX. Porém, inicialmente, a família moderna teria dado passagem para a condição das mulheres, enquanto objeto nos escritos históricos, a partir do século XIX. Na percepção de Queiroz:

Os estudos em torno da condição feminina, enquanto objeto próprio dos pensadores sociais, é marca da experiência social no século XIX, e em que o trabalho e, sobretudo, o fabril, as colocava legitimamente fora do espaço doméstico e, mais adiante, na primeira metade do século XX, o processo de escolarização feminina ter-se descolado e adquirido extraordinária força, as dimensões políticas, sociais e escriturísticas desse processo vem mesmo ser catalisadas nos movimentos ditos feministas daquele século.⁹

Essa percepção acerca das mulheres se modifica nos anos 1980, quando as mulheres são visualizadas, sobretudo, como os próprios sujeitos de suas histórias e são envolvidas nos estudos ditos de gênero. Esses estudos, entrelaçados à cultura, modificam o olhar acerca das atuações de mulheres no campo historiográfico. Queiroz esclarece os deslocamentos criados em torno do uso do sujeito mulher:

Na década de 1980, esses estudos, ditos de gênero, trazem a teoria, pensada por mulheres essencialmente para um patamar de discussão que não é mais o do singular – mulher – mas do plural – mulheres, e ocorrem sob o signo dos estudos culturais. O ser mulher não é mais um dado da natureza e sim, uma construção cultural em incessante e permanente devir. Migra-se do dado, do fixo, do estabelecido para o movimento, que é ininterrupto, para o relacional, para o espetacular, para a incerteza.¹⁰

⁹ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 239.

¹⁰ QUEIROZ, 2006, p. 239.

Para tal entendimento, Foucault nos alerta sobre a produção do discurso e a materialidade, de que forma os sujeitos, de certo modo, estão imbricados em produções de discurso e em relações de poder:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.¹¹

Em consenso, os discursos em seu formato estabelecem uma produção de sentidos, que funcionam como sistemas de exclusão que põem à parte o jogo, o poder e o desejo e se apresentam desnivelados. O autor articula ainda sobre os procedimentos dos discursos em sociedade:

Em suma, pode-se supor que há muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que se dizem no correr dos dias e das trocas e que passam com o ato mesmo que o pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja os discursos, que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.¹²

As tensões surgem, nesse ofício, com o tratamento dado ao tempo e à forma como transparecem os acontecimentos nas fontes adotadas pelo historiador e, nessa tessitura, o tempo representa o grande desafio. Certeau traz à luz a compreensão acerca dos discursos e o lugar do outro, para a definição de uma “Operação Histórica”:

Entre estas duas formas existe tensão, mas não oposição. Pois o historiador está numa posição instável. Se dá prioridade a um resultado ‘objetivo’, se visa colocar no seu discurso a realidade de uma sociedade passada e a reviver um desaparecido, ele reconhece, entretanto, nessa reconstituição, a ordem e o efeito de seu próprio trabalho. O discurso destinado a dizer o *outro* permanece seu *discurso* e o espelho de sua operação.¹³

¹¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 9.

¹² FOUCAULT, 2004, p. 22.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Meneses. Revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 27.

Ao se preocupar com a história, o discurso e a realidade, Certeau desperta ainda para o esclarecimento da tensão interna, identificando-a como motor da explicação histórica, e apresenta duas posições de observação do real. Em sua análise para a explicação da ciência histórica, o real ocupa duas posições: de um lado o resultado da análise e, do outro, o seu postulado. O autor menciona essa relação:

De um lado o real é o *resultado* da análise e, de outro, é o seu *postulado*. Estas duas formas da realidade não podem ser nem eliminadas nem reduzidas uma a outra. A ciência histórica existe, precisamente, na sua relação.¹⁴

A escolha de uma episteme com a efetiva análise de um campo de relações, suas práticas e descontinuidades sugere um olhar atento e cuidadoso para a interpretação, porque revelam os caminhos delicados da escritura da história, que possibilitam a explicação do real. Assim, nesse ofício da escrita sobre as trajetórias de mulheres independentes, é necessário lembrar Foucault, quando alerta para as descontinuidades:

É preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos.¹⁵

Para além das descontinuidades, das rupturas, a análise histórica permite, ainda, que seja necessário o cuidado com o procedimento e com a tessitura teórica. Tratar acerca do objeto sujeito independente presente nas construções históricas significa evidenciar e capturar silêncios, buscas, sonhos, valores de uma nova percepção das construções identitárias das mulheres ao longo dos tempos.

As identidades, ao longo dos tempos, vêm sendo importante objeto de análise historiográfica. O declínio do parâmetro de identidade provocou a fragilidade e a fragmentação do sujeito moderno, em plena era pós-moderna. Hall argumenta que a

¹⁴ CERTEAU, 2011, p. 22.

¹⁵ FOUCAULT, 2008, p. 24.

chamada “crise de identidade” é observada como parte de um processo amplo de mudanças que tem deslocado as estruturas e os processos centrais da sociedade moderna. Nessa discussão, o autor sustenta que:

[...] um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado tinham nos fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.¹⁶

Sob essa ótica, o impacto da fragmentação do sujeito moderno provoca uma perda de sentidos, diante de si e do mundo social e cultural, que se convencionou denominar uma descentralização do indivíduo, não sendo possível a constituição da ideia de uma identidade fixa do sujeito e sim as possibilidades e o surgimento de várias identidades na pós-modernidade. Conforme analisa Hall:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada algumas vezes de um deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural como de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo.¹⁷

Por meio do foco no indivíduo, as mudanças se operam na percepção que o sujeito tem de si, desestabilizando a ideia estática de uma identidade moderna. Nesse sentido, o autor aponta três formas de concepção da identidade para a compreensão da crise do indivíduo. O primeiro, o sujeito do iluminismo, que tem por base a pessoa humana como centro e é dotado das capacidades de razão, da consciência e da ação. O segundo, o sujeito sociológico, que transparece a complexidade do mundo moderno e a consciência que o núcleo do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formado com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos. O terceiro modelo de sujeito, o pós-moderno, é definido pela ausência de uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito encontra-se em constante fragmentação e essa descentração é impressa pela velocidade

¹⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro, DPA, 2006. p. 9.

¹⁷ HALL, 2006, p. 9.

transformadora da era pós-moderna. Nesse sentido, esse indivíduo é definido historicamente e não biologicamente.

Para a compreensão da construção das identidades e da noção de sujeito pós-moderno, nesse estudo tornou-se necessário esclarecer o conceito de modernidade e os impactos da globalização que, segundo Hall, a modernidade não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida. Nesse sentido, sigo por esse caminho de análise, para o entendimento do indivíduo e das incompletudes que o definem.

Nessa travessia tortuosa e instigante da incompletude do eu, seguirei e, por essa direção, considerarei os possíveis desdobramentos de análise histórica. Nesse sentido busco operar com o conceito de “individuação” estabelecido por Guatarri,¹⁸ com a finalidade de desvendar o universo das singularidades e subjetividades que envolvem as mulheres. O entendimento das subjetividades individuais permite a observação cuidadosa do eu. Assim, nessa dinâmica, os indivíduos constroem sua historicidade.

Para o entendimento dos modelos identitários, das performances ditas femininas bem como da percepção dos investimentos pessoais e familiares, tornou-se urgente a compreensão do universo que se abria às mulheres em Teresina, nos anos 1980, tendo em vista que as experiências de independência incorporadas às mulheres são múltiplas e configuram construções históricas particulares e multifacetadas.

A escolha do conceito direciona-se para a compreensão, sensibilidade e percepção sobre como se constituiu o sujeito mulher independente. De que forma ele criou, forjou, arranjou e rearranjou suas estratégias, desafios e escolhas na construção do desejo de imprimir uma imagem de indivíduo, com práticas diferenciadas na gênese do sujeito que emergiu livre e se estabeleceu na velocidade dos anos 1980.

Guatarri e Deleuze,¹⁹ ao refletirem sobre o “Eu”, operam numa desconstrução total da ideia de sujeito criado na modernidade, com foco no princípio de Descartes.

¹⁸ GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. 4. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

¹⁹ GUATARRI, Gilles; DELEUZE, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Les Edições de Minuti, 2004.

Os autores propõem um deslocamento do sujeito e observam pela ótica do eu as subjetividades, que são continuamente construídas e que configuram uma trama de agenciamentos. Essa trama não pode ser dada, mas se revela em constante constituição. Assim, os autores apontam que não há como existir um formato comum a todos, como uma padronização, pois a subjetividade não é passível de totalização ou centralidade no indivíduo.

Por essa ótica, Guattari, em sua obra *Caosmose*,²⁰ afirma que a subjetividade é polifônica, plural, pois, para o autor, não há nenhuma instância estruturante e dominante que a determine segundo uma causalidade unívoca. Estabelece, assim, o conceito de “individuação”, propondo que toda e qualquer micropolítica central está presente na base da formação de subjetividades. Contrapõe a esfera da identidade tradicional numa tentativa de restabelecer uma reapropriação do conceito, numa possível subjetivação de singularidades distintas que envolveriam o indivíduo. Nesse sentido, o mesmo abarcaria processos de agenciamentos expressivos individuais.

Seguindo a cartografia micropolítica de Guattari²¹, pode-se agenciar que os indivíduos femininos em estudo são mapeados subjetivamente em processos íntimos de subjetivação. Rolnik²² nomeou o indivíduo de um corpo vibrátil, quando esse é afetado pelo impulso que o mesmo sofre, com as formas de apreensão e representação da realidade. O paradoxo que se manifesta como resultado da percepção no universo do sujeito:

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar e agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.²³

Porém, o entendimento dos indivíduos como corpos livres se faz necessário para a compreensão da flexibilidade do sujeito mulher, não sendo estes mais estáveis

²⁰ GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. 4. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006. p. 11.

²¹ GUATARRI, 2006..

²² ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

²³ ROLNIK, 2014, p. 21.

ou permanentes. Essa concepção direciona-se essencialmente à crítica ao uso do sujeito feminista. Nesse estudo, é notório que o uso do sujeito não se limita à condição pura feminista, assim como o é o atributo determinista dado ao seu gênero, mas à sua expressividade individualista, como detentora de múltiplos parâmetros identitários.

Em consenso, o estudo analisa as performances das depoentes como uma desconstrução de corpos individuais, que se revelam culturalmente e paralelamente aos discursos criados para sua legitimação, criticados pela máxima de Beauvoir, em sua publicação no livro *O Segundo Sexo*, quando sugere que a gente não nasce mulher, torna-se mulher,²⁴ expressão que provocou a construção de um sujeito que foi denominado feminino e singular.

Nesse diálogo importa perceber o sujeito analisado por Butler, ao considerar o corpo uma construção, conforme acentua: “Mas, o ‘corpo’ é, em si mesmo, uma construção, assim como o é a miríade dos corpos que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero”.²⁵

O debate acerca do estatuto do “sujeito feminino” é profundo e, após os estudos de psicologia, o foco do sujeito se direcionou para o outro, como unidade. Butler sugere que “em outras palavras, a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das mulheres”²⁶ assinalando que é preciso questionar as relações de poder, para a noção de diálogo. A autora alerta ainda que:

Em primeiro lugar, devemos questionar as relações de poder que condicionam e limitam as possibilidades dialógicas. De outro modo, o modelo dialógico corre o risco de degenerar num liberalismo que pressupõe que os diversos agentes do discurso ocupam posições iguais de poder e falam apoiados nas mesmas pressuposições sobre o que constitui ‘acordo’ e ‘unidade’, que seriam certamente os objetivos a serem perseguidos. Seria errado supor de antemão a existência de uma categoria de ‘mulheres’ que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade, etnia e sexualidade para tornar-se completa.²⁷

²⁴ “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. In: BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967. p. 9.

²⁵ BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 23.

²⁶ BUTLER, 2003, p. 23.

²⁷ BUTLER, 2003, p. 157.

Para o entendimento da crítica de Butler, a história natural dos ideais de masculinidade e feminilidade que cercam os homens e as mulheres acerca da concepção corporal foram vistos a partir da perpetuação da espécie. Corbin assinala que diversas lógicas estão voltadas para essa finalidade, diferenciando os corpos a partir dos sexos e da sua constituição física e moral, como argumenta no artigo “O encontro dos corpos”:

Diversas lógicas estão a esse propósito, em ação simultaneamente. O corpo da mulher e o do homem foram construídos pela natureza em vista da perpetuação da espécie. Toda a sua morfologia é decorrência disso. Os dois sexos, nesta perspectiva, diferem-se não apenas pela configuração de seus órgãos genitais, mas, também por sua constituição física e moral.²⁸

Por essa lógica da construção do corpo, observa-se que esses são permeados de discursos, provocando diversos e profundos debates acerca do sujeito mulher. No caso ocidental, são as formas como se apresentam, um instrumento que atribui poder às mulheres. Butler, ao refletir sobre as normas estabelecidas e a materialização dos corpos reflete:

Esta pergunta leva a algumas outras questões. Assim, deixem-me dar algumas outras respostas. Uma delas é que eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos, os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue.²⁹

Nesse sentido, os discursos acerca das descontinuidades do corpo nas sociedades industriais fragmentam a própria concepção dada como conceito de mulher no âmbito do ideal feminista. Essa desconstrução é visível por meio da complexidade das mulheres. Haraway afirma que as identidades estão fraturadas, que “têm-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo”,³⁰ quando

²⁸ CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. Revisão da tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 185.

²⁹ PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 163, jan. 2002.

³⁰ HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 47.

ratifica essa desconstrução: depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”.

A complexidade atribuída às mulheres desmonta o conceito de mulher no sentido singular, mas oferece amplas possibilidades para o entendimento dos autênticos universos a serem lidos nas trajetórias dessas mulheres. Nesse estudo, sob a luz historiográfica, pretende-se visualizar as mulheres como indivíduos, sob a ótica e na captura moldada na dança dos discursos, das discontinuidades e das subjetividades.

1.3 A metodologia e o perfil das depoentes em estudo

A metodologia escolhida para o estudo foi aplicada a partir da seleção do modelo de mulheres escolhido para os depoimentos. Essa amostra foi definida previamente mediante os seguintes parâmetros adotados na pesquisa: o primeiro, pertencer ao extrato social médio e médio baixo, ter vivido a maior parte de sua trajetória na capital, Teresina, onde tenham acumulado experiências diversificadas, projetos e expectativas de mudanças em suas carreiras. A condição de imigrante foi relevante para o entendimento da postura adotada nas experiências, longe da família e do lar. Porém, importa enfatizar que nenhuma condição relacionada ao estado civil, filhos ou não, foram exigidas. A amostra se refere à performance de indivíduos que são oriundos de um modelo de família que se estruturou sob as bases tradicionais e apresenta classes sociais e etnias diversificadas.

Nesse sentido, durante o recorte em estudo, as depoentes corresponderam ao parâmetro de sujeitos de classe média e classe média baixa, que à época estavam na faixa etária de 18 a 25 anos. A amostra concentrou o foco na pesquisa com sete mulheres com acúmulo de experiências diferenciadas e vivências independentes na transição da etapa juvenil para a fase adulta.

O quadro definido para a amostra de mulheres analisadas foi estabelecido com padrão distintos de etnia, que apresentou 1 negra e 6 pardas que, atualmente, compõem a faixa etária de 50 a 60 anos, com papéis autônomos em sociedade, todas com nível superior, atuando em diferentes áreas (uma economista, duas administradoras, uma enfermeira, três professoras, das quais duas são assistentes sociais, e uma educadora física). As origens das depoentes apresentaram-se em dois

estados diferentes, sendo 6 oriundas do Piauí e uma do Maranhão, porém, todas com vivências escolares e acadêmicas em Teresina nos anos 1980. As depoentes tinham como estado civil, à época de juventude, a condição de solteiras, porém com o passar da década, todas constituíram família.

Nessa análise, a abordagem qualitativa revela determinada importância ao estudo. O uso da oralidade possui uma dimensão múltipla para enriquecer a pesquisa e apresenta diversas possibilidades de técnicas de análises e coletas de dados. Contudo, a história de vida é de significativo valor, pelo levantamento de informações orais bem como pela proximidade dos tempos presente e passado, possibilitando uma construção das histórias individuais, assim como oportunizam a dinâmica de memórias e reminiscências vivas acerca do tempo vivido, em forma de relatos, que ressignificam representações e historicidades acerca do objeto em estudo. Nesse sentido, as histórias de vida permitem a constituição de memórias e as lembranças são caminhos possíveis para o entendimento desses cenários, tramas e desejos, como é evidenciado no ofício com a História Oral. Assim, o apego à memória, para a compreensão entre história e memória, tornou-se necessário. Chartier³¹ defende seu uso na escrituração histórica conforme citou: as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado.

Seguindo essa forma metodológica, as entrevistadas foram convidadas a narrar livremente suas trajetórias, juventude, projetos de vida e expectativas. Ao recordar suas histórias, as depoentes trouxeram de volta as imagens de juventude, as alegrias dos sonhos, da luta, dos amores, das conquistas do passado.

Na coleta de dados foi possível identificar a escolaridade dos pais das depoentes. Observou-se que a escolaridade ou a falta dela foram determinantes para as escolhas pela escolarização para as filhas. Mesmo não sendo o cerne desse estudo, é importante citar que o exemplo da escolaridade em família muito afetou as decisões acerca das escolhas nas carreiras das depoentes. No entanto, as histórias de vidas relatadas apresentam os pais das depoentes com escolaridades diferenciadas. Numa ampla análise, na pesquisa, são seis modelos de pais escolarizados e uma mãe sem escolarização. Porém, a qualificação das mães é

³¹ CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Nunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

relevante em três depoimentos, sendo superior ao dos pais, que apresentam somente o Ensino Fundamental. Em dois relatos, somente, os pais apresentam nível superior e num único depoimento os pais se equiparam ao nível de Primeiro Grau.

A análise da amostragem observada registrou que a imagem da maioria das mães interferiu na escolarização das filhas, bem como os pais revelaram já influenciar a educação feminina. No caso da amostra de pais com pouca ou nenhuma escolarização, essa amostra também se definiu por incentivar modelos diferenciados de mulheres independentes.

É importante notar que os pais, ao buscarem acompanhar as mudanças decorrentes desse momento, ousaram também com suas práticas mais abertas se modernizarem frente aos resquícios de autoritarismo da educação tradicional. Esses pais, já moldados pelos signos anteriores das décadas de 1960 e 1970, são unânimes em sonhar um futuro promissor independente para as filhas, embora ainda estivesse atrelado à conciliação do matrimônio. Observou-se nas entrevistas que a mudança na família provocou a liberdade de escolhas e expectativas das filhas em Teresina.

Um outro dado apontado nas entrevistas tem relação com a expansão dos equipamentos tecnológicos, o acesso da Televisão de forma mais rápida a uma grande parte da população, com a instalação de novas lojas de eletrodomésticos em Teresina. O sinal da TV Clube, ao mostrar as imagens coloridas nos anos 1980 e novas possibilidades de caminhos e linguagens para as mulheres, muitas vezes, com programas mais críticos a esses comportamentos tradicionais, contribuiu para forjar uma mentalidade mais aberta na família e nas relações entre pais e filhos, bem como conduziu temas como moda, sexualidade, casamento e juventude, a partir dos programas e novelas exibidos às famílias em Teresina. Além disso, os meios de comunicação favoreceram a mudança das jovens do interior para a cidade.

O deslocamento de algumas famílias para a cidade de Teresina envolvia projetos de escolarização e carreira para as filhas, sendo que estas, ainda em fase adolescente, migravam para a cidade grande, levando sonhos e esboçando projetos de vida. Nesse sentido, as depoentes imigrantes se desdobravam em mulheres com autonomia na adolescência, enfrentavam ainda na juventude, as batalhas de se afastarem da família, em fase adolescente, com 15 anos, para estudarem na capital. Iniciavam no mundo adulto, cheias de esperanças e sonhos, mas com a tristeza de sair do seu lugar de origem, do rompimento com a paz da vida familiar do campo, distantes dos pais, para enfrentarem a capital e morarem em locais, muitas vezes,

divididos com pessoas diferentes com outros costumes e pertencentes a outras famílias, em Teresina.

1.4 O recorte espacial: Teresina e a configuração do cenário 1980

É mote que a cidade revela o prisma e os signos das mutações contemporâneas. Nesse sentido, Queiroz define a cidade como ícone moderno, como lugar por excelência da liberdade e da criação, a cidade é em si mesma, constitutiva da vida moderna. Nessa direção, criada sob a imagem de modernidade, Teresina foi projetada por Conselheiro Saraiva às margens do rio Parnaíba, como Vila Nova do Poti, ao ambicionar torná-la sede do poder político e administrativo em meio às fortes tensões ocorridas com a transferência da primeira capital, Oeiras. Os argumentos apontados por Saraiva para sua escolha pela Vila Nova do Poti como local apropriado para a finalidade de desenvolvimento são analisados por Queiroz:

A publicação dos documentos oficiais, nos quais Saraiva participa suas pretensões ao Ministro Monte Alegre, permite o acesso de forma meridiana ao projeto voltado ao desenvolvimento da província. Em seus propósitos incluíam-se a navegação fluvial, a transferência de sedes de municípios para a margem do rio Parnaíba e a mudança da capital. Saraiva justificava também seu magistral projeto pelos objetivos de facilitar as relações políticas e as comunicações do Piauí com a corte e o resto do império, por ser o município do Poti o mais agrícola da Província, apresentando boas condições de salubridade e, ainda, por fazer frente com a mudança a concorrência de Caxias sobre o comércio provincial.³²

Teresina incorporou os interesses das façanhas políticas locais, desde a transferência da capital; é um espaço definidor de valores e costumes que revelam o desenho de sua população que no correr dos dias, conquista sua modernidade. A cultura, durante os tempos passados, a definiu como lugar múltiplo de significações e articulações complexas, de identidades que ousam se reconfigurar na baliza do século XXI. Nesse sentido, Queiroz alerta:

Pensar cultura no limiar do século XXI significa refletir a articulação entre diversos níveis de experiência societária, pensar teias de relações que esses estabelecem nos níveis mais elementares e pouco refletidos da vida cotidiana, em sua aparente simples materialidade,

³² QUEIROZ, 2006, p. 25.

porém, implica, sobretudo, realçar um jogo especular de significações que se constroem face ao enredamento dos pequenos grupos em si e com uma sociedade que se compreende também mundializada.³³

A cidade de Teresina refletiu nos últimos 50 anos do século XX o cenário de uma cidade que se via submergida pelos signos que marcaram a travessia dos anos 1960 e 1970. Uma paisagem impactante e transformadora se apresentou no tocante às profundas mudanças dos hábitos e costumes juvenis. Em meados desse século, a juventude brasileira marca sua presença na cultura ocidental e se faz notar por todo o restante deste século.

Há uma intensa migração do campo para a cidade, a partir dos anos 1950. Efetivamente esse fenômeno vem a acelerar na década de 1980, com a entrada de capital estrangeiro no país que impulsiona as mudanças nas grandes cidades e capitais brasileiras sob a luz da urbanização. Esse fenômeno é apresentado por Oliveira e Castelo Branco:

Nos anos 1950, e mais intensamente nas duas décadas seguintes, ocorre um intenso crescimento da população urbana, oriundo principalmente do movimento migratório da população do campo para a cidade. Tal crescimento reflete uma política de integração nacional e a entrada do país de grande capital estrangeiro, que serão utilizados para a consolidação do processo de urbanização das grandes cidades e capitais brasileiras.³⁴

Nos anos 1970, com o crescimento populacional, a cidade toma novas proporções ao surgirem a favelização e a especulação imobiliária, que transformou e expandiu a cidade. Oliveira e Castelo Branco apontam que nesse cenário apresentavam-se áreas densamente povoadas, mas destituídas de serviços urbanos, favorecendo a periferização e o favelamento da cidade.³⁵

O decênio de 1980, em consequência, apresentou conflitos sociais decorrentes no sentido da ânsia populacional pela reorganização urbana. A Prefeitura Municipal apresenta o II PET, determinado pela Lei Municipal nº 1932, de 16 de agosto de 1988, como instrumento normativo e orientador dos processos de transformação urbana nos seus aspectos político-sociais, físico-ambientais e administrativos do poder público

³³ QUEIROZ, 2006, p. 24-25.

³⁴ OLIVEIRA; CASTELO BRANCO, 2016, p. 100.

³⁵ OLIVEIRA; CASTELO BRANCO, 2016, p. 101.

municipal. Nesse sentido, Oliveira e Castelo Branco afirmam que o cenário de Teresina apresentava sutilmente suas mutações:

Em meados dos anos 1980, o espaço urbano de Teresina começou a sofrer significativas modificações. A intensificação da ocupação dos espaços da cidade pela população que migra para a Capital piauiense gera o surgimento de agrupamentos urbanos deslocados de um planejamento ocupacional com um mínimo de infra-estrutura.³⁶

A reorganização da cidade envolveu a relação Estado e sociedade civil, no sentido de atender às propostas da nova carta constitucional de 1988, provocando uma reorientação das decisões dos sistemas políticos, como analisa Lima:

A partir dos anos 80 as discussões sobre o poder local e as relações entre governo e sociedade ganharam centralidade na agenda pública. A experiência do autoritarismo e a dívida histórica com a cidadania provocaram um repensar sobre as relações entre Estado e sociedade civil e a condução dos negócios públicos. Este movimento, como é sabido, resultou na reorientação das regras do sistema político de decisão, segundo os princípios da descentralização político-administrativa e da participação democrática, e na introdução de novos instrumentos de controle social, conforme preceitua a Carta Constitucional de 1988.³⁷

Nesse sentido, o tempo recortado são os anos 1980, que apresentaram à Teresina um cenário multifacetado, onde a capital desenhou-se como uma cidade atravessada pela força das mutações econômicas e políticas da década anterior, que invadiam o país e manifestavam-se ainda como resultados provocados pelo impulso recente da tecnologia. A capital, então, era movida pelos arroubos da informação que invadiam as casas por meio da TV e descortinavam uma outra possibilidade de futuro para a capital. Assim, também forjavam múltiplas possibilidades de vivências para as mulheres, resultando na construção de uma mentalidade juvenil com ânsia por uma maior independência no plano da carreira e da vida doméstica. Esse constitui o recorte espacial desse estudo. A capital, nessa década, é privilegiada por uma emergência das propagandas de modelos femininos mais livres, que eram destaques nos jornais,

³⁶ OLIVEIRA; CASTELO BRANCO, 2016, p. 101.

³⁷ LIMA, Antônia Jesuíta. A atuação de governos locais e as políticas urbanas no contexto de descentralização das políticas públicas. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, Mundialização e Estados Nacionais: a questão da emancipação e da soberania, 2., 2005, São Luís, Maranhão. *Anais...* São Luís: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, UFMA, 2005. p. 1.

nas revistas e na TV e exigiam das mulheres jovens múltiplas performances: que acompanhassem o discurso de uma “nova era” bem como os signos urbanos e econômicos de um possível “novo tempo”. Esse fenômeno fez emergir, na capital do Estado, um perfil diferenciado de mulheres, que por meio dos estudos, da possibilidade de imigração, viriam, também, redefinir seus sonhos, valores e desejos, esperançosas de alinhar-se a uma época singular para as mulheres.

A cidade de Teresina acompanhou, ainda que de forma discreta nesse ritmo temporal, o movimento da segunda metade do século XX, quando as cidades passaram por mudanças estruturais e significativas, com a introdução do modelo de “modernização brasileira”, com elementos que provocaram o viver urbano, a intensa imigração, que fez o desenho da cidade se ampliar, os signos culturais que redefiniam espaços urbanos e as novas sociabilidades para a juventude. Traziam também uma energia das décadas anteriores de luta pela inserção ao mercado de trabalho, além da urgência de uma “modernização urbana” que afetou a capital, com o impulso educacional, definições de comportamentos “femininos” ditados pelos meios de comunicação, jornais, revistas e TV que provocaram um arquétipo de mulher que vive em Teresina, experiências de independência, sociabilidade, imigração e escolarização.

Tal qual o reflexo de Istambul nas memórias de Pamuck³⁸ quando ousa desvendar a melancolia, os mistérios e a beleza da capital do Império Otomano, Teresina pareceu absorver um movimento descontínuo e impactar sobre aquelas que nasceram, migraram e vivenciam suas histórias na capital, moldando-as enquanto indivíduos e marcando suas memórias e histórias. Pamuck pareceu visualizar num espelho divergente a sua cidade, decifrando um espectro todo seu de Istambul. Nesse sentido, é possível também, lançar um outro olhar sobre Teresina, no cenário dos anos 1980. A capital transformava-se num outro espaço contemplativo de possibilidades de trabalho, de estudos e de vivências, apesar do cenário crítico das crises que afetaram o país, sob o efeito das calamidades, imigração e dos problemas econômicos impulsionados pela globalização.

Para capturar a visualização do panorama que se ampliou como um novo momento, nos anos 1980, observei uma emergência de iniciativas comportamentais

³⁸ PERES, Marcos Flávio. Leia entrevista exclusiva com o escritor Orhan Pamuk. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima, 23 maio 2010.

conectadas às posturas de um modelo próprio de mulheres, veiculadas nos jornais circulantes em Teresina. Tomei como ponto de análise as experiências vividas por sete (7) mulheres, que narraram suas trajetórias durante o momento de vivências na cidade de Teresina. Além desse caminho, observei crônicas do jornais *O Dia* e *Estado*, que imprimia e criticava uma adaptação temporal às mulheres ditas modernas, justificada nos valores contemporâneos e alinhados à época.

No tocante à cultura, de forma sutil, a cidade é absorvida pelas mudanças provocadas nas instituições estaduais na década anterior, após a criação da Secretaria Estadual de Cultura no Governo Alberto Silva, em 1973, sendo essa considerada uma fase próspera para a cultura no Piauí, como transição para a década de 1980, essas mudanças visavam não tão somente a divulgação literária para homens e mulheres sobre a história piauiense, mas a constatação de lugares de memórias, como cita Guerra:

As obras históricas lançadas pelo Plano Editorial tratavam, basicamente, de duas temáticas: a colonização e a independência, aspectos fundadores da história local. Caracterizáveis como história pedagógica, com efeito, funcional e principalmente, simbólico, essas produções historiográficas seriam, de acordo com a definição de Pierre Nora, lugares de memória.³⁹

Importa notar que esse plano visava à época, na fala governamental, incentivar a publicação de obras inéditas, e favoreceria homens e mulheres ao mundo literário. De certo modo, essa intenção remete a intenção que Moura explicita, em seu artigo “Estado e produção historiográfica piauiense”:

Tornava-se necessário editar obras sobre o Estado do Piauí, de caráter literário e histórico, que estavam esgotadas e esquecidas pela população piauiense, além de proporcionar a publicação de obras inéditas. Assim, o Plano Editorial atuou contra aquilo que o governador Alberto Silva caracterizou de ‘pessimismo crônico’, pois pretendia favorecer que homens e mulheres, ricos de imaginação e inteligência, mas pobres de recursos financeiros, vissem publicados suas produções culturais.⁴⁰

³⁹ MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações de escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015. p. 202.

⁴⁰ MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. Estado e produção historiográfica piauiense.

Disponível em:

<<http://www.uespi.br/prop/siteantigo/XSIMPOSIO/TRABALHOS/PRODUCAO/Ciencias%20Humanas%20e%20Letras/ESTADO%20E%20PRODUCAO%20HISTORIOGRAFICA%20PIAUIENSE.pdf>>.

Acesso em: 20 fev. 2016.

O incentivo à literatura e história no Estado provoca, dez anos depois, por criação do Governo Hugo Napoleão, a criação do Projeto Petrônio Portella. A mídia passou a atuar na produção de subjetividades, criando uma multiplicidade de representações femininas, que eram construídas por meio da leitura dos jornais, dos programas de TV e de elementos culturais, como a música, os filmes, as novelas e programas de televisão. Nesse sentido, percebe-se que os espaços e conquistas de cidadania que foram abertas às mulheres, ainda nos anos 1960 e 1970 foram definidoras desse recente modelo de conduta que se construiu na década de 1980. Performances que se fortaleceram com fatores como a legitimação da Lei do Divórcio de 1977, o maior acesso à educação formal e a conquista feminina de decidir e quando optar pela maternidade.

Essas nuances modernizantes e descontínuas provocaram nos anos 1980 a legitimação do que se chamou uma “reinvenção das mulheres”, bem como de seus papéis em família e em sociedade. Observou-se que entre os anseios juvenis estava a consolidação de participação feminina, de forma consistente, nas escolas, nas universidades, no mercado de trabalho e a preocupação com a profissionalização em primeiro plano, em relação ao matrimônio. Pretende-se, com esse estudo, investigar essas nuances, adentrar os universos femininos, conhecer a incompletude revelada na história dos desejos, sonhos, medos e expectativas desse modelo de mulheres que surgia no alvorecer dessa década em Teresina. Albuquerque Jr., ao refletir o lugar do sujeito, lembra que “é preciso desnaturalizar a região, problematizar a sua invenção, buscar a sua historicidade no campo das práticas e discursos”.⁴¹ Nesse sentido, longe de ser um espaço homogêneo, segundo o autor, a região é aberta, móvel, atravessada por diferentes relações de poder. Transforma-se. E nessa dinâmica, “o Estado pode ser chamado ou não a colaborar na sua sedimentação”.⁴²

Sabe-se que os parâmetros educacionais femininos são uma exigência, desde o final do século XIX até as primeiras e últimas décadas do século XX. Assim, é importante lembrar que, desde dessa época, a educação feminina despontou com um considerável número de alunas que em Teresina frequentavam as escolas públicas. Conforme esclarece Castelo Branco,

⁴¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3. ed. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2006. p. 26.

⁴² ALBUQUERQUE JR, 2006, p. 26.

A educação foi direcionada para o aprendizado de atividades domésticas e de um bom comportamento nos salões de festas. As oportunidades de acesso à educação formal eram poucas e, dificilmente, passavam do aprendizado da leitura e da escrita, raramente elas frequentavam a escola por mais dois ou três anos letivos.⁴³

Um longo e árduo percurso de construção da escolarização tem sido o caminho seguido pelas mulheres em suas trajetórias pela vida independente e resistente aos costumes da casa e do lar até o final do século XX.

As variantes “modernas” e os signos da pós-modernidade atingiram a família nessa década, quando esta instituição deixa de ser a referência predominante. Porém, as melhorias com as políticas públicas voltadas para as mulheres, a criança e a família, surgem novos parâmetros atrelados ao papel feminino. Entre essas alterações, nos anos 1980, os casamentos legalizados apontam uma queda, registrando, efetivamente, que as uniões não permaneceram. Os casais passam a viver de maneira mais informal, sem a legalização da união. Nesse sentido, outros modelos de conjugalidades surgiram e os perfis de mulheres tornaram-se flexíveis, como afirma Pinsky.⁴⁴ A autora atribui essa ótica à ideia de ampliação do universo feminino, no sentido da leitura, da informação, quando a mesma cita: elas estudam, trabalham, viajam, leem jornais, veem TV, têm acesso às informações sobre o país e o mundo, dirigem automóveis.

Sabe-se que a mudança comportamental ocorrida nas práticas do sujeito feminino já ocorria há algumas décadas. Para Scott⁴⁵ foi uma longa estrada percorrida, com percalços e desvios, mas que se mostra, aparentemente sem volta. Junto com as mulheres, as famílias também mudaram de maneira muito rápida, se compararmos o século XX e início do século XXI aos períodos anteriores.

Ao estatuto inerente às mulheres foram vinculadas várias imagens femininas, assim, sabe-se que há a impossibilidade que estas correspondam a uma única definição de sujeito histórico. É preciso, agora, vinculá-las às experiências plurais, às múltiplas performances e à diversidade de expectativas em relação à construção de

⁴³ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 79.

⁴⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 513-543.

⁴⁵ SCOTT, Ana S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-42.

suas histórias de vidas. A flexibilidade está em suas identidades plurais, nas formas de constituição de seus corpos, sonhos e projetos de vivências. A cidade, então, pareceu absorver essas histórias de vida e reemergiu com elas.

O cenário político da cidade de Teresina, no início da década de 1980, foi representado pelas mudanças do governo Lucídio Portella Nunes, que governou de 1979 a 1983. Nos primeiros anos, o estado atravessava difíceis momentos, refletidos pela crise do sistema educacional brasileiro. No início da década, havia sinais do fim da Ditadura militar, com o evento da redemocratização e a proposta de uma abertura política. Em 1982, as eleições para os governos estaduais iniciavam um novo cenário político no Estado, com as eleições diretas e a reabertura para o pluripartidarismo.

No enredo político, o primeiro governador eleito pelo voto direto foi Hugo Napoleão do Rêgo Neto e seu vice, Raimundo Bona Medeiros, ambos representando o partido da Frente Liberal (PFL). Essa dinâmica política piauiense seguiu o ritmo do Presidente João Batista Figueiredo e seu mandato revelou uma política mais branda e livre, ainda no regime de Ditadura Militar. Em 1985, o país é movimentado com as manifestações pelas “Diretas já”, movimento de lutas pela redemocratização do país, que representou um divisor de águas na política brasileira. Era o momento da abertura política. Havia tentativas e esperanças de reestruturação econômica brasileira, com o início da chamada “Nova República” e com a candidatura de Tancredo Neves. Porém, esse candidato não chegou a assumir o cargo, passando a função ao seu vice, José Sarney. De certo modo, a travessia para os anos 1980 apresentou-se bastante desafiadora e conflitante, com os reflexos confusos da imagem econômica do país, que passou por sérias crises durante a redemocratização. A variação econômica e o desequilíbrio revelavam-se. Havia ainda a tentativa de estabilidade política e o controle da inflação.

Por outro lado, o período de redemocratização teve como marca essencial uma ampla extensão de imprensa no Estado, quando surgiram vários canais de informação ao público piauiense, diversas rádios FMs e jornais impressos, acadêmicos e alternativos. Porém, o movimento de controle dos canais de mídia é observado assim como uma concentração de propriedade dos meios de comunicação. Um detalhe é que a ampliação dos canais de TV permitiu que as televisões adentrassem as casas e o livre acesso à comunicação a um número maior de pessoas. Esse fenômeno provocou o impulso rápido das informações por meio das novelas, dos programas e das propagandas de TV.

No tocante à vida cultural no Estado, algumas instituições, vieram reforçar a leitura crítica dos jovens e a extensão cultural, mesmo que ainda de forma lenta. Anteriormente, a criação da Universidade Federal do Piauí na capital em 1969 e na década de 1970, a ampliação de cursos superiores para mulheres possibilitou maiores oportunidades na área da educação no Estado, com a oferta de campos de trabalho, antes inexistentes na capital do Piauí. Ao contrário dessa década, nesse recorte observou-se a flexibilidade das famílias em aceitarem a profissionalização e a educação para as filhas em escolas mistas e a conquista de carreiras em campos de domínio masculino. Nesse sentido, o modelo de mulheres que sonhava com a independência financeira passou a buscar outros espaços de lazer, de cultura e entretenimento. Muitas delas continuaram a arriscar a experiência da imigração de lugares distantes, do interior da capital para as realizações de seus sonhos e projetos de vida, fora do espaço do lar.

A tentativa de análise sobre esse modelo de sujeito feminino, que emergiu na paisagem da década de 1980, em Teresina, requer compreender, significativamente, as iniciativas do sujeito mulher no decorrer do tempo enquanto sujeito independente, seus perfis, sonhos e projetos para se lançar ao mundo pós-moderno em ebulição e, de certo modo, com sintonia e alinhadas aos princípios políticos de cidadania. Importa compreender como este modelo de sujeito “feminino” confrontou-se com os modelos de conjugalidade definidos à época, as formas de revestir-se de manhas e artimanhas para alcançarem as expectativas de sujeitos femininos livres em Teresina.

Nesse sentido, iluminar outras performances de vivências femininas, marcadas por suas trajetórias, na década de 1980, possibilitou compreender o universo desse modelo de mulher, os sonhos, os prazeres, as conquistas, os medos, as formas de idealização do matrimônio e da maternidade, ainda presentes, fortemente, nesse momento.

1.5 As mulheres e os modelos identitários independentes

Ao pensarmos a construção dos sujeitos femininos independentes, no final do século XX, é necessário compreendermos os desdobramentos de imagens provocadas no sujeito feminino e as representações que distanciaram as mulheres do modelo cristão, incorporados ao casamento e à maternidade. Segundo Pinsky, era a

concepção de uma dada “natureza feminina”.⁴⁶ Assim, a autora aborda que na primeira metade do século XX, as mulheres eram, por natureza, destinadas ao casamento e à maternidade. Considerado parte integrante da essência feminina, esse destino surgiu como praticamente incontestável. Assim, as imagens femininas se multiplicaram de estereótipos que moldaram suas performances até as décadas finais do século XX. Exemplos desses são explicitados por Pinsky: “a mulher casta”, “a moça de família”, “as jovens modernas”, “a boa moça”, “a boa esposa”, “a esposa feliz”, “a solteirona”, “a boa mãe”, “a dona de casa ideal” e tantos outros modelos incorporados ao sujeito feminino, com a intenção de modelar perfis às experiências familiares das mulheres.⁴⁷

Esse ideal de feminilidade e conjugalidade atravessaram as performances das mulheres em Teresina até os anos 1960. Em consenso com Cardoso, uma vez justificado o medo de que as mulheres deixassem de desempenhar os papéis familiares à época, considerados basilares à sobrevivência da família, da espécie e da sociedade, a mulher foi significada como naturalmente *mãe*. Porém, à mesma época, as mulheres que não constituíam matrimônio, eram vistas com outros olhares pela sociedade. Cardoso argumenta que nos anos 1920, as mulheres que optavam pela liberdade em relação ao casamento, viam no casamento as representações negativas de falta da liberdade, conforme a autora esclarece que para algumas mulheres dever, submissão, sofrimento, angústia, jaula, limite e morte eram os sinônimos do casamento. Com efeito, para algumas mulheres era preferível a condição de solteira à de casada.⁴⁸

Claro está que o desejo expresso da liberdade nas mulheres não é novo, mas se reconfigura em sintonia e concomitante às suas épocas, no início do século. Em Teresina, esse modelo ao ser veiculado pela literatura circulante apontava já no início do século XX, as preocupações com o evento do matrimônio. Cardoso argumenta os fatores que contribuíram para desencadear essa reação em algumas mulheres:

Em Teresina o ingresso feminino na imprensa, o aumento do nível de escolarização e a identificação do feminismo tornaram possíveis a expressão da insatisfação e do ressentimento das mulheres em

⁴⁶ PINSKY, 2013.

⁴⁷ PINSKY, 2013.

⁴⁸ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

relação ao casamento. Contudo, o debate acerca do casamento na cidade, não assumiu a mesma dimensão verificada no Rio de Janeiro e em São Paulo.⁴⁹

Nesse entendimento, no final do século XX um outro modelo de mulher foi incorporado ao ritmo da tecnologia, promovido pelos jornais e TVs em âmbito nacional e foi impactado pela urgência das novas facetas tecnológicas midiáticas e pela linguagem veloz dos meios de comunicação. Assim, a representação de um ideal de mulher moderno e independente foi aperfeiçoado e veio corresponder aos ideais de sonhos das jovens nascidas na capital ou não, porém que viviam em Teresina e faziam parte da mesma geração que buscava a fuga dos antigos rótulos sociais, por meio do trabalho e dos estudos.

Inicialmente, o modelo veiculado na mídia emergiu com a crise da família moderna e foram marcadores de uma geração de mulheres a partir dos anos 1960. Vaitsman cita que a expansão das classes médias urbanas e o aumento da participação feminina na esfera pública, em atividades educacionais, profissionais, científicas, políticas e culturais, começam a corroer as bases da família conjugal moderna. Uma geração de mulheres nascidas em torno dos anos 1950, com efetiva participação no mundo público, provocou a construção de identidades com critérios de autorrealização diferente daqueles típicos da dona de casa de classe média da geração anterior. Nesse sentido, as mulheres como indivíduos emergem unidas às transformações na sociedade contemporânea. Vaitsman argumenta ainda que:

A constituição social das mulheres como indivíduos é parte dos movimentos e tendências que surgiram em diferentes lugares como vozes de diferentes categorias – raciais, sexuais, étnicas – lutando contra formas específicas e localizadas de opressão. Desde a segunda metade deste século, estes movimentos e tendências se conformaram como uma crítica social, cultural e política a algumas das configurações de poder dominantes no mundo moderno e, por isto, vêm sendo chamados de pós-modernos.⁵⁰

É notório que as últimas décadas do século XX marcaram uma configuração histórica considerada pós-moderna, quando os comportamentos de padrões fixos e ditos femininos transformaram-se em plurais e flexíveis. Nesse cenário, esses perfis

⁴⁹ CARDOSO, 2010, p. 358.

⁵⁰ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 97.

estão ligados às mudanças efetivas sociais das décadas anteriores, envolvendo uma redefinição de práticas que se convencionaram denominar gênero feminino. Pinsky assinala que a partir dos anos 1960 uma série de transformações levaria a enormes mudanças nas imagens de mulher, apresentando uma era dos modelos flexíveis, que como a autora revela, os chamados “Anos Rebeldes” marcaram o início da era que chega aos dias de hoje com fronteiras borradas, polarizações desfeitas e identidades cada vez mais plurais. Atitudes comportamentais que se deslocaram das condutas tradicionais para o ideal de corpos livres e sem estereótipos nas décadas finais do século XX. Esse estudo é relevante no sentido de entendermos a constituição desse modelo e as mudanças comportamentais na mentalidade juvenil de determinadas mulheres na década de 1980. Nessa direção, a autora como reflete ainda:

É importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos de ser, agir, sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas de vida que fazem. Os discursos sobre o ‘que é próprio da mulher’ ou ‘qual seu papel’ afetam também as políticas públicas, o valor dos salários, a oferta de empregos, as prescrições religiosas, os procedimentos jurídicos, a educação oferecida até o trabalho dos cientistas em cada época.⁵¹

Por esse caminho, o estudo direciona-se para a percepção desse modelo identitário de sujeito feminino, refletido e recortado por meio da oralidade das histórias de vida de mulheres, as quais demarcam as fontes prioritárias escolhidas para esse estudo. Além desta, o aporte das crônicas selecionadas no jornal *O Dia* circulante em Teresina e que fez uso das imagens construídas na literatura do cronista Arimatéia Tito Filho acerca das sociabilidades, do trabalho, da família, bem como da escolarização. Compreender como esse formato de modelo de indivíduos foi veiculado como padrão criado para a composição de um novo arquétipo de sujeito “feminino” na sociedade piauiense. As entrevistas com sete (7) mulheres, em idade juvenil, entre 18 e 25 anos, à época do recorte em estudo, expuseram que as mudanças refletidas, nesse cenário, demonstraram a constituição de novos valores por um determinado grupo de mulheres concomitantemente à busca pela ruptura de resquícios de antigos padrões e valores que provocaram a construção de outros

⁵¹ PINSKY, 2013, p. 470.

projetos de vida em mulheres de estilos mais firmes, livres e que constituíram marcadores de performances singulares no decorrer dos anos 1980.

1.6 O artefato metodológico, objetivos e fontes

Na travessia da década de 1980, o entendimento da construção de um modelo de sujeito independente em Teresina constitui artefato essencial para a compreensão das trajetórias das mulheres que viviam na capital em busca de novas formas de vivências e experiências que foram, singularmente, traçadas no decorrer dessa década. Para esse registro, tornou-se necessário o uso da oralidade aplicada às histórias de vida de sete mulheres, em sua fase juvenil, com idades entre 18 a 25 anos. Essas mulheres definiram em suas trajetórias singulares, experiências que permitiram compreender o início dessa década e, assim, compreender seus agenciamentos, como sujeitos, que transformaram as concepções de ser e constituir-se uma mulher livre e considerada, à época, moderna.

Atualmente, as depoentes encontram-se entre a faixa etária de 50 a 60 anos. Para o levantamento da pesquisa, foi realizada uma análise inicial, por meio da coleta de entrevistas livres com sete mulheres, das quais, cinco (5) faziam parte da classe média e 1 da classe média baixa. As mesmas apresentaram trajetórias distintas em suas vivências como mulheres que construíam performances e padrões diferenciados em Teresina, ao buscarem seus sonhos e planos de futuro. Elas, hoje, acreditam terem alcançado seus ideais de independência. Essa amostra revela que todas são funcionárias públicas, concursadas, independentes em suas trajetórias e na atualidade obtiveram seus sonhos, planos e expectativas, como mulheres com autonomia e que ascenderam na escala social.

Observou-se no estudo que a variável definida pelo casamento apresentou-se em suas trajetórias de forma similar. Com referência ao estado civil, a amostra analisada revela três (3) sujeitos que constituíram família e continuam a viver com os mesmos cônjuges, três (3) constituíram família e, atualmente, são divorciadas e 1 constituiu família duas vezes e está na segunda união oficial. Os dados dessa amostra denotam rupturas e permanências em suas histórias de vida, na etapa da juventude, que foram relacionadas aos ideais de independência, escolarização, sociabilidade e imigração. As trajetórias de mulheres escolarizadas que vivenciaram suas

experiências e aprendizados de autonomia da fase escolar para a vida acadêmica são referências de um modelo definido como independente na geração 1980.

Além do uso de entrevistas, a metodologia fez uso da interpretação da leitura de jornais e revistas da época, precisamente, o jornal *O Dia*, onde foi possível observar os interesses da mídia jornalística na reinvenção de uma postura identitária de mulheres ditas modernas e irreverentes ao contrário do padrão social; a análise das crônicas escritas por A. Tito Filho, para a compreensão do universo das mulheres de então, construído no discurso jornalístico com certa rejeição e crítica. De certo modo, essa leitura permitiu a compreensão das sensibilidades urbanas acerca desses sujeitos sob a ótica das crônicas dos jornais, as mulheres que ousavam revelar-se com autonomia, seus costumes, suas expectativas, performances foram consideradas modernas e por vezes transgressoras dos costumes que foram evidenciados no ritmo urbano da cidade de Teresina.

Além das fontes citadas, outras foram analisadas. As revistas da Academia Piauiense de Letras, correspondentes às publicações de toda a década, de 1981 a 1989, onde vários artigos denotavam explicitamente a participação de mulheres em importantes cargos públicos em Teresina e de algumas literatas que faziam parte de famílias tradicionais de Teresina e defendiam publicamente uma postura feminina singular, condizente aos parâmetros juvenis da época. No site Séries Estatísticas e Cidades do IBGE⁵² e nos Livros do Censo de 1980 e 1985 foram coletados importantes dados de pesquisas para análises referentes às nupcialidades, conjugalidades, mercado de trabalho, o aumento do número populacional e as estatísticas de trabalho e divórcio, fundamentais para a compreensão do objeto e dos números de imigração femininas, que eram coletados, demonstrados e apresentavam-se crescente nessa década.

As Revistas da Fundação Cepro de Pesquisas de Teresina, correspondentes à década de 1980, constituíram caminho para o entendimento da economia e trabalho piauienses relacionados ao objeto em estudo.⁵³ Porém, observou-se nessa fonte a

⁵² SÉRIES ESTATÍSTICAS E CIDADES DO IBGE. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2017. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

⁵³ SANTOS, Antonio de Pádua Silva dos. Evolução e Distribuição das populações brasileira, nordestina e piauiense do país: 1950/1980. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 7, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 1981; ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA O ESTADO DO PIAUÍ (1985-1986). *Carta CEPRO*, Teresina, v. 8, n. 2, p. 1-152, jul./dez. 1982.; BANDEIRA, William Jorge. O Piauí e a Divisão Regional do Trabalho no Brasil. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 9, n. 1, p. 31-50, jul./dez. 1983; ROMERO, Suelda; RIBEIRO, Delma; TORRES, Elias. Não há vagas: aspectos dos empregos em Teresina. *Carta*

discreta referência dada às vivências de mulheres como sujeitos históricos. As publicações direcionaram os temas de pesquisa para a economia, o trabalho, a cidade, salvo um único número, com a publicação do volume 13, número 1 de 1988.⁵⁴ Este volume trazia o artigo intitulado: “Notas sobre a Questão da Mulher no Mercado de Trabalho: o caso do Piauí”, de autoria de Maria Elizabeth Duarte Silvestre. A importante pesquisa sublinhou a carência e necessidade desses estudos em Teresina. Além dessas fontes, foram analisadas, ainda, as mensagens de governadores e mensagens presidenciais dos anos em estudo, referentes aos 1980, com a finalidade de buscar compreender as políticas públicas incentivadas para as mulheres nesse momento e relacionadas ao tema em estudo.

O trato com as fontes é importante para compreendermos e concebermos o sujeito “mulher”, aqui reverenciado como um sujeito plural, que se reconfigura, transforma, desvendando modelos diferenciados de mulheres, que significaram distintos marcadores identitários, registrados por suas múltiplas individuações, resultados de suas experiências, aquisições e afetividades. Nesse sentido, é importante marcar que é impossível a referência a uma única performance feminina de mulher. Não pretendendo aqui somente focar a emancipação de suas trajetórias profissionais, mas entender o complexo agenciamento dos corpos livres na construção de suas vivências, notar de que forma emergiu um sujeito independente, representado por uma parcela de mulheres com atuação mais livre, que acompanhou as probabilidades de uma sociedade globalizada e consumista.

Esses modelos de mulheres ousaram realizar o percurso definido entre a adolescência e a juventude em Teresina, com autonomia, desejos próprios de mudança na rota dos seus sonhos e conquistas. A pesquisa revelou, ainda, que esses sujeitos criaram possibilidades de adequação ao seu tempo histórico e buscaram consolidar suas performances como mulheres, filhas, mães, profissionais, em ritmos múltiplos e, concomitantemente, às exigências de sua época.

A partir desse entendimento, compreende-se que, esse estudo possa ser interpretado por meio do conceito de “individuação” proposto por Guatarri que, em consonância com a produção das subjetividades desses sujeitos, venha estabelecer

CEPRO, Teresina, v. 9, n. 1, p. 51-57, jul./dez. 1983; BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Crescimento Populacional e Dimensão Migratória Piauiense: 1960-1980. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 12, n. 1, p. 1-134, jan./jul. 1987.

⁵⁴ SILVESTRE, Maria Elizabeth Duarte. Notas sobre a Questão da Mulher no Mercado de Trabalho: o caso do Piauí. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 13, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 1988.

um contraponto com as singularidades que as constroem com suas subjetividades, vivências e autonomias.⁵⁵

É notório acentuar que o conceito de cultura vem emergir como necessário para a análise dos papéis que se constroem, reinventam-se e deslocam-se em sociedade. O fenômeno da globalização, a hegemonia da informação e a tecnologia promoveram novas formas de pensamento e costumes. Viver nos anos 1980, nesse sentido, era seguir as tendências definidas pela mídia televisiva e obedecer aos novos padrões ditados para as mulheres. Nesse sentido, ao explicitar o conceito de cultura, Rolnik aborda o elo existente entre os conceitos cultura de massa e de singularidade que, de certo modo:

Produz indivíduos, indivíduos normalizados, articulados, que articulados uns aos outros, segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão, não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal ou como nas sociedades arcaicas e pré-capitalistas – mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. [...] O que há é uma produção de subjetividades.⁵⁶

Compreende-se, nesse sentido, que a produção de subjetividades incorpora o universo do indivíduo e as singularidades que o atravessam. Percebe-se que o sujeito criado como “mulher independente”, divergente de uma dada naturalização do ser feminino, como mãe, esposa, mulher envolve-se nessa trama de signos culturais modernos, passa a forjar seus mecanismos identitários, atrelando-os aos elementos de um determinado tempo, espaço e lugar num entrecruzamento de práticas. Conforme Rolnik assegura:

Não somente uma produção da subjetividade individualizada – subjetividade dos indivíduos – mas, uma produção de subjetividade social, que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda uma produção de subjetividade inconsciente.⁵⁷

Claro está que o artefato mulheres não é recente na historiografia e vem peregrinando nas diversas temáticas vinculadas ao conceito de Gênero. Nesse sentido, é necessário afirmar que a palavra gênero foi conectada à divisão dos

⁵⁵ GUATARRI, 2006.

⁵⁶ ROLNIK, 2014, p. 16.

⁵⁷ ROLNIK, 2014, p. 36.

comportamentos sexuais nas manifestações feministas dos anos 1960 e 1970, quando os anseios das mulheres aproximaram-se dos interesses políticos e configurou-se uma luta pelos direitos sociais e não uma construção histórica direcionada às vivências individuais das mulheres.

Necessário se faz explicitar a palavra “gênero” e seu uso, embora não seja o interesse desse estudo abordá-lo no singular, mas visualizá-lo nas possíveis perspectivas de gêneros, ampliando o universo referente às múltiplas trajetórias das mulheres. Nesse sentido, importa esclarecer que nas últimas décadas o uso do termo foi apontado primeiramente entre as feministas americanas, que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, como cita Scott alertando para o risco de negligência às histórias de vida de mulheres e de homens:

Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.⁵⁸

O termo “gênero” foi direcionado para outros rumos de análises, com a finalidade de incorporá-lo à leitura histórica. A complexidade do tema provocou a separação entre a história das mulheres e os estudos de gênero defendida por muitos autores de diferentes áreas, como a História, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, clara está a importância desses estudos para o debate social. Seguindo por esse caminho, o seu uso é aplicado nessa narrativa. No sentido de configurar as expressões individuais e experiências identitárias de mulheres que incorporaram agenciamentos de expressão, liberdade e independência distintas no ritmo dos anos 1980.

Porém, claro está que a expressão gênero, atualmente, não se ajusta harmoniosamente à historiografia, como correspondente à expressão individual dos sujeitos femininos, sendo negligenciado nas análises referentes ao masculino e feminino e posta à crítica como uso do termo “mulheres” como sujeito do feminismo.

⁵⁸ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 3.

Nesse sentido, a crítica ao feminismo gira em torno do uso desse conceito, como identidade comum. A crítica de Butler se sustenta no argumento que afirma:

Para além das ficções ‘fundacionistas’, que sustentam a noção de sujeito, há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo mulheres denote uma identidade comum. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende escrever e representar, mulheres – mesmo plural – tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa, uma ansiedade.⁵⁹

Nesse sentido, busca-se, no cerne dessa discussão, inserir o significado do conceito de corpo e de que forma apresentam-se os significados culturais, não de forma passiva, mas como agenciamentos de expressões. Sendo assim, para Butler, o corpo também é uma construção e explicita mais, o corpo é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de corpos, que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero.⁶⁰

Para Butler, o gênero não é um substantivo, mas não pode ser um conjunto de atributos flutuantes, afirmando a regulamentação de práticas que impõe o conceito. Baseando-se em Nietzsche, sua leitura defende o gênero como performativo, produzido e imposto. Seguindo essa ideia, a autora explicita:

No desafio de repensar as categorias fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *A genealogia da Moral*, de que ‘não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o fazedor é uma mera ficção apresentada à obra – a obra é tudo’. [...] Nós afirmaríamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero, essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.⁶¹

No debate promovido por Butler acerca da compreensão do uso Gênero, enquanto para Beauvoir “as mulheres são o negativo dos homens”, em oposição, Irigaray posiciona-se deslocando o sujeito desse discurso e aponta o sujeito do feminismo na reflexão sobre os problemas do gênero. Ao refletir sobre as críticas da psicanálise de Lacan, Butler afirma que Irigaray defende que os discursos constituem

⁵⁹ BUTLER, 2003, p. 20.

⁶⁰ BUTLER, 2002.

⁶¹ BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 48.

modalidades da linguagem falocêntrica, como estabelece sua crítica na argumentação sobre o sujeito feminino:

[...] o feminino nunca é uma marca do sujeito, o feminino não pode ser um atributo do 'gênero'. Ao invés disso, o feminino é um atributo da falta, significada pelo simbólico, um conjunto de regras lingüísticas diferenciais que cria a diferença sexual.⁶²

Portanto, Beauvoir e Irigaray posicionam-se de formas assimétricas no debate acerca do sujeito. Porém, a discussão é intensa e revela que o sujeito apresenta-se de forma multifacetada, assim, torna-se inviável abordar os termos mulheres e feminino como estáticos e comuns, inviabilizando seu entendimento conceitual. Concomitante, esse estudo sugere compreender o gênero, como culturalmente construído por meio das subjetividades das mulheres, que possibilita aos sujeitos constituírem suas historicidades.

1.7 A história e a memória

A história nos permite compreender as dinâmicas temporais e suas incompletudes, estabelecendo intimamente um vínculo com a construção da memória. Essas relações, segundo Le Goff,⁶³ apresentam-se entre memória e história, assim como as relações entre passado e presente que não devem levar à confusão e ao ceticismo. Para o autor, toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não só é inevitável como legítimo.

Ao mesmo tempo em que pensar a história e aplicá-la como prática científica, sobretudo, é atribuir-lhe o dinamismo dado pelas transformações do tempo histórico e análise de suas fontes. É analisar sua arqueologia, como define Foucault, toda a história é arqueologia por natureza e não por escolha, explicar e explicitar a história em começar por apercebê-la na sua totalidade, conduzir os pretensos objetos naturais.⁶⁴

⁶² BUTLER, 2003, p. 52.

⁶³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

⁶⁴ FOUCAULT, 2008.

Nesse entendimento, os elementos que nortearam essa narrativa partem dos estudos culturais, que são importantes e norteadores para essa interpretação histórica. Nesse sentido, construindo uma história dita a contrapelo, e por uma margem contrária, direciona-se para os discursos criados em sociedade pois, conforme assinala Foucault, o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.⁶⁵

Para a significação dos discursos, há que se apresentar o entendimento da sua relação com a produção de corpos. Compreende-se com Certeau que os corpos, tal como a língua, estão submetidos a uma gestão social. Obedece a regras, rituais de interação, representações cotidianas.⁶⁶ Vigarello afirma que considerado como “morada da alma, lugar dos pecados e do erro ou, ainda, relíquia que demanda conservação, tratamentos diferentes e valorização infinita, o corpo humano não cessa de ser redefinido ao longo dos séculos, de acordo com as expectativas e os limites de cada cultura”.⁶⁷

Para a análise individual das reminiscências dos sujeitos, o conceito de memória tornou-se crucial para o estudo da construção dos agenciamentos próprios, das experiências e das performances adotadas nas vivências femininas. Assim, compreende-se com Le Goff que a memória individual como construção de uma memória coletiva é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.⁶⁸

Os lugares que emergiram das lembranças definem o espaço da memória quando a ela é vinculada uma configuração espacial de tempo. Com essa construção das memórias, reflete-se o sentimento de pertencimento e os lugares de memória, definido por Nora.⁶⁹

Por esse caminho, considerando a história como a ciência do tempo e, em consenso com Le Goff, está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo

⁶⁵ FOUCAULT, 2004.

⁶⁶ CERTEAU, Michel de. História de Corpos. *Projeto História*, São Paulo, n. 25, p. 408, dez. 2003.

⁶⁷ VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um arquivo vivo. *Projeto História*, São Paulo, n. 21, p. 1, nov. 2000.

⁶⁸ LE GOFF, 2003.

⁶⁹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Ana Yara Aun Houry. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 13, 1993.

que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores.⁷⁰ Assim, são propostos os capítulos dessa narrativa. Compreendendo que toda história é construída por meio das ações dos sujeitos e que, nessa dinâmica, comumente são estabelecidas relações de forças.

Portanto, essa tese constitui um estudo acerca das trajetórias independentes de mulheres em Teresina, na travessia dos anos 1980. O estudo foi estruturado numa divisão de quatro capítulos, que são apresentados a seguir.

O título *O estudo, o trabalho e a academia: os não-lugares e as performances de mulheres “independentes” em Teresina* constitui o tema do primeiro capítulo. Nessa discussão pretendo revelar como as ambiguidades e singularidades da instituição família e dos projetos de vivências são travados nas histórias das mulheres em Teresina, de que forma as depoentes em estudo incorporaram os desafios, os envolvimento com a liberdade e a independência para a constituição de sonhos e expectativas para a composição de suas trajetórias de vida.

Usos urbanos e a constituição do lazer de mulheres independentes em Teresina constitui o título do segundo capítulo, que trata da construção do corpo feminino em relação aos moldes dos usos urbanos, ao lazer, às sociabilidades, as explorações da cidade, como espaço público, os aprendizados, a passagem do lazer familiar para o lazer individual, a invenção feminista da categoria do sujeito mulher independente e as representações veiculadas e construídas nos jornais acerca do que é ser mulher e a construção do ideal de mulher independente. Nesse sentido, busco provocar uma discussão acerca da construção imagética do corpo feminino e da concepção de mulher independente.

O terceiro capítulo, intitulado *Professoras, servidoras, bancárias e comerciárias: as subjetivações, os investimentos na carreira e a aquisição da liberdade*, trata da expansão dos lugares de trabalho e os sonhos e investimentos de carreira da mulher independente em Teresina. Nessa etapa, o estudo busca esclarecer, a partir das experiências de assumir-se mulheres independentes, oriundas das classes média e classe média baixa nos anos 1980, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, as afetividades, as representações das conjugalidades, amor, sexualidade e sua relação com as experiências coletivas e de que forma construiu-se

⁷⁰ LE GOFF, 2003.

o mito de um sujeito feminino independente no campo de trabalho, as condições urbanas possíveis que permitem a representação da mulher independente.

O quarto capítulo, intitulado *Mulheres, afetos e a ousadia dos anos 1980*, trata das configurações singulares do casamento, do amor e da sexualidade na mentalidade juvenil da década de 1980. A invenção da mulher independente na percepção das depoentes revelou de que forma o casamento, a sexualidade e o amor são entendidos nas novas relações de conjugalidades e o impacto dos valores e impacto dos valores e sentimentos livres, criados e provocados acerca da independência feminina.

2 O ESTUDO, O TRABALHO E A ACADEMIA: OS NÃO-LUGARES E AS PERFORMANCES DE MULHERES “INDEPENDENTES” EM TERESINA

A urbanização, como fenômeno que se intensificou na década de 1970, permitiu mudanças que permitiram a esse cenário um maior envolvimento das mulheres com os temas sociais e a visibilidade em diversos lugares públicos. O número de mulheres aumentou, consideravelmente, nas universidades e nos empregos formais. Nos espaços públicos houve o surgimento de novos signos na configuração dos cenários urbanos do país. Esse episódio definiu modificações no mundo doméstico e familiar e, em consequência, na vida das mulheres, sobretudo da que viviam nas capitais urbanas, onde era possível, mais rapidamente, o acesso às informações pelos canais de jornais e da TV.

Para Marc Augé, os lugares tomam formas, conforme as mudanças sociais. A concepção em torno da construção de lugar, a partir da relação das mutações ocorridas no cotidiano e os impactos do fenômeno da globalização, que modifica as vivências dos indivíduos e suas relações com o espaço, o tempo e os outros. Nesse sentido, o autor analisou os conceitos lugar antropológico e o não-lugar, como probabilidades que sugerem uma compreensão para as modificações da urbe, enquanto mutação que provoca o olhar para uma nova cidade.⁷¹

Nesse sentido, Augé compreende que o conceito de não-lugar constitui uma certa captura dos indivíduos dentro do próprio espaço. Assim, afirma que “todos nós temos a impressão de estarmos sendo colonizados, mas sem que saibamos ao certo por quem”⁷². Essas possibilidades remetem a determinadas alternativas na percepção dos espaços e nas mudanças em nossas vivências, assim como o impacto de uma aceleração do tempo e a concepção de virtualização do espaço, que nos transforma em outros, sem que o sujeito faça uso da percepção dessa consciência. Assim, em Teresina, as mulheres independentes, ao se desterritorializarem-se, passam a marcar outros espaços de estudo, trabalho e entretenimento, como a academia, a universidade, restaurantes de forma autônoma. Esses lugares podem ser definidos como não-lugares.

⁷¹ AUGÉ, Marc. *Não Lugares*. Lisboa: Editora 90º, 2005.

⁷² AUGÉ, 2005, p. 8.

Com as mudanças que invadiam a época, a mentalidade da sociedade brasileira se diversificou. Segundo Castelo Branco, o mundo das mulheres dedicado ao âmbito do lar, até então, era marcado por um caráter prioritariamente doméstico, que se modificou com as transformações urbanas. As indústrias e os novos serviços oferecidos como os de hospitais e escolas acabaram por tirar das famílias uma série de atividades que eram tradicionalmente executadas por elas. Essas transformações modificaram o mundo doméstico e com ele, a vida das mulheres.⁷³

Porém, os modelos de mãe e esposa ainda eram fortemente atribuídos como fundamentais à conduta das mulheres em Teresina. Para Cardoso (2010) esse estigma se perpetuou ainda por todo o século XX, ainda que as mulheres ocupassem novos lugares na cena pública e privada. Nesse sentido, as representações que estabeleceram a maternidade enquanto experiência definidora da feminilidade, em Teresina, eram reafirmações de formas de significar o feminino, caras à cultura ocidental.

Foi com o evento do regime de Ditadura Militar, de 1964 a 1984, no Brasil, que as mulheres passaram a ressignificar condutas, novos espaços e ocupar outros lugares na cena brasileira. Elas marcaram profundamente suas imagens no cenário público, onde se tornaram perceptíveis como sujeitos históricos e nas dinâmicas sociais de movimentos pelas conquistas e valorização feminina.

Nesse sentido, durante toda a década de 1980, os acontecimentos políticos que surgiram anteriormente aos anos 60 e 70, fizeram-se notar nas conquistas políticas, que abriram ainda outros espaços às mulheres, inserindo-as na pesquisa historiográfica no Brasil. Assim, novos estudos partindo desse tema, revelaram que:

A produção historiográfica sobre o feminino, no correr dos anos 1980, incorporou abordagens variadas, focalizando aspectos diferenciados. No âmbito da temática do trabalho, além de resgatar o cotidiano fabril, lutas e greves, ação-exclusão nos espaços dos sindicatos, procurou-se recuperar as múltiplas estratégias e resistências criadas e recriadas no cotidiano.⁷⁴

As atribuições inseridas ao modelo de mulheres circulados nos discursos da imprensa jornalística em Teresina estabeleceram a estes sujeitos novos lugares e novas exigências sociais para corresponderem aos parâmetros identitários criados

⁷³ CASTELO BRANCO, 2013.

⁷⁴ CASTELO BRANCO, 2013, p. 6.

para essa década. A invenção de um modelo de mulheres independentes surgiu, nesse momento, atribuído às mulheres aliado ao desejo de obtenção da formação acadêmica. A faceta de uma multiplicidade de papéis correspondentes a um exemplo de mulher que contemplasse experiências de dona de casa, profissional, mãe, esposa, mas que priorizasse como regra de conduta a ascensão à carreira profissional constituía os ideais promovidos às mulheres da década.

Esse estatuto de mulher independente veio rejeitar a imagem do perfil de mulheres das primeiras décadas do século XX. Quando, segundo Pinsky, a conduta definida para o sujeito mulher esteve atrelado aos valores e espaços domésticos, ao tempo em que parecia não haver dúvidas de que as mulheres eram, por natureza, destinadas ao casamento e à maternidade.⁷⁵ Considerado, então, parte integrante da essência feminina, esse destino surgia como praticamente incontestável. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, filha; uma senhora casada, a esposa.

Nos tempos finais do século XX, esses valores se reconfiguravam, quando a rejeição ocorreu por parte das mulheres, aos padrões domésticos, hábito comum nas práticas consideradas femininas em Teresina. Nesse cenário mutante, a década ensejava um modelo de mulher que ressignificasse esses espaços, inserindo as mulheres cada vez mais aos lugares externos ao lar. Assim, sob o efeito das mudanças provocadas pela globalização da economia e da tecnologia, que ocorriam em todo o país, foram, ainda que de forma lenta, estabelecidos novos valores ligados ao matrimônio, muito embora as instituições igreja e família ainda insistissem no casamento e ritual matrimonial entre homens e mulheres.

Nesse projeto, o modelo de mulher que se tornasse independente não se encaixaria, sendo necessária uma reconstituição desses papéis. Tendo em vista que esse perfil adotaria variadas funções que foram, anteriormente, vinculadas à categoria de liberdade feminina e que representou uma bandeira de luta nos anos 60 e 70. Nos anos 1980, o modelo de corpo feminino adotou um formato diferenciado, que significava autonomia, equilíbrio e independência. No artigo “A era dos modelos flexíveis”,⁷⁶ Pinsky explicita que a liberdade conquistada pelas mulheres teve impulso e foi veiculada pelos canais de TV, por meio das novelas e seriados. Desse modo,

⁷⁵ PINSKY, 2013.

⁷⁶ PINSKY, 2013.

não só na vertente profissional, mas no âmbito da sexualidade: “e todo um desfile de personagens femininas ‘liberadas’, independentes (financeira e emocionalmente e até separadas do marido) passou a entrar todas as noites nos lares brasileiros com uma televisão ligada”.

Embora, em Teresina, o acesso à TV no final dos anos 1970, com a expansão dos meios de comunicação no Estado, fosse ainda discreto, na década de 1980 o ideal de liberdade para mulheres já era percebido e aceito por essas, enquanto que quase no final da década, para os mais velhos, ainda havia um certo julgamento às novas atitudes ligadas ao comportamento livre das mulheres.

2.1 A imigração para a capital e a ruptura familiar

O fenômeno da imigração, ao ressurgir na década de 1980 em Teresina, marcou um caráter peculiar à época. Registrou um expressivo deslocamento de mulheres, devido à necessidade de escolarização e a busca pela vida acadêmica nas capitais. O impulso dos meios de comunicação e transporte facilitou a movimentação, interna e externamente, às demarcações do Estado. Esse fenômeno no Estado do Piauí, acredita-se, foi intensificado pelos mesmos efeitos do dinamismo que houve com as imigrações interestaduais e internacionais. Porém, a intensidade do fenômeno da imigração apresentou-se também durante as décadas de 1960 e 1970, após as conquistas do Estatuto Civil Mulher Casada, em 1962, provocando mudanças comportamentais nas mulheres naquela época, como analisou Pinsky:

As cidades, mais densamente povoadas por conta da migração vinda do campo, aproximavam pessoas e estilos de vida e favoreciam mudanças aceleradas de comportamentos. O maior acesso feminino aos empregos remunerados e qualificados, impulsionados a partir de então, proporcionaria às mulheres sua independência econômica, segurança e um status mais elevado na sociedade e na família.⁷⁷

Com o surgimento de novas escolas particulares em Teresina, aumentou as possibilidades de bons estudos e escolarização na capital. A imigração de garotas oriundas de pequenas cidades do interior do Estado e de estados vizinhos, para a capital de Teresina, tornou-se um evento comum nos anos 1980. No depoimento de

⁷⁷ PINSKY, 2013, p. 514.

Tailandia de Alencar Maia, observa-se a mudança que se operou muito cedo na sua trajetória adolescente:

O meu primeiro impacto foi chegar à cidade de Teresina, ainda menina, para estudar o Ensino Médio. Foi sair da minha cidade Pio IX e encarar a capital. Deixar meus pais, amigos, e vir para estudar na cidade grande. Eu demorei a me acostumar. Isso pra mim foi um grande impacto.⁷⁸

Para as famílias, o projeto de constituição de um modelo de mulher independente do esposo envolvia a escolarização, sendo esse o percurso mais viável para o estabelecimento da carreira profissional sonhada. Como lembrou Edilene Facundes, oriunda de D. Pedro, cidade do Estado vizinho, Maranhão, ao narrar os anseios de sua trajetória de mudança para Teresina, onde se estabeleceu:

Me mudei para cá, pra Teresina pra estudar, porque meus pais... Lá não tinha, só estudava no máximo até a 8 Série. Né? E aí, apesar deles não serem formados, mas, eles tinham essa pretensão para os filhos, aí, a gente veio pra cá. Eu vim adolescente. Quando eu vim pra cá tava no meio do ano da 8ª série, estudava em escola pública, chamada Leão XIII, na época, e aí depois eu fui pro Liceu, estudei 2 anos no Liceu e como eu vinha pra fazer vestibular e passar e lá não dava essa condição, fui pra uma escola particular, fiz o terceiro ano em ritmo de cursinho.⁷⁹

As experiências de migração das cidades mais distantes para a capital, muito embora não fossem uma experiência original dessa época, também foi um dos desafios que envolviam essa faceta feminina. Muitas vezes os sonhos de carreira e ascensão profissional incentivavam a transferência do lugar de origem. Tailândia Maia, ao narrar sua experiência de migração do interior para a capital, revelou sua travessia:

Então, em 1980, saí de Pio IX, vim pra Teresina, fui morar em pensionato e fui estudar no Colégio 'O Cursão', que ficava na Praça da Liberdade. Então, eu fiz todo o Ensino Médio lá no 'Cursão', o primeiro, segundo e terceiro ano. E já nesse período, dos anos 80, né? Que seriam 80, 81 e 82, eu comecei a ter contato com pessoas, que já tinham uma participação política, né? [...] Então, assim, a minha

⁷⁸ MAIA, Tailândia Melo de Alencar. Funcionária Pública do DENIT em Teresina. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 10 set. 2015.

⁷⁹ FACUNDES, Edilene. Funcionária Aposentada da CEF. Entrevista concedida a J.V.C.B em 26 out. 2015.

vinda de Pio IX para Teresina, ela foi em decorrência, nessa década aí, de 80 ainda, não tinha segundo grau, na cidade. Quem quisesse complementar os estudos teria que sair e o caminho, geralmente, das pessoas da cidade, ou era Picos no Piauí, ou Campos Sales, que é uma cidade do Ceará, vizinha a Pio IX, ou Teresina. Porém, assim, Picos e Campos Sales, naquele período, o que tinha mais, como opção era a questão do Normal, né? E minha mãe achou mais fácil viabilizar a vinda da gente...⁸⁰

A família consistiu um alicerce enquanto elemento importante para o projeto de individuação no momento de imigração para a consolidação dos estudos e da carreira. Vaitsman argumenta que neste projeto de individuação, os parentes foram um ponto de apoio importante para o indivíduo e, ao mesmo tempo, forneceram para a família uma espécie de garantia simbólica de seu controle sobre ele.⁸¹ Edilene Facundes rememora o momento de sua imigração, quando narra sua experiência ainda adolescente para Teresina:

Me mudei para cá, pra Teresina pra estudar, por que meus pais...Lá em D. Pedro não tinha, só estudávamos no máximo até a 8ª série. Né? E aí, apesar de não serem formados, mas, eles tinham essa pretensão para os filhos, aí, a gente veio pra cá. Eu vim adolescente... E, ao final do segundo grau, passei no vestibular pela primeira vez, para economia...⁸²

Mesmo algumas depoentes sendo oriundas da capital, essa experiência para outras foi um elemento que possibilitou a atração pela cidade grande e a aproximação com pessoas de diferentes lugares provocou nessas mulheres seus ideais de independência e crescimento profissional. Visualiza-se nesse cenário que se desenhou um registro de mulheres jovens, nos anos 1980, que buscaram a liberdade da experimentação universitária, com um caminhar mais livre das amarras dos valores familiares e que por meio da experiência de deslocamentos de seus lugares, aprenderam vivências independentes e, de forma inteligente, mudaram suas histórias, traçaram suas expectativas seguindo, assim, ao mesmo tempo, com resistências ou não, pelos árduos trajetos de sonhos e desejos de vivenciarem suas novas histórias. Esse modelo pode ser definido como uma mulher que ajustou-se às transformações exigidas por sua década.

⁸⁰ MAIA, 2015.

⁸¹ VAITSMAN, 1994.

⁸² FACUNDES, 2015.

2.2 As mulheres, a liberdade e o ideal do matrimônio

Para a constituição de um sujeito independente seria elementar que a realização profissional objetivasse em primeiro plano, em detrimento ao casamento. Este ainda permanecia ocupando o segundo lugar, entre as preocupações familiares acerca das realizações ditas femininas, entre os anseios da família; um ideal que perpassou a mentalidade tanto das jovens teresinenses quanto das garotas que buscavam viver na capital. Porém, obedecendo ao ritmo acelerado e divergente das décadas anteriores, já iniciado pelos caminhos das mães, essa definição de mulheres já ousava não seguir à risca esses ditames sociais. Nesse sentido, entre os novos anseios femininos, a independência e a liberdade para a escolha da profissão, estavam mais presentes, até como incentivo da família de classe média. Na fala de Virna Teive, a educação mista se revelou como um divisor de águas para sua experiência educacional e, posteriormente, os estudos representaram a marca de sua independência feminina:

[...] eu comecei no Leão XIII, do Prof. Moacy, uma escola muito tradicional, muito rígida, onde até o cumprimento da blusa de farda era avaliado, tinha que botar o braço pra cima pra ver se aparecia o cós da saia. Então, estudei numa escola muito rígida e tradicional. E quando o papai, então, queria que a gente estudasse em escolas que não fosse só estritamente femininas, ele não queria que a gente estudasse no Colégio das Irmãs, porque ele achava que a mulher tinha que ter contato com os dois gêneros, porque ele acreditava que isso facilitaria a convivência e não o contrário. [...] Os estudos foram a certeza absoluta de abertura total da mente. A Universidade Federal pra mim foi um marco, principalmente pra vencer a minha timidez e para vencer determinados tabus...⁸³

Esse estereótipo direcionado ao feminino adequava-se às normas ditadas pela TV Clube, por meio das novelas da Rede Globo, com a transmissão de programas como TV Mulher, Malu Mulher na década de 1980, que, de certo modo, impactaram o universo das mulheres em Teresina, pelo acesso às manhãs, na maioria das residências e despertar as mulheres, com a programação, para suas condições sociais; assim como os jornais da época também, como os jornais *O Dia* e *Estado*,

⁸³ TEIVE, Virna. Professora Mestre do Curso de Educação Física da UniNovafapi. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 26 out. 2015.

que já separavam nas páginas sociais um espaço para as mulheres de classe média, que já eram destaques no mundo da política. Muito embora as mulheres de classe média fossem relegadas às notícias cotidianas há, nesse momento, um foco de interesses acerca da condição feminina nos meios de comunicação. A imagem de uma mulher dependente do marido e voltada para a vida doméstica já havia sido, desde os anos 1960, vinculada aos modelos de avós. Buscava-se, então, conciliar os desejos de liberdade feminina com as oportunidades que surgiam como signos de uma nova era para as mulheres ditadas nos discursos das revistas e jornais. Reinventava-se uma mulher moderna, livre, autossuficiente e independente financeiramente.

A independência aliada às mulheres, na década de 1980, estava atrelada às mudanças sociais provocadas a partir da década de 1960, quando a pílula anticoncepcional chegou às farmácias e, em consequência dessa criação, houve o impacto na família, com a diminuição do número de filhos. Segundo Pinsky, essa mudança obviamente não surgiu rapidamente, mas obteve uma constância. Ela não só permitiria uma maior participação econômica das mulheres, como ampliaria seu leque de escolhas a respeito do que fazer com suas próprias vidas.⁸⁴

A atitude de independência, em relação aos padrões tradicionais da cultura piauiense, analisadas em determinadas mulheres, foi observada na etapa entre a adolescência e juventude, quando as mesmas relataram atravessar dilemas para a individuação. Isso ocorreu, sobretudo, quando o sonho de suas trajetórias não correspondeu à expectativa da família. A depoente Sônia Terra fala das dificuldades à época para o alcance das suas expectativas na sua constituição como indivíduo. Oriunda de uma família de classe média baixa, a depoente revelou:

Minha mãe era uma mulher analfabeta. Então, pra ela era fundamental que eu estudasse, que eu fosse alguém um dia. Esse era o termo, eu ser alguém um dia. E ser alguém um dia era, de fato, me formar, ter um bom emprego, ter uma carreira, ser uma doutora, uma advogada. Eu não pensava nisso não, né? De ser advogada, mas eu queria estudar, ser uma profissional respeitada, formada, competente e que ajudasse outras pessoas.⁸⁵

⁸⁴ PINSKY, 2013.

⁸⁵ TERRA, Sônia. Jornalista e Funcionária Pública da Prefeitura de Teresina. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 27 out. 2015.

Nesse mesmo sentido, o diálogo com Vaitsman nos traz à luz para esse entendimento de que a existência de uma pluralidade e uma heterogeneidade, no final do século XX, foi provocada pela ruptura entre os papéis públicos e privados, segundo o gênero e a constituição das mulheres como indivíduos. A autora defende, ainda, a fragmentação da identidade atribuídas às mulheres, devido à regulamentação dos múltiplos papéis assumido pelas mulheres. Sob essa ótica, a desconstrução identitária se faz necessária, não sendo possível, obviamente, para a definição desses indivíduos uma única performance dita feminina. A autora enfatiza a redefinição dos papéis sexuais dicotomizados, ainda nos anos 1960, quando a formação incentivou as bases para a individuação das mulheres:

As mulheres foram atrizes principais desse processo, no curso do qual se redefiniriam os papéis sexuais modernos dicotomizados. A entrada para o mundo da universidade plantou as bases para projetos de individuação que reconstruíram os significados do feminino e masculino predominantes até então.⁸⁶

Nessa análise, a constituição da individuação das mulheres em estudo foi avançada a partir da formação pessoal e dos planos de carreira. Para as garotas, era necessário preencher os espaços escolares e acadêmicos. Em Teresina, por toda a década de 1980, os resultados dos vestibulares mostraram que houve um aumento e maior diversidade nas escolhas das estudantes por cursos superiores, as mulheres passaram investir em profissões ditas masculinas. Os exames de vestibulares passam a ser mais exigentes e as mulheres que almejavam seguir carreira profissional procuraram preparar-se nas melhores escolas públicas e particulares para o investimento na profissão. Nesse momento, houve em Teresina, um crescente número de escolas particulares para atender a demanda estudantil.

Na cidade de Teresina, a educação constituiu o primeiro caminho a dar sentidos aos ideais de independência das mulheres, sendo o trabalho de ensinar uma conquista das mulheres, desde o século XIX. Conforme Castelo Branco, essa foi uma das profissões das mulheres de elite:

Desde meados do século XIX, podemos observar que algumas mulheres começavam a se aventurar pelo trabalho de ensinar. Geralmente, elas se dedicavam ao ensino de primeiras letras e de

⁸⁶ VAITSMAN, 1994, p. 97.

trabalhos manuais às alunas. Em Teresina, as primeiras moças a se ocuparem com o magistério surgiram na década de 1860. Eram professoras particulares de primeiras letras que, com licença dos pais, recebiam alunas em suas residências ou trabalhavam em escolas particulares.⁸⁷

Porém, entre as representações de constituir-se mulher e a realidade acerca delas, nos anos 1980, havia um árduo caminho a trilhar. Ser independente não significaria ser solitária. Para esse sujeito mulher, o casamento já não significaria a sobrevivência e a dependência financeira do marido, mas um projeto de vida, onde estariam envolvidos os anseios de felicidade. Porém, necessário se faz desvendar e desmitificar esse universo de representações, como evidencia Pinsky: “É certo que nem sempre as mulheres se espelharam nas imagens construídas sobre elas. E é evidente que os modelos não descrevem a realidade, esta muito mais rica e cheia de possibilidades”.⁸⁸

No recorte em estudo, as identidades desses modelos de mulheres são tomadas conforme a imagem que Vaitsman definiu como “flexíveis e plurais”,⁸⁹ assim, buscaram multiplicar-se. A presença das mulheres se fazia notar, cada vez mais, em espaços escolares e acadêmicos. A nova década trazia em si, além do impulso à escolarização, os anseios pela profissionalização. O teor político do momento incorporou às mulheres desses tempos uma singularidade, a de não mais aceitar a submissão da sobrevivência feminina ao casamento, priorizando o trabalho, o estudo e a independência financeira.

Compreende-se que o interesse das mulheres pelos estudos não é recente, assim, a composição das escolas normais, na década de 1940, já evidenciava um contingente feminino bastante expressivo, demonstrando o interesse de mulheres pela escolarização. Cardoso aponta que o acesso feminino às escolas ampliou com as escolas normais, em Teresina, que já absorviam 80% de professoras na rede escolar primária. A autora afirma ainda que, de acordo com o Censo demográfico de 1940, além dos grupos de alfabetização feminina nos grupos etários mais jovens ser

⁸⁷ CASTELO BRANCO, 2013, p. 75.

⁸⁸ PINSKY, 2013, p. 470.

⁸⁹ VAITSMAN, 1998.

mais elevado, as mulheres eram a maioria entre os que haviam concluído os cursos primário e ginásial.⁹⁰

Um número bem maior da população feminina, na zona urbana, foi destacado nos resultados do Censo de 1980. Essa publicação, de certo modo, aponta os números coletados de ampliação dos dados acerca de mulheres escolarizadas nessa década: “No caso feminino, são ainda mais elevadas as proporções de jovens residindo em áreas urbanas, tanto para o contingente de 15 a 24 anos como para o grupo particular das que possuía 20 a 24 anos de idade”.⁹¹

A educação no Brasil foi desde os tempos coloniais direcionada ao público masculino. A história da Educação vem evidenciando que a escolarização de mulheres, até meados do século XX, representou uma travessia bastante árdua para aquelas que almejavam o sonho de tornarem-se universitárias. Cardoso afirma que a presença feminina nas instituições de ensino superior de terceiro grau é um acontecimento que tem pouco mais de um século, pois somente na década de 1880 é que as primeiras ingressaram nesse nível de ensino.⁹²

A literatura acerca da educação piauiense aborda que o acesso das mulheres ao nível de terceiro grau nem sempre foi simples e apresentou-se ainda sem relevância até metade do século XX, embora os primeiros registros de mulheres no ensino superior já se revelassem em cursos que despontavam como Magistério, Medicina, Odontologia e Direito. Porém, conforme cita Cardoso:

[...] a presença feminina expande-se entre as décadas de 1950 a 1970 em paralelo à institucionalização do ensino superior no Estado, com a implantação em Teresina da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI, 1958) da Faculdade de Medicina (FAMEPI, 1968) e, posteriormente, a instalação da Universidade Federal do Piauí (UFPI, 1968/1971), em Teresina, e também em Parnaíba.⁹³

É necessário perceber que a educação feminina foi alicerçada com as políticas educacionais que promoveram mudanças significativas na legislação brasileira,

⁹⁰ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

⁹¹ SÉRIES ESTATÍSTICAS E CIDADES DO IBGE. Casamento por estado civil de mulheres. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2017. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=2&op=1&vcodigo=RC48&t=casamento-estado-civil-mulheres>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

⁹² CARDOSO, 2003.

⁹³ CARDOSO, 2003, p. 36.

sobretudo com a Constituição de 1967, a Lei nº 5.540/68, que reformulou o ensino superior, e a Lei 5.692/71, que organizou o ensino de 1º e 2º graus. Mesmo o país atravessando um momento de regime militar, esse avanço na educação, possibilitou novos horizontes na escolarização de mulheres, devido aos manifestos da década de 1960 e da expressão feminista. Um outro possível argumento foi a transformação da maioria das escolas públicas e privadas brasileiras em escolas mistas, fator esse resultante da onda de modernização trazida, em suas origens, da década de 1960. Nesse sentido, a educação tornou-se mais igualitária, com a possibilidade de acesso às trajetórias femininas e masculinas às carreiras semelhantes. Arend argumenta que muitas jovens passaram a almejar e se profissionalizar em distintas áreas profissionais:

Assim, a conclusão do ensino secundário e a posterior entrada na universidade tornou-se o objetivo de uma grande quantidade de meninas. Além disso, essas jovens, diferentemente das décadas anteriores, passariam a almejar também carreiras profissionais até então consideradas masculinas: Engenharia, Administração de Empresas, Economia, Jornalismo, Agronomia, Informática, entre outras.⁹⁴

A partir da década de 1980, observa-se um ritmo mais intenso e uniforme do público feminino à procura pela escolaridade no Piauí. Fatores como o aumento no número populacional, o avanço no número de escolas particulares na capital e o interesse das famílias em incentivarem as mulheres a seguirem os estudos e carreira profissional foram determinantes nos ritmos independentes desses modelos de mulheres.

Desde os anos 1960, a construção de singularidades existenciais nas figuras femininas passou a apresentar-se de forma mais exigente. A resistência aos modelos de donas de casa que não exerciam sua independência financeira e não realizavam atividades remuneradas foi sendo ignorada até a sua desvalorização nas décadas seguintes. Essa flexibilidade apresentou às mulheres diversas possibilidades de ser e entender-se mulheres, seus anseios, suas performances, suas escolhas, incorporando agenciamentos femininos singulares. Nesse momento é possível notar

⁹⁴ AREND, Sílvia F. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77.

que os anseios femininos corresponderam ao desejo e à mensagem introspectivos expressos no romance de Clarice Lispector: “o destino de uma mulher é ser mulher”.⁹⁵

As singularidades desses modelos revelam-se na fala da depoente Virna Teive, oriunda de classe média que buscou seguir a escolarização que sonhou na juventude, contrariando os planos familiares. A irreverência na sua forma de escolhas se revela quando relata as dificuldades em família com a escolha da profissão e os planos de carreira sonhados pelos pais:

Quando fiz o meu primeiro vestibular, quando me inscrevi, meu pai virou pra mim e disse: como é seu primeiro vestibular, você vai fazer pra testar, né? Você vai fazer mesmo é Medicina. E eu: não, pai! Eu vou fazer Educação Física mesmo! Eu gostava, eu jogava handboll, eu era muito ativa pra pensar em fazer outra coisa! E pra entrar na Federal, tinha que fazer o teste físico, fiz o vestibular e passei. Fiquei toda empolgada, porque eu passei no teste físico, né? E, fiz o vestibular e passei, teve um diferencial assim, né?⁹⁶

Percebe-se, nessa cena, a identificação da representação dos processos de individuação propostos por Guattari às relações humanas, quando os modelos de conduta antigos são mesclados aos elementos de vivências femininas da época, concomitante aos valores tradicionais existentes, que fazem nascer, num desejo de resistência, novas produções de sentidos às práticas de vivências das mulheres, como elas se deslocam e são deslocadas de seus agenciamentos e desejos.⁹⁷

Embora a representação do modelo fixo de dona de casa permaneça até os dias atuais, a imagem das mulheres foi moldada por uma feição de mulheres profissionais, como explica Pinsky:

Não que ser dona de casa acabasse descartado, as mulheres deveriam agora, ser polivalentes. No momento de transição entre os dois modelos, muito do velho permaneceria no novo. Na convivência do trabalho produtivo feminino, então, já aceito e legitimado, e as obrigações domésticas muitas vezes estas sobrepujaram ou comprometeram aquele.⁹⁸

O argumento de Virna Teive imprime a urgência em acompanhar os signos do seu tempo. As mudanças de comportamento, as marcas da academia e a busca pela

⁹⁵ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a. p. 84.

⁹⁶ TEIVE, 2015.

⁹⁷ GUATTARI, 1992.

⁹⁸ PINSKY, 2013, p. 530.

realização na carreira evidenciam, assim, deslocamentos nos modelos de conduta tradicionais em troca de investimentos nos projetos pessoais:

Mas, eu era uma pessoa tão... assim, vamos dizer, envolvida com esportes, jogava vôlei a semana inteira... [...] Me chamou a atenção a parte de prática da Faculdade. Eu já entrei com pressa de sair. Na época, a gente podia antecipar disciplinas e eu fiz em 3 anos e meio. Dentro desse período do curso, parece que o universo, o mundo se abriu. Eu era, até aí, uma pessoa muito tímida, muito retraída. E o mundo universitário foi para mim uma abertura de novos horizontes, novas amizades, independente da minha irmã, porque eu era muito dependente dela. Eu era muito tímida e me apoiava nela. Então, eu fiquei independente.⁹⁹

A Constituição de 1988 nasceu em pleno cenário de combates pela cidadania, tendo sido denominada de “A Constituição Cidadã”. Os grupos feministas influenciaram nas decisões desse documento. Cortês assinala que entre os direitos alcançados pelas mulheres estavam a isonomia – igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Homens e mulheres foram incluídos na Constituição com igualdade de direitos e liberdades fundamentais, como, entre outras, a prática do racismo, definido como crime inafiançável, sujeito a pena de reclusão.¹⁰⁰

Essa constituição conseguiu favorecer e ampliar de forma moderada os direitos das mulheres, porém ainda não alcançou a façanha de estabelecer a igualdade entre as categorias de trabalhadores, muito embora ainda existam no século XXI entraves acerca da regulamentação de seus dispositivos. Porém, nesse sentido, as mulheres são chamadas a ocupar espaços de trabalho e alcançar conquistas outrora sonhadas com liberdade e direitos adquiridos como sujeitos sociais.

Embora essas conquistas se legitimassem na forma da lei, somente em 1988, em Teresina, já no início da década, Edilene Facundes já traçava seu desejo explícito por tais conquistas e espaços, assim como os desafios enfrentados no início da carreira, conforme cita ao narrar sua trajetória:

Cursei economia, na época só tinha a UFPI, foi em 1980, que fiz o vestibular. Em 81 arranjei um emprego, porque eu precisava! Queria muito trabalhar na Caixa Econômica e na Caixa, eu tive oportunidade de trabalhar como analista de crédito e, tipo assim, não tinha um lugar

⁹⁹ TEIVE, 2015.

¹⁰⁰ CORTÊS, Íaris R. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 260-285.

mais pra aplicar a minha formação. Quando eu me formei em Economia, eu trabalhava na Caixa. Aí, eu fiz uma especialização, já era concursada.¹⁰¹

Essas imagens de sujeitos femininos representaram a parcela de mulheres que já não aceitavam a falta de oportunidades de trabalho e buscava participar da população ativa. As palavras de ordem eram independência e liberdade de escolha de trabalho. A realidade vivida na academia, certamente, possibilitou aberturas e avanços nas expectativas e escolhas profissionais em suas trajetórias.

Nessa década, como afirmam Matos e Borelli, o crescimento dos setores de serviços e comércio liberou novas chances de emprego e trabalho, sendo o sonho de carreira para algumas mulheres, o setor bancário. Surgia assim, novas oportunidades de carreira com a informatização desse campo, embora com salários mais baixos, no momento em que:

O sistema financeiro brasileiro optou pela informatização e alterou os critérios para contratação e o trabalho de seus funcionários, levando a um rebaixamento salarial geral na categoria. Nesse contexto, num curto espaço de tempo, as mulheres tornaram-se a maioria dos empregados nas instituições bancárias.¹⁰²

A década de 1980 floresceu em expressões por melhores condições de cidadania, trabalho e conquistas políticas. Mesmo não sendo a intenção discutir os movimentos políticos nessa década, cabe a referência ao teor desse cenário. É o momento de explosão da atuação feminina dos sindicatos, que com a atuação das sindicalistas, alcançaram alguns espaços políticos, como a criação da Comissão da Questão da Mulher Trabalhadora na CUT, em 1986, que propunha a abertura de análise e discussões à qualidade de vida das mulheres.

As jovens de Teresina, porém, não se enquadraram num único modelo de corpo. É importante notar que a esses modelos de sujeitos, distintas experiências redefinem seus comportamentos plurais e multifacetados. Na capital, esse cenário de conquistas pela escolarização abrangia tanto o universo das mulheres de classe média como certas expressões de classe média baixa, por estarem em busca de

¹⁰¹ FACUNDES, 2015.

¹⁰² MATOS, Maria Izilda Santos; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 144.

novos e promissores futuros na carreira e por seguirem os anseios da época. As múltiplas jovens dos anos 1980 não se diferem das anteriores décadas de 1960 e 1970, com seus perfis decifrados por Queiroz, com seus variados modos de juventude:

Os jovens são marcados pela moda e demarcam seus lugares pelos modos. E esses modos, apesar de irreconhecíveis, são variados. Nessa pluralidade, é possível repertoriar, para efeito positivo, pelo menos quatro modos diferentes de ser e de estar no mundo. O modo feliz, o modo político e o militante; o modo hippie e o modo familiar.¹⁰³

Nesse entendimento, o cenário do decênio 1980, como reflexo das décadas anteriores, representou variadas imagens femininas definidas por estilos plurais e modos de adequação distintos ao ritmo de sua época. A juventude dessa década buscou acompanhar a velocidade desse tempo, com o ritmo acelerado de educação e carreira profissional. Assim, quando as jovens não entravam imediatamente para a Universidade, elas também buscavam a escolarização por meio dos cursos técnicos profissionalizantes, não se restringindo a uma boa escolarização.

A depoente Sônia Terra, oriunda de família de classe média baixa, estudante de escola pública, ao citar suas reminiscências, faz emergir seus lugares de memória da escolarização sonhada, os desafios que surgiram e suas conquistas iniciais de juventude:

Eu fiz um curso de Assistente de Administração, um Curso Profissionalizante, na realidade com 17 anos ainda, eu terminei meu Segundo Grau, hoje Ensino Médio. Mas, tentei o Vestibular... naquela época, era muito difícil para uma pessoa como eu, pobre da periferia, vinda da escola pública. Não que eu não tivesse condições, condições tinha sim. Mas, esse era um acesso muito difícil. Então, nesse período eu fui fazer outros cursos, inclusive, fiz mais dois cursos técnicos. Então são três cursos técnicos e uma série de outros cursinhos que a gente vai fazendo, né? E só mais tarde eu entrei num curso superior.¹⁰⁴

O clima de efervescência da década, com a abertura política e a dinâmica acirrada pelos movimentos das “Diretas Já” no país, possibilitaram o engajamento de mulheres nas escolas e universidades pelos seus direitos.

¹⁰³ QUEIROZ, 2006, p. 282.

¹⁰⁴ TERRA, 2015.

Em Teresina, no início da década, assumia o governo do Estado Lucídio Portella Nunes, médico, casado com Myriam Portella Nunes, advogada, nascida no Rio de Janeiro, porém estabelecida em Teresina, onde realizou intensa carreira política. Myriam Portella Nunes tornou-se ativamente uma referência política feminina, representada diariamente nos jornais da capital como exemplo de mulher dessa década ao assumir a pasta da Comissão de Assistência Comunitária (CAC).

No amplo cenário político do país, as mudanças emergiam das inquietações sociais e dos movimentos que definiam a passagem do sistema político de Ditadura militar para uma nova representação de República, que se convencionou denominar momento de redemocratização política.

A Constituição de 1988, que recebeu o nome de “Constituição Cidadã”, assegurou, no artigo 6º, os direitos que legitimariam a exigência educacional para um país em vias de crescimento econômico e, pela primeira vez, na história do Brasil, a prioridade foi estabelecida pela via das conquistas dos Direitos Sociais, que incluíam a educação. Assim, claramente, o artigo 234 define os sentidos políticos da “Nova República” garantindo o acesso à educação pública: “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público”. No artigo 214, o financiamento da educação pela União foi assim estabelecido:

A União organizará e financiará o sistema federal de ensino e o dos Territórios e prestará assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e atendimento prioritário à escolaridade obrigatória.¹⁰⁵

O acesso à educação tornou-se uma via mais rápida para o alcance dos anseios profissionais. Constituíram-se, por esse caminho, os modelos de sujeitos femininos dessa década, ao abraçarem as oportunidades de se tornarem indivíduos mais ativos em seus grupos sociais, sendo esse um momento explosivo de contestações pelos direitos femininos.

Em Teresina, é criado o Centro Popular da Mulher, uma instituição que visava a proteção da infância e à discriminação à mulher e propunha uma presença feminina

¹⁰⁵ Art. 214 In: BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 jan. 2016.

mais atuante nas questões sociais. Essas nuances políticas faziam emergir as atuações de modelos de sujeitos independentes à época.

A experiência de mulheres na docência, como professoras atuantes e engajadas na luta pelos direitos do magistério, abriu um leque de informações acerca da vivência feminina e os entraves no mundo do trabalho. A curiosidade e o conhecimento da depoente Tailândia Maia revelaram a sua abertura para os espaços de luta política e sindicais existentes e muito intensos à época:

Eu vim ser professora em Teresina, não é? [...] Então, assim, tanto passei pra militância sindical, mas, eu também tinha militância política, né? Porque eu tinha filiação assim, na época, no Partido dos Trabalhadores... [...] Eu tava lá, no início desse processo, de criação, de construção e tudo, né? Tanto é que lá na minha cidade, eu militava, minha filiação era em Teresina, mas, eu fui construir essa questão da criação do partido lá na minha cidade, no interior, né? E esse processo começou junto com os trabalhadores rurais da cidade, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, foi assim tanto como eu vinha de uma família extremamente conservadora, né? Então, era tudo muito esquisito, você, enquanto mulher, sair de casa pra ir se reunir, no interior, e eu fazia muito dessa militância escondido, em casa, porque meu pai era muito rígido...¹⁰⁶

A militância política era também um caminho bastante atrativo para as mulheres que já vivenciavam a vida acadêmica em Teresina. Essas mulheres envolviam-se nas manifestações que ocorriam nas universidades e logo adentravam aos centros acadêmicos estudantis e algumas seguiam aos partidos políticos. A depoente Conceição Rodrigues revela seu despertar para as lutas estudantis e para a consciência da sua cidadania, com as leituras acadêmicas:

Na segunda metade da década de 1980, passei a participar mais da vida acadêmica, de lutar pelos direitos dos estudantes, a gente fazia muitas manifestações na UFPI... Participei muito. A gente caminhava da UFPI até pela Avenida Frei Serafim. Eu lembro que uma vez a gente foi... fez uma caminhada e a PM, na época, tentando abafar o movimento...¹⁰⁷

Outro exemplo de independência feminina surgiu com as manifestações religiosas, que abriam espaços para a inserção feminina nos movimentos críticos

¹⁰⁶ MAIA, 2015.

¹⁰⁷ RODRIGUES, Conceição de Maria Nogueira. Professora Especialista. Servidora Pública na Prefeitura de Teresina. Entrevista concedida a J.V.C.B. em 28 ago. 2015.

juvenis. Desenhou-se um modelo de mulheres independentes criado dentro das atividades ajustadas pela religião que estabeleceu as bases para o questionamento político e social. As memórias narradas por Sônia Terra apontam essa mudança:

E como eu comecei, desde de 13 anos, a participar de grupos de adolescentes na igreja, naquele tempo era o auge da Teologia da Libertação, fé, eu comecei a me envolver mais de jovens trabalhadores, com a Juventude Operária Católica, com a produção operária do CEA, que era o Centro de Estudos Alternativos do Parque Piauí. A gente trabalhava com formação, com a discussão da realidade, então, isso ia me fazendo ter uma visão de mundo já diferente, começando a ter consciência de quem eu era como mulher e porque que a gente sofria determinadas coisas. E aí, pra mim, eram duas questões colocadas, como mulher e como negra. Então, te desafia a ir abrindo os horizontes para compreender a sua realidade.¹⁰⁸

A escolarização e a vivência acadêmica ressignificaram as mentalidades desses modelos para as atuações políticas. De certo modo, a conscientização dos direitos, a escolhas dos cursos na área de humanas facilitaram o acesso aos questionamentos acerca da cidadania. A narrativa de Conceição Rodrigues indica a mudança existente no comportamento, com a entrada à Universidade:

Na segunda metade da década de 80... É... eu já me afastei um pouco das atividades sociais que eu exercia antes, por exemplo, da igreja. Passei a participar mais da vida acadêmica, de lutar pelos direitos dos estudantes, a gente fazia muitas manifestações na UFPI... Participei muito. A gente caminhava da UFPI até pela Avenida Frei Serafim. Eu lembro que uma vez a gente fez uma caminhada e a PM, na época, tentou abafar o movimento...¹⁰⁹

É possível perceber nas falas a pluralidade de experiências individuais narradas pelas depoentes. As trajetórias descritas revelam as subjetividades que de formas distintas, costumam as vivências e práticas femininas e desenharam comportamentos que traçam corpos com requintadas liberdades e adaptações ao cenário que as envolvem enquanto sujeitos independentes.

A liberdade, nesse sentido, nivela-se ao Estado, de forma que os indivíduos, para exercê-la, são absorvidos pelas normas, regras, princípios determinantes para o exercício do corpo em sociedade. É possível tomar como exemplo a ideia de Foucault

¹⁰⁸ TERRA, 2015.

¹⁰⁹ RODRIGUES, 2015.

ao analisar a liberdade defendida pelo pensamento grego, quando define que os cidadãos seriam indivíduos sem individualidade, nem interioridade, assim, explicita o elo entre o indivíduo e o Estado:

A liberdade, que se convém instaurar e preservar é evidentemente aquela dos cidadãos no seu conjunto, mas é, também, para cada um, uma certa forma de reação do indivíduo para consigo. É claro que a constituição da cidade, o caráter das leis, as formas da educação, a maneira pela qual os chefes se conduzem são fatores importantes para o comportamento dos cidadãos: mas, em troca a liberdade, a liberdade dos indivíduos, entendida como o domínio que eles são capazes de exercer sobre si mesmos é indispensável a todo o Estado.¹¹⁰

Ao corpo feminino é atribuída a virtude de adequação às condições dadas pela República. Para Foucault (2012) o Estado se mantém como disciplinador da liberdade e das virtudes. O indivíduo, assim, no exercício de sua liberdade, deve seguir as leis impostas aos seus valores, enquanto a virtude individual tem que se estruturar como uma cidade. A descontinuidade é o ritmo que compõe essa narrativa. Nesse sentido, a genealogia foucaultiana alerta para o devir, que é necessário “reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser”, alertando para a recusa à narrativa histórica tradicional e a atenção às descontinuidades, como possíveis caminhos de compreensão histórica, quando afirma que “o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar”.¹¹¹

As liberdades femininas envolviam os prazeres e as escolhas para as conquistas dos sonhos e projetos de vivências no final do século XX. Compreende-se que foi somente a partir dos anos 1950, com o crescimento da docência que o trabalho docente se expandiu ao público feminino. A ampliação do ensino secundário muito contribuiu para a expansão do campo para as mulheres. No entanto, ao longo do século XX, esses modelos de mulheres ampliaram sua marca no mundo do trabalho, sendo formal ou informal, esses sujeitos passaram a vivenciar experiências em diversos campos profissionais. Na década de 1980, esses modelos femininos são chamados a ocupar múltiplos papéis, seja como mulheres, mães ou esposas. Assim,

¹¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. v. 2. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. p. 97-98.

¹¹¹ FOUCAULT, 2008, p. 28.

na análise de Matos e Borelli, percebe-se a multiplicação das funções femininas nessa época:

Apesar do aumento da contribuição feminina para o orçamento da família e da constatação da chefia de domicílios encabeçadas por mulheres, nos núcleos familiares, os cuidados dos filhos e encargos domésticos continuam majoritariamente sob a responsabilidade das mulheres, sobrecarregando seu cotidiano envolto numa 'dupla jornada'.¹¹²

Sendo assim, as funções realizadas pelas mulheres se multiplicaram. Essa parcela juvenil que vivia em Teresina, efetivamente, passou a adotar um estilo de vivência mais acelerado em suas rotinas, ao assumir um ritmo mais intenso de estudo e trabalho. Concomitantemente, essas jovens acumulavam inúmeras atividades domésticas na vida cotidiana.

2.3 Os signos da estética, da aeróbica e a linguagem do corpo

Em 1983, era frequente tocar na primeira Rádio FM da capital, ainda em fase de instalação, e nas novelas veiculadas pela TV Clube em Teresina músicas que transmitiam o movimento da atividade aeróbica, que parecia moderno e necessário à juventude e, ao mesmo tempo, significou um chamamento para as jovens despertarem para esse universo da estética e da saúde. Essa ventania de “modernidade” por meio dos canais de informação, atingia a todas as mulheres, mas somente as garotas de classe média da cidade, impactadas diretamente, vestiam-se com as polainas e as malhas coloridas da roupa de ginástica aeróbica, seguindo o modismo e a linguagem impressos à época e ocuparam esse “não lugar”, a academia; “não lugar” por representar um espaço de oposição das mulheres aos padrões tradicionais e patriarcais. As academias, impulsionadas pela ventania da moda no país, acompanhou o ritmo veloz da década e constitui-se, juntamente com as discotecas, bares e *boîtes* Doce Vida, Aquarius, Matrichan, Nós e Elis, Escândalo, signos urbanos juvenis da classe média nos anos 1980, em Teresina. Ao analisar esse discurso de beleza, Sant’anna, atribuiu a essa década essas modificações no ritmo das mulheres, nomeando esse ideal juvenil de “Beleza Atlética”:

¹¹² MATOS; BORELLI, 2013, p. 146.

Promotoras da atividade física com música, as academias de ginástica viraram moda desde a década de 1980. A partir delas, as 'gatinhas' e as feras de todos os tipos deveriam construir uma musculatura firme. Segundo a propaganda da época sedentarismo era um decreto de morte à saúde e à beleza.¹¹³

Na travessia dessa década surgiram outros elementos como marcadores condicionantes ao corpo feminino, a exemplo do modismo, com o vestuário, que eram justificados pela estética e pelos discursos médicos, para a legitimação de um discurso midiático de corpo saudável e belo para as mulheres, porém com foco nas garotas que sonhavam com o ideal de ser independente. No entanto, consolidado pelos anseios capitalistas do comércio e das indústrias de beleza dessa época, esse discurso tomou fôlego e se espalhou pelos espaços de sociabilidade ocupados pelas garotas da época. No jornal *O Dia* de 1º abril de 1980, na coluna intitulada "Variedades", o discurso da moda que invadiu o país nos anos 1980 consistiu no assunto em destaque na página e definiu o modelo de mulheres, direcionando para esse público a tendência do momento, como evidenciou a matéria:

Moda dos anos 80 - Presente na mulher de hoje o dinamismo. Sua cabeça agita, elege, brinca e quer espaços novos. Sua moda é sua maneira de sentir a vida. Seguindo a sensibilidade feminina, com inteligência, audácia, sofisticação e charme. [...] Sedas puras e mistas, veludos, cirês, tweeds e malhas são os tecidos 80. Com o nylon, o paladar inédito e provocante. Nessa coleção, a mulher combina cores, estilos e estados de espírito, em clima alegre de nova década.¹¹⁴

As academias, como os produtos de beleza e estéticas, invadiram as propagandas dos canais de TV, instrumento que foi um dos mecanismos atrelados ao universo que se ampliou às mulheres. Sobre esse impulso da informação no Estado, na pasta das Comunicações Sociais, da Mensagem do governador Petrônio Portella, em 1º de março de 1980, o mesmo afirmava a importância do sinal de TV e do investimento em sua expansão para o Piauí, por meio da anterior criação da Secretaria de Comunicação, através da Lei 3.635 de 13 de março 1979. Nesse sentido, informava a publicação:

¹¹³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Sempre Bela*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana M. (Org.) *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 120.

¹¹⁴ A moda nos anos 80. *O Dia*, Variedades, Teresina, p. 8, 1 abril 1980.

Procurando-se ampliar com isso, as possibilidades de causação de um melhor processo de desenvolvimento da comunicação social. Mediante uma interação entre governo e comunidade, através da integração de toda a população aos acontecimentos que direta ou indiretamente influem sobre os destinos de cada um. Um dos veículos, nesse sentido, é sem dúvida a televisão. Através da Radiotepi, o governo realizou em seu primeiro ano, investimentos da ordem de 13, 5 milhões, sem incluir, as prefeituras na manutenção das obras civis e na manutenção dos sistemas.¹¹⁵

Na Mensagem o Governador, o governador pontuou, assim, os locais onde o sinal de TV possuía alcance, citando as 10 cidades do Estado, onde os serviços foram realizados pela Secretaria de Comunicação:

Implantou-se o sinal de TV em dez novas localidades: Campinas do Piauí, Padre Marcos, Paulistana, Santa Cruz do Canindé, Pimenteiras, Matias Olympio, Nossa Senhora dos Remédios e no Povoado Novo Nilo (União) e Alagoinha (Pio IX). Foi melhorada a retransmissão para Campo Maior, com a implantação do sistema interligando Teresina a Picos, Parnaíba, Floriano e Oeiras.¹¹⁶

Os efeitos dos investimentos tecnológicos nas redes de comunicação pelo Estado, aliado à euforia dos discursos de consumo das sociedades pós-modernas, acelerado com o alcance da globalização, fenômeno que é definido pela integração dos países da terra e entre regiões de um mesmo país, em termos políticos, sociais e culturais. A globalização surtiu forte efeito sobre as mulheres, mesmo não sendo um fenômeno recente. Nessa década, a cultura é atingida pela quebra dos valores humanos da sociedade de consumo e os efeitos sobre o corpo. Ao discutir esses efeitos globais do mundo econômico, Sant'anna argumenta que os impactos sobre o corpo sucederam no pós-Segunda Guerra Mundial, como se fosse esse a última fronteira a ser conquistada e enuncia esse mecanismo:

O corpo humano, derradeiro território a ser conquistado, desvendado e controlado, revela-se, assim, um campo preferido às experimentações da biotecnologia e dos investimentos da economia de mercado justamente quando é fortalecido um paradoxo característico das sociedades industriais: por um lado tem-se o culto, a valorização extrema das aparências e da saúde; por outro, a fragmentação do organismo e das terapias em expansão, a dispersão

¹¹⁵ PORTELLA, Petrônio. Mensagem à Assembleia Legislativa, 1 mar. 1980.

¹¹⁶ PORTELLA, Petrônio. Mensagem à Assembleia Legislativa, 1 mar. 1980.

das células, genes e órgãos, além do comércio destes materiais em larga escala.¹¹⁷

A pós-modernidade trouxe como modelos para as mulheres, os desdobramentos do corpo e os possíveis lugares que foram ajustados aos seus perfis, no mundo fora do lar. Essa provocação em determinadas mulheres consistiu na incorporação de estilos mais livres que envolviam a ousadia e a elegância para a aceitação juvenil, assim como no mercado de trabalho. O lazer, nesse sentido, apresenta-se com certa distinção. As garotas de classe média baixa buscavam outros estilos e modelos de diversão e embora fossem afetadas pelo discurso moderno do modismo da época, algumas criaram estilos alternativos. Nesse sentido, não é possível afirmar, efetivamente, que as mulheres de todas as classes sociais saiam para as discotecas e bares de Teresina. Contudo, estes espaços representavam guetos da juventude dita moderna.

As variadas formas de linguagem presentes nas fontes pesquisadas montam os diversos discursos impressos nas imagens, que constroem o sujeito mulher independente. Para tanto, a adequação a esses tempos implicou na adaptação às novas façanhas e novos comportamentos femininos. Assim, em consenso com a leitura de Albuquerque Jr., é notório, nesse momento, as práticas dos discursos e suas formas de configuração:

Não podemos esquecer que dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, démarches, intrigas e que os espaços são áreas, reticulares, tramas, retramas, redes, desredes de imagens e falas tecidas nas relações sociais.¹¹⁸

Os discursos acerca das jovens dessa década concentravam-se em que estas deveriam equilibrar a saúde do corpo e a mente para incorporarem a performance de mulher moderna. Nesse sentido, na travessia dos anos 1980 surgiam novos signos, que se materializavam em Teresina, com a chegada das academias de ginásticas. A Emê, primeira clínica de Estética feminina, trouxe a moda do atual momento para a juventude feminina, a ginástica Aeróbica, a dança e a valorização das atividades físicas como benefícios para o corpo escultural semelhante aos preceitos do modismo

¹¹⁷ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 75.

¹¹⁸ ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 23.

ditado como elemento moderno nas novelas e seriados de TV. O movimento e a ansiedade pela academia atingiram as jovens que vivenciavam suas experiências de sociabilidade em Teresina e eram impactadas pelas novas linguagens do tempo. Esse comportamento provocou uma liberdade e irreverência maior nas atitudes da juventude feminina na cidade. Virna Teive, professora de ginástica da Emê Jôquei, revela o significado desse momento de euforia das academias nos anos 1980 em Teresina:

As academias eram perfeitas! Era a época das discotecas, da aeróbica! Jane Fonda! Ela publicou livros e fitas cassetes ensinando! Nas danceterias, a gente dançava! E essas músicas iam para as academias... As academias lotadas, ficavam muito cheias. A música muito alta, muito barulhenta e a gente dava aula com as polainas listradas, coloridas, bem no estilo Flashdance! Rs... Era colant, meia calça e tinha a polaina colorida! Era tudo muito colorido!¹¹⁹

Após a Emê, surgiram também outras academias em Teresina, ao longo da década de 1980, que se tornaram muito famosas no centro e na zona leste da cidade, entre essas, a Help e a Agitate, que foram lugares de predominância de mulheres da classe média para os cuidados com a beleza e a saúde do corpo. Assim, com base no discurso estético nos jornais e como o próprio nome da academia sugere, significou um incentivo ao novo dinamismo feminino por meio da valorização da estética, da saúde e da beleza do corpo, tanto das mulheres como do homem. Sabe-se que não é possível definir nesse padrão todos os modelos de mulheres, porém, considera-se que as mulheres que ousavam ocupar esses espaços representam uma amostra significativa que alterou o ritmo da juventude na cidade, com novo ritmo e as práticas esportivas ditas modernas que chegavam à capital.

Os discursos e as subjetividades dos indivíduos se fizeram notar nos desejos impressos ao corpo e no vestuário que a mídia impressa e televisiva imprimiam à juventude. O vestuário constituiu um fator importante para a compreensão das modificações que se operavam nas fases juvenis das garotas em Teresina. Nessa década, Arend enfatiza que nas escolas a mudança nos uniformes também registrou uma nova era, com a moda uniforme da calça jeans nas diversas faixas-etárias. As indústrias da beleza, do vestuário, dos cosméticos ditavam as mudanças que as

¹¹⁹ TEIVE, 2015.

garotas sonhavam, por meio da mídia. Arend analisa ainda essa mudança nos comportamentos das garotas:

Em uma época em que as subjetividades tornaram-se um dos elementos norteadores no processo de escolha de parceiros afetivos e sexuais, a beleza corporal e o modo de vestir-se adquirem grande importância, ainda mais com o impulso da indústria dos cosméticos e vestuário.¹²⁰

Os atributos da beleza, nos anos 1980, atingiram diretamente o público que envolvia a juventude. As mulheres esclarecidas, que buscavam um ritmo próprio, seguiam o estereótipo de uma juventude saudável e dinâmica. Durante toda a década, essa consistia na propaganda que circulava, e as discussões nos bate-papos dos grupos de jovens aos domingos, nos frequentes encontros e nas festinhas de bairro. Para a depoente Conceição Rodrigues, a moda, na época, entusiasmava a juventude com a criação de novos estilos, sendo um importante instrumento de percepção da figura das mulheres, com personalidade e autonomia:

A moda, na época, era muito forte. Quando a gente é adolescente, então, a gente quer seguir a moda, o que tava na moda. Era assim, a gente selecionava aquilo que combinava com a gente e isso dava um estilo... Isso mostrava que a gente tinha personalidade...¹²¹

O discurso do modismo como cuidado e reflexo de uma boa aparência também ficou implícito na fala da depoente Edilene Facundes. O referencial exigido pela moda nas revistas, foi, muitas vezes, influenciado pelas mães. No caso da depoente, a condição da profissão da mãe, costureira, afetou sua forma de pensar o corpo:

Sim. Minha mãe era costureira, né? Quando ela era jovem e quando eu comecei a trabalhar, ela ainda costurava muito pra gente, né? Então, ela sempre comprava aquelas revistas, e termina que você entra no embalo da moda, né? Mas ela sempre gostou mesmo foi de acompanhar... E por isso que até hoje eu tenho esse gosto pelo vestir bem... Apesar de que às vezes, você não pode, ela sempre passou isso pra gente. A minha mãe sempre gostou muito disso e passou pra gente também, essa vontade de se cuidar um pouco...¹²²

¹²⁰ AREND, 2013, p. 80.

¹²¹ RODRIGUES, 2015.

¹²² FACUNDES, 2015.

Em todas as falas das entrevistadas, a moda pareceu ressignificar as performances de mulheres, representando um instrumento de comunicação com a nova época. É perceptível nas entrevistas que as mulheres buscavam e identificavam-se com estilos e formas de pensar que eram traduzidos na leitura da nova década que surgia.

Essa dinâmica acelerada do modismo simbolizou a rítmica dos anos 1980. As depoentes representaram uma amostra dessa juventude que ousava se revelar na travessia de um tempo em constante ebulição política. Além da aquisição dos novos espaços urbanos e de lazer, a saída com maior liberdade do espaço privado para o espaço público expôs também o valor dado à cidadania dessas mulheres, que foi impressa como um marcador de um novo tempo, em consequência do impacto político das esperanças criadas com o movimento das “Diretas Já”, em 1984. Quando à época juvenil, nas universidades, as mulheres envolviam-se com as inovações dessa etapa singular de suas vivências, entusiasmadas com as leituras acadêmicas, inauguraram uma década mais crítica e passaram a exercer uma participação mais livre, mais direcionada para as mudanças que ocorriam no cenário político brasileiro, ao participar dos movimentos e lutas pelas mutações no país e assistirem alcançar, efetivamente, alguns de seus direitos e espaços sociais com a promulgação da Constituição de 1988.

3 USOS URBANOS E A CONSTITUIÇÃO DO LAZER DE MULHERES INDEPENDENTES EM TERESINA

As configurações dos tempos 1980 convencionaram lugares, diversões, lazer, sociabilidades. É consenso, por um longo tempo, considerar que às mulheres, foi incorporada a representação do lazer à família, ou seja, ao grupo que essas estavam inseridas, dentro do espaço do lar. Assim, sair desses espaços significou rompimentos com determinados padrões de diversão. À época, a ideia de lazer, também foi vinculada à prática da liberdade, entretanto, a diversão fora dos espaços familiares tornava-se um impacto à ordem social.

No século XXI, a prática das mulheres saírem de casa para se distrair em lugares públicos tem significação comum em sociedade, no sentido do lazer propriamente dito, nos horários e locais convenientes a elas em finais de semana ou intervalos do trabalho. Não significa, nesse sentido, afirmar que, nos dias atuais, divertir-se seria, somente o passeio ao parque ou caminhar em praça pública, mas, também, ocupar outros espaços de forma singular, livre e autônoma, como a assiduidade em bares, restaurante, shoppings, cinemas definindo lugares como escolhas de entretenimento solitário ou em grupos de amigos, parceiros. A prática de sair à noite, com amigos ou sozinha para bares ou restaurantes, evidenciou-se nas atitudes de determinadas mulheres na década de 1980 e se acentuou até os dias atuais. Em Teresina, durante a década de 1980, algumas mulheres, em especial os modelos que eram considerados mais esclarecidos ou independentes, passaram a ocupar espaços de entretenimentos, para assistirem shows, espetáculos sozinhas, independentes dos irmãos e da família.

Entre os locais de entretenimento, as opções eram selecionadas com base no grupo de sociabilidades dos sujeitos. No início da juventude, entre os 18 e 20 anos, as mulheres de classe média e classe média baixa optavam por lugares que, teoricamente, eram permitidos, ainda, pelos pais, como cinemas, teatros, os espaços públicos, parques, praças. Nesse sentido, esses sujeitos ao atravessarem a etapa de suas trajetórias para a fase adulta, em que algumas já ocupavam os espaços da universidade e vivenciavam outras experiências de juventude, as opções se diversificaram, com o lazer e diversão noturna, em bares, pizzarias, danceterias e

restaurantes da cidade, na maioria das vezes, acompanhadas de amigos do mesmo grupo social.

Os versos dedicados à cidade, “Você me deixa tonto, zozzo, quase como um louco de encantamento...” da música “Teresina”, dos autores Aurélio Melo e José Rodrigues¹²³ entoavam como um hino à cidade pelos jovens e marcavam as sociabilidades nas ruas e bairros de Teresina. Nos “points” da cidade, entre eles o Theatro 4 de Setembro, o Bar Nós e Elis e o Cine Rex, comumente visitados pela juventude, segundo Lima, o termo em inglês, *points*, bastante usual àquela época pelos jovens na cidade.¹²⁴ O “Cine Rex”, uma sala de cinema que abrilhantava a praça mais importante de Teresina, por constituir notório centro de cultura da cidade, e por situar-se em local privilegiado, ao centro do complexo cultural histórico de Teresina, cercado pelo Theatro 4 de Setembro e pelo Centro de Artesanato “Mestre Dezinho”. Esse espaço possui como fundadores Deoclésio Brito e Bartolomeu Vasconcelos, esses que, no momento da sua fundação, talvez jamais imaginassem a dimensão que esse espaço constituiria na história, memória e cultura da capital e do Estado.

O cinema representou um marcante espaço de encontro da cultura piauiense. Esses lugares priorizados pelas mulheres imprimiu sua história com as exhibições de filmes nacionais e veiculados para um público cativo, em sua grande maioria juvenil. Com a intenção de capturar as sensibilidades através da cultura e da arte, Santos enfatiza que o Cine Rex constituiu um dos definidos espaços de cultura e entretenimento para uma elite cultural existente na cidade. Desse modo, eram frequentes as filas de jovens para assistir aos filmes nacionais e, segundo o autor, consistiu numa das mais importantes salas de cinema da época:

Portanto, o Rex tornou-se o espaço da qualidade na seleção dos filmes ali exibidos e da distinção social, uma vez que nos seus primeiros tempos era frequentado principalmente pela elite teresinense. Até os anos 1980, o Cine Rex configurou-se como uma das principais salas de cinema da cidade de Teresina e tinha um público cativo que sempre frequentava as sessões da tarde e/ou da noite. Entre os vários filmes ali exibidos, havia alguns que reuniam multidões como foi o caso do filme ‘O casamento dos Trapalhões’ que, em apenas uma semana em

¹²³ MELO, Aurélio; RODRIGUES, José. Teresina. Disponível em:

<<https://www.vagalume.com.br/lazaro-do-piaui/teresina.html>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

¹²⁴ SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. *Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990*. 2016. 378 f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. p. 16.

cartaz, 29 de dezembro de 1988 a 3 de janeiro de 1989, levou um público de dez mil pessoas a fazerem fila para assistir as trapalhadas do quarteto de humoristas, formado por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias.¹²⁵

Não é novidade evidenciar que a liberdade dita feminina, desde o século XIX, foi restrita às mulheres. Mas, que ao longo da década de 1980, novos lazeres e lugares pareciam emergir para a presença de modelos independentes de mulheres. As múltiplas mudanças no universo dito feminino, desde o início do século XX, acentuaram que o lazer, enquanto prática, foi determinante para a ocupação de outros lugares na cidade de Teresina, bem como a construção de novos usos urbanos desses espaços. Raquel de Barros Miguel e Carmem Rial, no artigo “Programa de Mulher” emergem a dúvida: *é possível falar de lazer feminino?* As autoras afirmam que, historicamente, existem normas para essas mudanças. Essas práticas ao longo dessa década, não se apresentaram contrárias, como Miguel e Rial definem:

Podemos identificar algumas constantes que marcam o lazer das mulheres. Para além dos limites relacionados à condição social, preconceitos raciais, diferenças educacionais, oportunidades e espaços disponíveis no campo e nas cidades, historicamente, existem normas que procuram regular as formas como as mulheres ocupam seu tempo que estão ligadas às funções de mãe, esposa e dona de casa, atribuídas à mulher.¹²⁶

Em Teresina, a representação de lar como mundo ainda era presente à educação de mulheres. Até a década de 1980, no imaginário das famílias mais tradicionais da capital e do interior, o que justificava a atenção dos pais, de forma mais atuante, em relação aos passos dados das filhas nos momentos de diversão, incentivando a saída das filhas ao lado de parentes, irmãos ou primos. No depoimento de Virna Teive, observou-se que as formas de controle familiar, ainda fortemente presentes, demonstram a aceitação de uma suposta liberdade das garotas, porém, com certo controle do tempo e do lugar:

O papai e a mamãe tentaram fazer diferente, mas um diferente com ranço, vamos dizer assim. Porque eles tentaram nos dar um pouco de liberdade, devido à época... Mas, era uma liberdade cerceada, mas,

¹²⁵ SANTOS, 2016, p. 16.

¹²⁶ MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Programa de Mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 149.

eles nos controlavam mesmo. Lembro de uma época, que a mamãe contou pro papai que eu estava namorando...¹²⁷

Percebe-se que a vida social noturna na capital representou um convite às mulheres, tanto da capital, quando de outras cidades, com as chegadas das *boîtes* e das discotecas. As mulheres queriam ousar, pular muros, correr atrás da liberdade. Em certas famílias, onde as práticas tradicionais ainda se manifestavam, se por um lado essas práticas apareciam em certas atitudes do pai, por outro, as atitudes da mãe representaram uma certa abertura que permitia às jovens sentirem-se confiantes aos novos caminhos a descobrir em suas épocas de juventude. No mesmo depoimento, Virna Teive, ao narrar sua experiência de uma garota de classe média, rememora a transição dos usos urbanos, nos espaços de diversão, que surgiam em Teresina:

A vida social era intensa! Naquela época tinha *boîtes*! Mas, o papai não deixava a gente ir, mas, ele ia todo fim de semana, pra fazenda com a mamãe e a gente fugia. Naquele tempo tinha festas de 15, 16, 17 anos e a gente fazia as festas em casa, mas, no espaço privado. E também tinha os clubes! O late Clube foi muito presente em nossa vida! O Tabajaras! Passávamos o sábado lá no clube com um grupo de amigos, andando de canoinhas no rio. As festas noturnas eram no late... O papai ia e a gente acompanhava. Nossa vida social era muito intensa!

As experiências de ousadias e práticas de divertimentos para as mulheres, nos direciona à narrativa de Queiroz, ao analisar a poética dos sentimentos em Luiza Amélia de Queiroz, considerada a primeira poetisa piauiense em fins do século XIX, definindo seus sentimentos poéticos e capturando as sensibilidades femininas. Percebe-se, nessa narrativa, que algumas práticas citadas no texto poético eram presentes até o final do século XX. Ao citar o lazer das mulheres em 1860 e 1870, a autora enfatiza a atitude temerosa das famílias com a ida das garotas aos bailes:

Nem por isso as mulheres brancas e ricas estavam infensas à maledicência masculina, às tentativas de aproximação carnal desrespeitosa e, ao controle permanente de suas ações e costumes, e qualquer deslize ou fuga da etiqueta poderia fazer com que caíssem na 'boca do povo'.¹²⁸

¹²⁷ TEIVE, 2015.

¹²⁸ QUEIROZ, 2006, p. 131.

No final do século XX, esse temor ainda era alimentado pelas famílias mais tradicionais, em Teresina. Havia, ainda, o receio dos pais, em relação às práticas culturais das garotas, vistas como muito modernas, e que ainda fossem tomadas como a notícia preferida dos vizinhos. Essa prática revelava que esse costume ainda permaneceu ao longo de todo o século, não obstante, o ritmo da década de 1980 ter sido marcado pela ousadia das mulheres em romper com esse padrão, porém, em meio a uma certa transição de valores, as famílias atravessavam mudanças significativas. Mesmo assim, alguns valores pautados às mulheres insistiam em permanecer. O excesso de cuidado dos pais, especialmente de classe média, com as filhas, ao conduzirem até os lugares de lazer, significou uma recusa à essência livre que estas já ousavam viver em suas iniciativas fora do lar.

A necessidade de romper com os resquícios das antigas normas familiares, era uma ansiedade presente nas vivências das mulheres. Rolnik, em sua cartografia do desejo, chamou esses deslocamentos de processos de desterritorialização. Percebo que por meio desses processos as mulheres se multiplicaram em vários desejos e perceberam suas mutações, abandonando a imagem de serem unidades autônomas. Nesse sentido, consiste numa “desterritorialização” do lar, do ninho, da família, como a autora define: “É o conjunto do território existencial que se reorganiza. [...], a consequência disso é, por um lado, as pessoas se darem conta de que sua subjetividade é mutável”.¹²⁹

É oportuno dizer que a cidade se permitiu aos arroubos da juventude. A nova década representou às jovens as palavras movimento, velocidade, ritmo, dança. Nesse sentido, foi a partir de 1985 que surgiram lugares em Teresina que inspiravam a liberdade da dança e do corpo, com o surgimento dos novos grupos de dança, novos espetáculos, academias, escolas. Esse movimento se deu com o intuito de impulso aos valores da terra, do lugar que se vivia. Alguns lugares, por meio da arte, trouxeram à cena mulheres com maior expressão de liberdade, através desses espetáculos e buscaram imprimir essa nova realidade à juventude de Teresina.

A mudança nas atitudes das jovens, provocada pela aprovação no vestibular e consequente entrada na universidade, na mesma década, afetou os espaços de convívio e as escolhas de entretenimento. A depoente Conceição Rodrigues rememora que, após esse momento, seus espaços de lazer se diferenciaram.

¹²⁹ ROLNIK, 2014, p. 87.

O meu grupo de amigos seguia o mesmo estilo musical, o mesmo gosto, nos reunimos em bares perto de casa, alguns já tocavam instrumentos... Quando a gente era adolescente, a gente se reunia, íamos para um barzinhos, para cantar... alguns tocavam violão e quem não tocava, cantava... Então, o que predominava na época, na nossa adolescência, na década de 80 eram as bandas de rock, principalmente, Legião Urbana... Então, as nossas conversas e discussões políticas na Universidade e fora dela tinha como fundo musical Legião Urbana, Caetano, Gil...¹³⁰

Porém, o lazer da juventude de Teresina apresentava-se, distintamente, conexo às práticas ou aos lugares habitados e frequentados pelas jovens, desde o início ao final da década. Na percepção do depoimento de Sônia Terra, o lazer do seu grupo, embasado e amadurecido com códigos denominados feministas, voltava-se para um estilo de pensar as diversões mais engajado com a luta política e as desigualdades de gêneros. A depoente explicou suas aspirações e diversões:

Desde cedo, eu participava, eu ia para shows, sou uma pessoa totalmente cultural. Desde criança, gostava de teatro de bonecos, gostava de organizar isso no meu bairro. Eu vinha do teatro, então, eu participava demais de shows. Não tinha manifestação que eu não viesse com minha bandeira, mas, depois, pra cantar, pra tomar cerveja, pra brincar. Então, essa foi essa força marcante pra mim, né? Porque naquele momento era aquela efervescência. O que tinha dessa organização. Então, ali era o meu lazer, ali eu ia pra manifestação política, ali tinha o show na Pedro II, pra me manifestar politicamente, pra ser contra, pro movimento de carestia. Mas, eu ficava alegre com aquilo, eu dançava, eu cantava, eu me divertia.¹³¹

As atitudes e diversões juvenis refletiam suas aspirações e desejos, no âmbito pessoal e político, como marcadores de um tempo em construção. Rancière, ao abordar o mundo como um processo estético, que surge como novo, afirma que:

Temos de pensar na estética em sentido largo, como modos de percepção e sensibilidade, a maneira pela qual os indivíduos e grupos constroem o mundo. É um processo estético que cria o novo, ou seja, desloca os dados do problema. Os universos de percepção não compreendem mais os mesmos objetos, nem os mesmos sujeitos, não funcionam mais nas mesmas regras, então instauram possibilidades inéditas.¹³²

¹³⁰ RODRIGUES, 2015.

¹³¹ TERRA, 2015.

¹³² LONGMAN, Gabriela; VIANA, Diego. Entrevista a Jacques Rancière. *Revista Cult*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

3.1 Da escola para a universidade: mulheres esclarecidas e independentes

Desde as décadas de 1960 e 1970, as inquietações sociais pela causa dita feminina, os movimentos que defendiam a chamada “contracultura”, a invenção da pílula anticoncepcional vem acrescentar mudanças nas atitudes juvenis brasileiras. Lugares como a escola e as universidades abrem-se para um universo, além da educação, que também poderiam ser chamados “não-lugares”, devido à rejeição dos comportamentos estudantis tradicionais às mulheres e a abertura ao novo que surgia por meio da educação. Na fase juvenil, estes configuraram espaços e lugares também de vínculos de amizades e entretenimentos. Porém, é somente a partir de 1980 que as dissonâncias dessa onda transformadora e marcadora de gerações, se evidenciou no Brasil. Conforme explicita Arend:

No caso brasileiro, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador, esses movimentos como em outros países tiveram seu início ainda nos anos de 1960, somente produziram ecos em uma parcela significativa da população a partir de meados de 1980, em função das restrições das liberdades individuais impostas pela Ditadura Militar implantada em 1964. Uma perspectiva mais igualitária entre homens e mulheres passaria a nortear os valores e práticas familiares, provocando mudanças na socialização das meninas no Brasil.¹³³

Nessa década, permeavam as expectativas e sonhos do sujeito mulher, em fase juvenil, as mudanças no estilo e na forma de pensar os projetos de vida e carreira. Nesse sentido, tanto os padrões de matrimônio como a constituição familiar se modificavam na construção de projetos de futuro para esses indivíduos. Arend aponta os efeitos que surgiam nos comportamentos ditos femininos:

O casamento permanecia no horizonte. Porém, a carreira profissional, que implicava autonomia financeira com relação ao pai e ao cônjuge, assumia cada vez mais maior importância entre as expectativas das meninas. [...] A perspectiva de um maior controle dos processos relativos à reprodução humana, conjuntamente com o discurso da chamada contracultura, que preconizava a liberação sexual, produziu efeitos sobre as práticas afetivas e sexuais das jovens.

¹³³ AREND, 2013, p. 77.

Em Teresina, essa prática surgia nas atitudes das jovens que ousavam e buscavam certa independência em relação à família e ao lazer. É interessante notar que os espaços de sociabilidades eram definidos pelas práticas familiares desde a infância e a adolescência. Nesse sentido, para as mulheres, os espaços de diversão e lazer se concentravam nos lugares que eram permitidos pelos pais. Mesmo com o movimento de intensa busca pela liberdade feminina, algumas mulheres mostravam-se dependentes da família para ocupar espaços ditos de lazer.

Ainda no início da década, o templo da igreja Católica incorporou a imagem de um lugar de sociabilidades, lazer e diversão. Os rituais como festejos, missas, passeios domingueiros eram práticas que ainda se manifestavam entre as mulheres ditas de família. E na maioria das vezes, a liberdade de ir e vir sem a presença dos pais iniciava pelos rituais católicos. Como revelou Rita Magalhães em sua fala:

As cerimônias religiosas... Eu sempre fui da religião católica, participava bastante, como falei anteriormente, havia a missa para os jovens e todos os domingos eu estava lá na missa, participava de todos os eventos religiosos, correspondentes a cada época, então, semana santa, páscoa... Então, eu sempre me envolvi na igreja, inclusive eu fazia parte do grupo de liturgia da igreja do meu bairro, onde eu era a cantora... cantava na época, e fazia leituras. Eu sempre gostei, desde muito nova e até hoje eu faço parte da leitura, de liturgia da minha igreja.¹³⁴

Contudo, as experiências de namoro e a liberdade de participação em festinhas permaneciam ligadas aos padrões religiosos. E, nesses espaços, iniciavam também as experiências de liberdade fora do espaço familiar. Algumas mulheres aprendiam práticas mais livres, como a apreciação à música, à arte, a escolha de uma linha política, nos próprios espaços religiosos. A relação igreja e política do início dessa década, é configurada por Queiroz:

Nesse período, a forte politização e a ação social de algumas frações da igreja católica traziam para o embate político parcela do episcopado brasileiro, a dita ala progressista, à frente bispos como os de Fortaleza (D. Aloízio Lorscheider) e de São Paulo (D. Evaristo Arns) e o Teólogo da Teologia da Libertação, frei Leonardo Boff. Nesse contexto também se salienta a atuação de instituições como a Conferência Nacional dos

¹³⁴ MAGALHÃES, Rita. Enfermeira. Professora Mestre do CTT- UFPI. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 23 out. 2015b.

Bispos do Brasil (CNBB) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A Igreja já institucionalizara sua opção preferencial pelos pobres.¹³⁵

Embora à época fosse impressa uma aura de liberdade para as mulheres de classe média que ainda viviam sob a forte educação com traços patriarcais, conseguir sair de casa sozinhas para festinhas de aniversários, clubes ou mesmo para a igreja aos domingos significou a impressão de novos hábitos de lazer.

Nos espaços religiosos a prática política também atraía as mulheres que vinham de classe média baixa e que aprendiam, em especial, e ligados aos valores religiosos, a valorização da resistência à desigualdade social. Essa, contudo, não era uma prática nova, mas definia-se ao momento político pelo qual passava a década. A depoente Sônia Terra revela que aprendeu a gostar das leituras críticas nas reuniões dos grupos da igreja e sob a influência das leituras da Teologia da Libertação, demonstrando o vínculo com sua religião:

[...] a consciência feminista ela veio justamente nesse processo que era o processo auge também que a gente vivia, nessa década de 80, principalmente, porque foi um momento muito forte, né? Como falei antes, porque era um momento da Teologia da Libertação, dos movimentos sociais, de construção e desconstrução também, não é? Pra gente se situar nesse mundo que a gente vivia, de que lado que nós estávamos e quem somos e de onde vínhamos. Isso demarcou e demarca até hoje essa minha formação, dessa construção desse ser mulher e, sobretudo, de ser mulher negra.

A experiência da liberdade da leitura e da sociabilidade são marcadores importantes das descobertas da depoente, enquanto indivíduo. Nesse universo, observa-se a desterritorialização que é impressa ao alargamento dos seus domínios do conhecimento. Essa impressão remete a construção do indivíduo, defendida por Guatarri:

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado, com isso, quero dizer que seus territórios, etológicos, imaginários- corpos, clã, aldeia, culto, corporação... não estão mais dispostos a um ponto preciso da terra, mas, se incrustam no essencial, em universos incorporais.¹³⁶

¹³⁵ QUEIROZ, 2006, p. 213.

¹³⁶ GUATARRI, 2006, p. 169.

As aspirações dos sujeitos constituíram importantes vetores à efetivação da materialização do indivíduo independente, por consistir na justificativa dos valores atribuídos às suas próprias oportunidades, do alcance de seus desejos e da emergência de vivenciá-los. Observou-se o valor atribuído a esse vetor no relato da depoente Reia Rios, ao rememorar sua trajetória de escolarização:

Eu estudei na Escola São Francisco de Assis, que é ali perto da Igreja São Benedito. Era um colégio bom! Considerado dentro dos colégios públicos, né? Bom! Então, eu tive que fazer secretariado, que não preparava para a Universidade. A minha mãe queria que a gente fizesse o Pedagógico. Eu me recusei, porque eu queria fazer universidade. As condições possíveis, era fazer o pedagógico, ou fazer um curso de secretariado. Então, eu não me conformei e, sempre, fui estudar por minha conta. Já que meu pai não podia pagar, eu me dediquei muito e consegui. E eu entrei na Universidade com 17 anos para o Curso de Serviço Social.¹³⁷

Por outra ótica, percebe-se uma angústia acadêmica na trajetória de Tailândia Maia, com a descontinuidade do ritmo juvenil que o ofício do trabalho inerente à conquista da graduação exigia à época. Os projetos de carreira significaram pilares necessários à época para sua construção individual, essa cobrança ainda presente convergia com a função de esposa e mãe. Como a depoente esclarece, a ansiedade por retardar a entrada à universidade, em detrimento do trabalho e da família:

Então, nesse processo todo, eu casei, né? Trabalhando como professora pedagógica, mas, assim, trabalhando ainda sem curso superior, mas, extremamente incomodada, né? Porque, enquanto isso, como eu falei, muitos amigos foram embora, então comecei a ver meus amigos lá, com a graduação, porque naquele tempo a graduação já era muita coisa...[...] E o que acontece? Tive que correr atrás, aí já tava casada, já tava com filho.... Eu, na minha cabeça, inconscientemente, dizia que eu não poderia chegar aos 40 sem ter um curso superior, porque começou a incomodar muito. Ai, então, eu fui fazer Administração...¹³⁸

Ao analisar as posturas de homens e mulheres de classe média nos anos 1960, Vaitsman revela que à época, os significados de individuação estavam atrelados à concepção de feminino e masculino. E, com base nesse fragmento, observa-se que

¹³⁷ MAGALHÃES, Reia Sílvia Rios. Professora Doutora da UFPI do Curso de Serviço Social. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 14 set. 2015a.

¹³⁸ MAIA, 2015.

dessas mulheres emergiu um leque de possibilidades e de autonomia fora do casamento, com a abertura para os estudos superiores, que mais tarde, provocariam as mulheres dos anos 1980:

As mulheres foram atrizes principais deste processo do qual se redefiniram os papéis sexuais sociais dicotomizados. A entrada para o mundo da universidade plantou as bases para projetos de individuação que reconstruíram os significados do feminino e masculino predominantes até então. Predominantes, mas, que muitas vezes contradiziam as próprias práticas em relação às mulheres.¹³⁹

O registro crescente das mulheres no trabalho apontava nas tabelas estatísticas do IBGE, por toda a década. O percentual de mulheres brasileiras que estudavam, na década de 1980, atingiu um dado relevante nas pesquisas realizadas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) nos anos de 1988 a 2007. De acordo com os dados da pesquisa, foi registrado na amostra do ano de 1988, no Brasil, que o número de mulheres que passam a trabalhar e estudar são consideráveis. A tabela evidencia também uma marcante porcentagem de mulheres que estudam e trabalham, com escolaridade média e superior. A pesquisa da FGV registrou os dados que na tabela da PEA masculina e feminina por escolaridade, as taxas que são correspondentes aos anos de 1970, 1980, 1983, 1985. É possível observar que nas taxas que correspondem às mulheres, houve o aumento favorável nas porcentagens referentes à amostra dos anos citados no dado. Conforme os dados da tabela a seguir:

¹³⁹ VAITSMAN, 1994, p. 97.

Tabela 1 – Distribuição dos ocupados por sexo e setor de trabalho

Tabela 1 - Distribuição dos ocupados por sexo e setor de atividade
Brasil

Setor de atividade	1970*		1976*		1981		1985		1990		1993		1995		1998	
	homens	mulheres														
Agricultura, extração, vegetal e pesca	50,6	20,4	40	26,8	33,6	19,8	33,5	18,4	28,1	14	29,6	24,3	28,4	22,5	26	19,3
Indústria	20	10,3	27,4	13,1	30,1	12,9	26,8	12,4	29,1	13,7	27,2	10,1	26,4	9,3	27	9,6
Comércio de mercadorias	8,1	6	9,6	8,4	10,6	9,8	11,1	10,4	12,3	13,1	12	12	13,3	12,8	13,3	13,7
Restação de serviços	5,3	38,8	6,7	28,8	7,8	31,8	8,9	32,1	10,4	30,9	11,1	28,6	12	29,8	12,4	29,4
Serviços auxiliares de atividades econômicas	(a)	(a)	2,1	1,7	2,8	2,2	2,9	2,3	3,3	3	3,2	2,3	3,5	2,9	4,2	3,3
Social	2,1	16,1	2,6	14,8	2,9	16,6	3,1	17	3,3	18,6	3,6	16,2	3,6	16,3	4,1	18,1
Administração Pública	4,2	2,6	4	2,3	4,5	3	4,9	3,3	5,1	4	5,2	3,9	5,1	3,9	5,1	3,9
Transportes e comunicação	5,1	1	5,1	1	5,2	1	4,9	0,8	5,2	1	5,2	0,8	5,6	0,8	5,9	1
Outros setores	4,8	4,9	2,6	3,2	2,6	2,8	3,3	3	3	2,7	2	1,9	2,1	1,7	2	1,7
Total %	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Millões	23,4	6,2	28,3	11,4	31,2	14,1	35,4	17,8	40	22,1	40,5	25,9	41,9	27,8	42,3	27,6

FONTE: IBGE/Censo Demográfico 1970 (tab. 21); PNADs 1976 (tab. 3.13); 1985/1990 (tab. 3.18); 1993/1998 (tab. 4.18); 2002 - iniciais

* refere-se à PEA, demais anos, ocupados

(a) desagregação inexistente para esse ano

Fonte: IBGE / Censo Demográfico 1970.

A amostra do cenário educacional de Teresina não se revelou diferente. Com base na amostra examinada pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, os resultados alcançados, ao final da década, em Teresina e publicados em 1991 registraram que “a escolaridade da População de 25 anos ou mais em 1991, correspondeu à taxa de 20,9% da população da capital”.

Nesse sentido, o número de mulheres na educação superior, ao final da década em estudo, foi considerado crescente. Fator que promoveu um ritmo bastante acelerado no mercado de trabalho. A expansão da economia com o crescimento do comércio e da industrialização, bem como o anterior avanço da escolaridade das mulheres na década de 1970 possibilitou a construção de novos signos e não-lugares nos espaços urbanos.

3.2 As desterritorializações dos sujeitos e a percepção da liberdade

No final do século XX, as mulheres rejeitavam a ideia da falta da liberdade. As trajetórias das sete mulheres em análise vêm iluminar as desterritorializações que as mulheres, enquanto indivíduos, e em diversificados cenários, apresentaram nas relações de poder. As narrativas são marcadores do tempo em suas vivências, em relação à família, ao estado e às suas esperas e desejos. Assim, esses modelos de mulheres, enquanto indivíduos, trazem uma multiplicidade de papéis sociais. Esses, há tempos, constroem-se e desconstruem valores, normas, condutas, em busca da composição de novas configurações de suas existências e historicidades. Nesse

sentido, compreende-se como caminho necessário, entender a materialidade e sexualidade dos corpos e recorrer à ideia de sujeito. Foucault, quando analisa as formulações discursivas, percebe o sujeito emaranhado em relações de poder:

Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeito de uma 'sexualidade' que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula em um sistema de regras e coerções.¹⁴⁰

Assim, a sexualidade como uma construção de sujeito afetou a composição da ideia do “ser feminino”, o qual por meio dos discursos é materializado. O exemplo do sujeito mulher foi vinculado à imagem ou à aparência das mulheres. Na construção imagética do cristianismo, as imagens fortes e simbólicas de Maria, Eva e Maria Madalena permitiram que as mulheres, enquanto, indivíduos, fossem visualizadas pelas formas corporais. Como narra Perrot, “A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo vestido ou nu. A mulher é feita de aparências”.¹⁴¹

O conceito de liberdade foi analisado por diversos filósofos, tamanha a importância a ele atribuída. Esse conceito foi apresentado nas várias concepções filosóficas sempre conectado à condição do sujeito masculino. A liberdade, enquanto, tema provocou e provoca discussões críticas acerca do seu entendimento, pois tem se adequado em consonância com a política, a religião e o ritmo dos tempos históricos.

Com o impulso das cidades, conforme Chauí, houve o surgimento da polis grega e da Democracia, que representava a igualdade de todos os homens adultos perante as leis e o direito de todos de participar do governo da cidade. De tal modo, esse conceito é apresentado na fase filosófica socrática sempre voltado para a constituição humana. Chauí analisa ainda a forma de a constituição da Democracia e a cidadania na Grécia antiga que, entre outros, excluía as mulheres:

Em segundo lugar e como consequência, a democracia, sendo direta e não por eleição de representantes, garantia a todos a participação no governo, e os que dele participavam tinham o direito de exprimir,

¹⁴⁰ FOUCAULT, 2012, p. 10.

¹⁴¹ PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

discutir e defender em público suas opiniões sobre as decisões que a cidade deveria tomar. Surgia assim, a figura política do cidadão.¹⁴²

Segundo Chauí, desde a Antiguidade são diversos os teóricos que trataram acerca do tema.¹⁴³ Sócrates afirmou a seguinte frase: “Conhece-te a ti mesmo”, afirmando que o homem livre é aquele que consegue dominar seus sentimentos, seus pensamentos, a si próprio, a partir do autoconhecimento. A concepção de Sócrates sobre a liberdade humana reforça a concepção de outros teóricos, como Platão e Aristóteles, ao defenderem uma liberdade do homem com teor político e jurídico. Porém, para Platão, a liberdade dos indivíduos é alcançada por meio da opção individual da prática da virtude, seja em harmonia com a moral ou não. Enquanto que para Aristóteles o homem para ser livre precisa ser hábil para optar pelas opções que lhe são oferecidas.

Porém, nos tempos medievos, a filosofia concentrava-se na diferença entre infinito (Deus) e finito (homem, mundo), a diferença entre a razão e a fé. A concepção de Santo Agostinho, o conceito de livre-arbítrio, passou a ser considerado distinto em relação ao pensamento grego da Antiguidade Clássica.¹⁴⁴

A Filosofia moderna do século XVII a meados do século XVIII partiu de três vertentes, a do Neoplatonismo e do Hermetismo, com ênfase na ideia de natureza como ser vivo. A linha dos pensadores florentinos que valorizava a vida ativa, ou a política. E a ideia de homem como sujeito de seu próprio destino. Para Hobbes, “seria a ausência de impedimentos externos que muitas vezes tiram parte do poder que cada um tem de fazer o que quer”. Enquanto que para Descartes, o próprio conhecimento se equiparava à liberdade. E cria o *cogito* como princípio do seu pensamento: “penso, logo existo”! O autor defendeu a ideia de subjetividade cartesiana, do indivíduo, sendo a dúvida metódica a defesa do seu método. Locke distinguiu a liberdade individual da liberdade civil com a expressão “Onde não há lei não há liberdade”. Numa outra vertente da liberdade humana, Rousseau em sua obra o *Contrato Social*, defende que “renunciar à liberdade é renunciar a liberdade de ser homem”. Concebendo a

¹⁴² Devemos notar que estavam excluídos da cidadania, o que os gregos chamavam de dependentes: mulheres, escravos, crianças e velhos também estavam excluídos os estrangeiros. Ver: CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 42.

¹⁴³ CHAUI, 2000, p. 54.

¹⁴⁴ CHAUI, 2000, p. 54.

liberdade e a igualdade como desígnio de uma legislação, que afirma ser o seu maior bem.¹⁴⁵

Os poderes do conhecimento e da razão significavam luzes nos séculos XVIII e XIX. Na Filosofia iluminista, a noção de liberdade aproximou-se da concepção humanista grega. Chauí aponta que pela razão o homem pode alcançar a liberdade e a felicidade social e política: “o homem é um ser perfectível”.¹⁴⁶ Exemplos dessa ideia foram propagadas por Kant, que definiu que a liberdade age segundo a razão e a razão se realiza pela liberdade. Hegel defendia que a liberdade é uma expressão do sujeito e que liberdade sem vontade é uma palavra vazia de sentido.

A partir do século XIX aos dias atuais, a Filosofia contemporânea é entendida como a mais complexa, pois exige o entendimento das distintas tendências filosóficas. Segundo Chauí, Marx e Freud são expoentes divergentes desse pensamento, quando os filósofos acreditariam terem alcançado a plenitude da razão. Em campos diferentes, Marx, voltado para a economia e a política, defende que somos levados a pensar por nossa própria cabeça, por nossa própria vontade racional e livremente de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível, ideologia, que nos força a pensar como pensamos. Na percepção de Chauí, Freud defendeu a ideia de que os seres humanos têm a ilusão de que tudo o quanto pensam, fazem, sentem e desejam, dizem ou calam estaria sobre o controle da consciência, porque desconhecem um poder psíquico-social, que chamou de inconsciente, e que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba.¹⁴⁷

Ao criticar o livre-arbítrio, Nietzsche se distanciou de qualquer ato moral. Defendeu que o homem livre é um criador de novos valores, da força transmutada, da eternidade do tempo. A crença na força instintiva é revelada nas palavras do autor:

Suponho que nada seja ‘dado’ como real além de nosso mundo de desejos e paixões, e que não possamos afundar ou elevar a qualquer outra realidade exceto aquela de nossos instintos – pois pensar é apenas a relação entre esses instintos.¹⁴⁸

¹⁴⁵ CHAUI, 2000, p. 55.

¹⁴⁶ CHAUI, 2000, p. 57.

¹⁴⁷ CHAUI, 2000, p. 63.

¹⁴⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2015. p. 52.

Numa outra vertente historiográfica, o mito da liberdade humana é analisada por Foucault, em sua obra *História da Sexualidade. A sophrosune*, a liberdade que, para os gregos, era definida pelo uso dos prazeres; o estado que se pretende alcançar, pelo estado do domínio e pelo comedimento na prática dos prazeres é caracterizada como uma liberdade. Esse formato da liberdade, voltado para os prazeres e a cidadania masculina, relacionava aos homens o poder do Estado, sendo as mulheres restritas ao ambiente do lar. O ideal proposto de ser humano livre seria, por assim dizer, a liberdade impressa pelo Estado.¹⁴⁹

Nesse sentido, a liberdade atribuída às mulheres, nos anos 1980, perpassa pela concepção de ser um sujeito dito feminino, livre das amarras da cultura tradicional, que por si só, se constituiu independente. Portanto, a liberdade como tema não é nova nesse desafio, mas é um elemento marcador de sentidos nessa década. São múltiplos os agenciamentos, as desterritorializações, as singularidades e as subjetividades denotados em cada relato, que compõe as materializações de cada indivíduo, enquanto sujeito independente. Nessa análise, cada universo representou experiências fecundas de liberdade e coexistência com devires, imagens, tempos, desejos e afetos. Para os sujeitos independentes a efetivação do deslocamento de suas performances, enquanto indivíduos múltiplos, diante das mazelas sociais que ainda limitavam os passos e as imagens ditas femininas, ressignificou a composição de outros lugares, outros sonhos, outros desejos.

3.3 Os signos do modismo, a expressão de liberdade e autenticidade das mulheres

A construção de uma imagem de mulher atualizada é demonstrada nas palavras de Edilene Facundes, quando revela a preocupação da mãe com a boa aparência e a necessidade de passar esse costume para as filhas. A depoente evidencia que a imagem era um fator importante na constituição de um sujeito de mulher moderno mais atualizado com o modismo dos anos 1980:

Sim. Minha mãe era costureira, né? Quando ela era jovem e quando eu comecei a trabalhar ela ainda era e ela costurava muito pra gente, né? Então, ela sempre comprava aquelas revistas e termina que você

¹⁴⁹ FOUCAULT, 2012, p. 97.

entra no embalo da moda, né? Mas, ela sempre gostou mesmo foi de acompanhar... E por isso, que até hoje, eu tenho esse gosto pelo vestir bem... Apesar de que às vezes, você não pode, ela sempre passou isso pra gente. A minha mãe sempre gostou muito disso e passou pra gente também, essa vontade de se cuidar...¹⁵⁰

A moda como fator determinante de construção de imagens provocou nessa década rupturas com as formas de liberdade de vestir. Conceição Rodrigues afirma que a influência era forte e que impactava com as normas familiares, relacionando-a da busca de um estilo, que era impresso pelas revistas.

A moda, na época, era muito forte, quando a gente era adolescente, então, a gente queria seguir a moda, o que tava na moda. Então, a gente selecionava aquilo que combinava com a gente e isso dava um estilo... Isso mostrava que a gente tinha personalidade.¹⁵¹

Como veículo promotor de mudanças no comportamento feminino, a moda interferiu nas formas e atitudes de pensar e agir da juventude na capital. A linguagem cultural perpassava, rapidamente, ao ritmo juvenil, as facetas de uma juventude mais livre e conectada com a tecnologia, com a TV e o cinema, porém, encontrava resistência de algumas jovens, que embora quisessem ser independentes, resistiram a ideia de seguir uma moda irreverente. Rita Magalhães, uma jovem católica, sentiu o impacto das novas formas de expressão:

Nos anos 80, sim, com certeza! Agora o interessante é que apesar da minha mãe ser de um tempo bem mais antigo do que o meu, como ela costurava nossas roupas, ela queria que eu usasse roupas curtas e decotadas, da moda. Eu ficava impressionada! Eu dizia: eu não quero usar, porque era a época, as meninas usavam, e como eu era nova, né? Vamos dizer que era uma moça muito comportada pra época...¹⁵²

Uma outra performance de mulher independente se revela na resistência ao modismo da época. A leitura, o engajamento político e a construção de outros parâmetros identitários para as mulheres consistiam em sonhos a alcançar. A exemplo da realidade vivida pela cultura negra, algumas mulheres consideradas independentes

¹⁵⁰ FACUNDES, 2015.

¹⁵¹ RODRIGUES, 2015.

¹⁵² MAGALHÃES, 2015b.

ressignificam suas expressões e se revelam autênticas às normas sociais. Como explicita a depoente Sônia Terra:

Eu tinha muitos problemas com as meninas do meu bairro, porque eu era diferente, eu me vestia muito diferente. As pessoas às vezes achavam horrível o jeito que eu me vestia. Eu sempre fui uma negra assumida. Eu nunca alisei meu cabelo. Sempre usei meu cabelo natural. [...] naquela época eu era muito revolucionária. A minha roupa também era a minha personalidade revolucionária. Agora, eu sempre fui muito feminina, nunca abri mão disso, dos batons, os decotes, era muito vaidosa, muito feminina. Usava muito essa sensualidade negra, marcante. Essa coisa de colocar o que a juventude tem, né? Uma força, uma ousadia.¹⁵³

Sobre esses discursos, questiona-se: como essa representação de postura feminina livre, longe das amarras do casamento e da família, poderia provocar no âmbito dos grupos sociais, da cidade, do trabalho? Como essa representação foi absorvida pelos próprios sujeitos femininos? Qual ideia de independência circulava na mentalidade juvenil à época? Essas são indagações acerca desse modelo de mulheres, que se revelava ao longo dessa década, em Teresina.

3.4 As mulheres independentes e os estereótipos de autossuficiência versus feminilidade

Em Teresina, o estereótipo de mulher independente ainda não era, nos anos 1980, visto com boa aceitação. Em muitas famílias, a atitude do desejo de ser independente reforçava o preconceito de não casar. E, de certo modo, pairava o preconceito sobre as garotas que sonhavam além do casamento. Muito embora, as famílias já aceitassem a formação e a carreira feminina em ascensão, ainda estava atrelada a ideia de constituição familiar a essas famílias.

Contudo, à época, a família já não era vista como o centro das conquistas femininas, mesmo não sendo o casamento um sonho ignorado pelas jovens de todas as classes sociais. A propaganda criada acerca de um modelo de geração, que iria influenciar novas práticas às mulheres, a chamada “Geração 1980”, foi determinante por ensinar novos valores e sonhos por meios dos discursos de estética, de saúde e de liberdade, impressos em jornais e revistas. Porém, mesmo com a circulação dessas

¹⁵³ TERRA, 2015.

ideias de liberdade, muitas mulheres, ainda assim, pretendiam e realizavam a constituição familiar, algumas vezes, já formadas. Esse modelo de mulheres figurava também imagens de excelentes profissionais em carreiras promissoras, algumas também já se destacavam no âmbito político. Assim, a conquista pela liberdade e autonomia ainda permanecia atrelada ao ideal matrimonial.

Compreender as formas como modelos de feminilidade em Teresina emergiram e refletiram imagens de mulheres com ideais independentes dos padrões sociais constitui a intenção desse estudo. Esses indivíduos incorporaram valores ditos modernos que eram legitimados e marcados pelos jornais, por meio da veiculação de propagandas, de marcas e slogans de produtos comerciais, quando determinados modelos de mulheres têm uma participação maciça nos comerciais. Porém, é coerente notar que acerca dessas mulheres há singularidades e subjetividades que povoaram seus universos e transformam suas trajetórias de vida.

Em seu artigo “A Era dos modelos rígidos”, Pinsky analisa os modelos rígidos de mulheres e busca discutir a dita “natureza feminina” por meio das representações, no início do século XX. A autora, na tentativa de definir e identificar os modelos de feminilidade dos anos 1960 aos dias atuais, divide-os em dois momentos:

Nessa trajetória, grosso modo, podemos identificar dois momentos: um em que modelos de feminilidade se consolidam (do começo do século XX ao início dos anos 1960) e outro, de maior fluidez (de meados dos anos 1960 aos dias de hoje), quando ideais do período anterior são questionados e passam a conviver com novas referências.¹⁵⁴

A ideia de representação para autora permite conhecer os discursos sobre o que é “próprio da mulher” ou “qual o seu papel” e afetam também as políticas públicas. Nesse sentido, lembra que falar de mulheres é lugar comum, fazendo uso do termo no singular: “mulher é assunto”. Porém, é importante lembrar que suas trajetórias plurais estão permeadas singularidades e subjetividades, que atribuíram definições e parâmetros de suas performances como modelos de sujeito feminino.

Como foi abordado anteriormente, essa faceta de liberdade representada pelo corpo feminino se distancia daquela impressa na Grécia Antiga, analisada por Foucault em sua obra *História da sexualidade*. A marca da liberdade para os cidadãos

¹⁵⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 470.

se relacionava profundamente à constituição de uma urbe. Nesse sentido, estar livre significaria estar em ordem com a cidade. O ideal de cidadão grego e livre distanciava-se do seu estado pessoal de liberdade humana. Assim:

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual, ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade.¹⁵⁵

Contraditoriamente, essa analogia revela que a liberdade feminina que se imprimiu nas décadas finais do século XX, em Teresina, quando a essência da liberdade voltava-se para a noção do corpo, como estatuto do desejo feminino, enquanto ser livre, individual, o corpo constituiria os anseios de uma concreta “feminilidade” do “EU” de determinadas garotas que se relacionava aos sonhos pessoais e às expectativas de conquistas.

Em consonância, a liberdade para a depoente Tailândia Maia se revelou nas atividades de militância política, e posteriormente, em consequência da formação superior, surge a angústia pela forma de estudos tardia, embora a mesma não tenha seguido as normas tradicionais de escolarização, tendo preferido seguir uma militância política à formação acadêmica, a depoente demonstra a angústia pela insatisfação dessa conquista ainda na juventude, o que afetou sua percepção de vivência e a despertou para prosseguimento dos estudos numa fase posterior:

Essa formação de militância, pro papel das mulheres e tal, o ensino formal não foi determinante, mas ele fez falta quando você foi partir já pro campo de trabalho, porque também gerava uma inquietação muito grande na minha cabeça, o fato de eu não ter dado continuidade a esse processo, eu sabia que estava faltando alguma coisa e que era uma coisa muito significativa, então, ao mesmo tempo em que eu já trabalhava, que eu militava e tal, mas eu não tinha formação acadêmica. E isso, eu me ressentia disso...¹⁵⁶

A liberdade também estava atrelada aos interesses familiares. Na fala de Rita Magalhães, a família foi um suporte para as suas conquistas. Embora a depoente apresente um perfil de mulher educada para a constituição familiar, nesse modelo também está presente a marca de uma liberdade que seria alcançada pelos estudos

¹⁵⁵ FOUCAULT, 2012, p. 98.

¹⁵⁶ MAIA, 2015.

e os investimentos na carreira, mesmo após o casamento. Nesse sentido, a mesma reafirmou o valor dado à profissão e o sonho de uma liberdade na escolha da carreira:

Meu pai até me incentivava muito a fazer medicina e eu não tive coragem na época de estudar novamente, parar, trancar Enfermagem e fazer medicina, né? Ele dizia que eu iria ser uma excelente médica, que eu tinha muita disposição pra estudar, pra trabalhar, mas, enfim, é uma coisa que eu não sou uma profissional frustrada, né? Eu adoro minha profissão, sou bem-sucedida, mas, assim, meu grande sonho, realmente, era ser médica.¹⁵⁷

O estudo significou para algumas jovens uma ponte para os saberes da profissão e a consolidação da carreira. Assim, esse era um caminho incentivado pelos pais em várias famílias. Comumente, algumas mulheres ao prestarem vestibular, escolhiam duas opções de cursos. Muitas vezes, ambicionavam duas opções de cursos para seguir suas carreiras profissionais. À época, essa mobilidade acadêmica era permitida pela Universidade Federal do Piauí. Conceição de Maria Nogueira Rodrigues rememorou suas primeiras escolhas e narrou o início da sua trajetória acadêmica:

Na nossa família, tanto por parte do meu pai, como da minha mãe sempre houve estímulo ao estudo. As mulheres foram incentivadas a estudarem, a ter uma profissão. É um pouco contraditório isso, porque ao mesmo tempo que a gente era muito proibida de fazer as coisas, de sair de casa e tudo, ao mesmo tempo a gente era incentivada a estudar. Assim, eu fiz o vestibular para Geografia e passei, para a Universidade Federal do Piauí, em 1984. E aí, eu cursei o primeiro ano de Geografia, no segundo ano, eu fiz vestibular de novo para o curso de Serviço Social. Passei e fiquei levando os dois cursos, porque na época era permitido. E, com o passar do tempo, eu me identifiquei mais com o curso de Serviço Social e acabei deixando o de Geografia. Aí, concluí o de Serviço Social.¹⁵⁸

Atitudes autênticas de liberdade e conhecimentos eram impressas a esses modelos de mulheres que buscavam a independência feminina, por meio dos estudos e do trabalho. Além da possibilidade das conquistas em áreas consideradas masculinas nas universidades, com a abertura de vagas nos cursos de Engenharia Civil, Medicina, Direito, História entre outros para mulheres. Na imagem abaixo, alunas da turma do Curso de Engenharia Civil do ano de 1980 revelaram uma quantidade

¹⁵⁷ MAGALHÃES, 2015b.

¹⁵⁸ RODRIGUES, 2015.

discreta de estudantes mulheres, se comparadas aos números de estudantes homens. Somente três mulheres faziam parte da turma, que era considerada feminina, entre as outras turmas do Curso da Universidade Federal do Piauí.

Figura 1 - Turma de Engenharia Civil da UFPI de 1980



Fonte: Arquivo pessoal, gentilmente cedido por Francisco Newton Freitas.

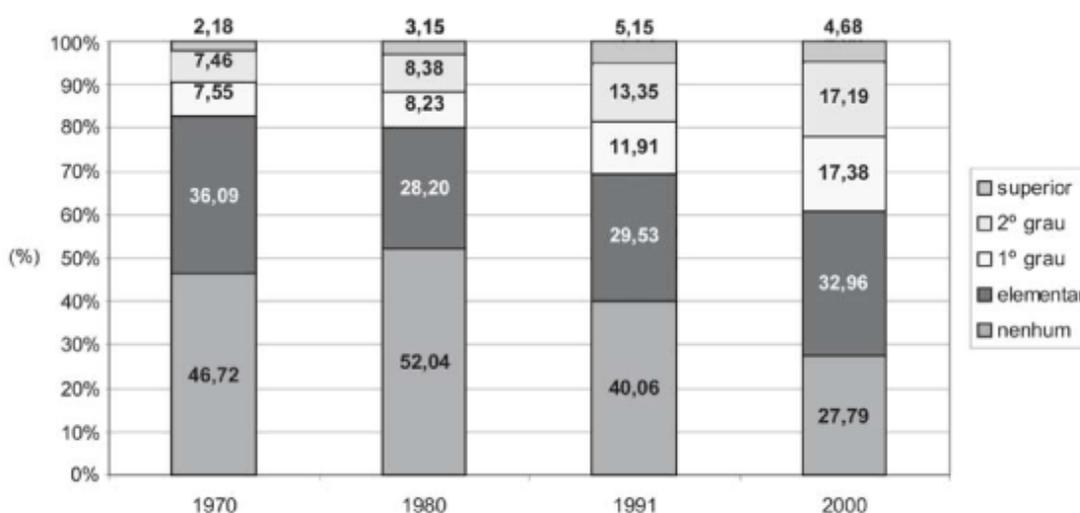
Ao refletir sobre a educação das mulheres no Brasil, Rosemberg assinala que a expansão da Pós-Graduação em Ciências Humanas constituiu um fator significativo para o aumento do número de mulheres nas universidades brasileiras. Conforme, a autora:

O surgimento dos estudos sobre a mulher no Brasil carrega marcas da vitalidade e turbulência do período, quando a expansão da Pós-Graduação nas universidades foi estimulada pelo governo federal, de acordo com uma determinada proposta de modernização do país. Nessa época, intelectualmente rica e contraditória, segmentos da elite intelectual, dentro e fora do mundo acadêmico, sofreram o impacto da repressão, geraram formas de resistência ao governo militar, conheceram o exílio, foram anistiados e, no retorno ao país, se envolveram em diferentes projetos de redemocratização.¹⁵⁹

¹⁵⁹ ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 340.

Nesse sentido, as estatísticas sobre a educação brasileira revelam um quadro crescente nos Censos Demográficos de 1970 a 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na década de 1980, o escore alcançou o dado de 52,04, correspondendo a um pouco acima de 50%. Esse dado busca mostrar a vertente ascensão da educação, com base na pesquisa dos cursos concluídos no Ensino Superior.

Gráfico 1 – Distribuição da população brasileira com mais de 20 anos, por curso concluído



Fonte: Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Observa-se que o dado registrado na análise do IBGE acerca da década de 1980, aponta um considerável aumento na população com nível superior no Brasil. Dado que, certamente, se refletiu também no aumento da escolaridade das mulheres em Teresina, com a abertura de novos cursos na Universidade Federal do Piauí.

3.5 A linguagem cultural, as subjetividades e os signos de uma juventude em Teresina

Na travessia dos anos 1980, os sons das FMS penetravam as casas de Teresina. As músicas invadiam os espaços juvenis, por meio dos sofisticados instrumentos sonoros tecnológicos que, por essa época, atingiu a juventude, a exemplo dos *walkmans*, lançado pela Sony Music em 1978, no ritmo veloz da indústria

cultural, destinado para um público específico, a juventude. Uma febre nessa década, o aparelho permitiu aos jovens escolher uma seleção de músicas, de forma individual por meio das fitas cassetes. O modo impactante em que a tecnologia da informação invadiu a mentalidade juvenil piauiense constitui um dos marcadores desses tempos, criando as mutações nessa geração, por meio do rápido acesso cultural.

A mídia em Teresina adquiriu maior fôlego dos anos 1970 aos 1980, Leal analisa que esse impacto foi devido, ao crescimento de fortes conglomerados de comunicação, tais como os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, o Grupo Roberto Marinho, o Grupo Abril, o sistema brasileiro de Televisão e a explosão das rádios FM, ao final da década de 1980.¹⁶⁰

O sinal da TV Clube estreou em Teresina, em 1972. Esse canal receptor mobilizou as informações da indústria cultural, representando a velocidade da informação no Estado. A empresa e sua relação com o entretenimento cultural de massa passou a exercer domínio sobre determinados gostos juvenis e incentivá-los ao consumo. Esse canal midiático atingiu um público maior e mais rápido que o rádio, devido ao seu mecanismo de transmissão concomitante de som e imagem. Para Maciel:

Com a inauguração da TV Clube de Teresina, na década de 1970, a indústria cultural de massa passou a influenciar 'gostos' e a 'fabricá-los' com maior ênfase que o rádio. Assim, gêneros e estilos musicais como Bossa Nova, 'lê, lê, lê', Rock in roll, 'Pop Music', etc... passaram a fazer parte do universo cultural da juventude piauiense de classe média.¹⁶¹

Importa registrar à época da fundação da TV Rádio Clube em Teresina, a sua importância como canal de veiculação da informação, bem como a representação criada a partir da leitura do seu slogan, "A força de um ideal". Esse mecanismo construiu no imaginário popular a ideia de romper com o atraso social e com a falta de informação no Estado. A proposta de modernidade foi consolidada no momento inicial de sua criação e impacto à sociedade. Esse ideal foi consolidado na década de 1980, com a difusão dos programas nacionais. Essa representação foi apresentada por Santos:

¹⁶⁰ LEAL, Ana Regina Barros Rego. Mídia e cultura no Piauí: impressões aparentes. In: APONTAMENTOS para a história cultural do Piauí. Teresina: FUNAPI, 2003. p. 338.

¹⁶¹ MACIEL; FONTINELES, 2003, p. 385.

A TV clube estreou em caráter oficial em 1972, mas desde que passou a ser notícia nos jornais da cidade, assumiu uma dimensão positiva no seu conjunto. Para muitos, a instalação de uma televisão piauiense importava pelo calor em si, pelo aspecto de modernidade que isso conferia. Os jornais alardeavam a superioridade do empreendimento da TV piauiense em relação a outras emissoras do Nordeste, representando-a como promessa bem-vinda de mudança, instrumento de formação da opinião pública e impulsionador do comércio local.¹⁶²

Os estilos de músicas de compositores piauienses emergiram na Universidade Federal do Piauí e vivenciaram os conflitos do período de regime militar. Nomes como Aurélio Melo, José Rodrigues, Naeno, Cruz Neto, Gilvan Santos, Alcides Valeriano, Chagas Vale, Edvaldo Nascimento entre outros, representavam a música de qualidade que tocava nos encontros de estudantes na Universidade Federal do Piauí, e nas “Quintas culturais”. Nos eventos criados pelos estudantes dos diretórios e centros acadêmicos da UFPI, as músicas entoavam as manifestações para divulgação da arte, música e política em Teresina. Às quintas-feiras havia, semanalmente, o evento que reunia estudantes da UFPI. Posteriormente, com a enorme popularidade, os jovens de vários lugares da cidade de Teresina, entusiasmados pelas músicas piauienses, marcavam presença nos espaços universitários, que já distinguia notória qualidade musical, identificados com a arte e a cultura da época. As jovens que ocupavam os espaços acadêmicos demonstravam interesse pela leitura crítica, esclarecimento político e a fuga aos modismos da indústria cultural de massa. Maciel aborda em seu artigo “Música Piauiense”, as letras mais tocadas nas quintas culturais, que eram comuns nas festinhas acadêmicas. Entre elas: Morena (Naeno), Teresina (Aurélio Melo e José Rodrigues), Quintal (Cruz Neto), o Mar de Teresina (Gilvan Santos), Retirante (Chagas Vale) Minas e Minas (Edvaldo Nascimento).

Para Lima, o bar Nós e Elis constituiu-se um espaço plural que reunia sonhos e desejos da juventude teresinense, especialmente, os artistas, em sua relação intrínseca com a cidade e com o contexto da época.¹⁶³ Ao narrar a vida dos artistas em Teresina, fez emergir as histórias e memórias do bar Nós e Elis, situado às proximidades da Universidade Federal do Piauí, na Avenida Petrônio Portella Nunes,

¹⁶² SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. p. 68.

¹⁶³ SANTOS, 2016, p. 16.

em Teresina. O “Nós”, comumente chamado pelos jovens e estudantes da época, simboliza o encontro da arte e da cultura. Importa notar que o espaço marcou a trajetória da música piauiense, com vários músicos e bandas de rock, que surgiram nos palcos do Nós. O local constituiu um espaço de fluência cultural em Teresina; e representou para os jovens dessa década, importante lugar da cidade, que também constituiu-se como um não-lugar, por absorver uma camada da juventude acadêmica, irreverente, que, usualmente, incorporava-se com a proposta do bar. As histórias do Nós e Elis são marcadores da juventude piauiense dos anos 1980, que insistira em se desterritorializar, com as irreverências dos corpos desejanter de uma outra vida cultural na cidade. E, entre esses, as mulheres independentes que eram atraídas por esse espaço de entretenimento, cultural, intelectualidade e subjetividades. Lima capturou a magia dos encontros que instigavam os jovens, após a saída da Universidade à fazer um *pit stop* no bar, inclinados aos namoros, às liberdades, aos flertes ou somente aos bate-papos com os amigos nas divertidas sociabilidades das noites no Nós e Elis:

No fenômeno do desfile na passarela, realizado no bar Nós e Elis, a *pulsão escópica* ou os *olhares desejanter* dos homens, eram às vezes correspondidos por piscadelas femininas que geralmente levavam a flertes realizados ali mesmo na parte escura do bar, próxima dos banheiros. Quando o flerte ficava mais ‘quente’ e/ou quando se tratava de um relacionamento amoroso extraconjugal, os enamorados se dirigiam furtivamente à Praça Gerardo Vasconcelos Filho, que se constituía como uma extensão do bar, devido à sua proximidade e ao constante uso dos frequentadores do Nós e Elis.¹⁶⁴

A depoente Conceição de Maria Nogueira Rodrigues rememora os tempos de universidade e constrói os *lugares de memória*, ao constituir em seu relato, a relação cultural entre a academia e o entretenimento, que era uma prática dos jovens acadêmicos da época:

Então, nessa época, depois da universidade, a gente frequentava bares onde tinha música ao vivo, músicas MPB, né? Um desses bares que ficou muito conhecido foi o Nós e Elis. Já não existe mais, mas, foi assim, o auge, era onde a gente se encontrava, quando a gente saía da Universidade, a turma, o nosso grupo se encontrava. O meu grupo de amigos seguia o mesmo estilo musical, mesmo gosto, nos

¹⁶⁴ SANTOS, 2016, p. 276.

reunimos em barzinhos perto de casa, alguns já tocavam instrumentos...¹⁶⁵

Edilene Facundes também construiu em suas lembranças, os “lugares de memória”, quando, rememora os espaços que simbolizavam os lugares de desejos, singularidades e diversão da juventude, na composição das sociabilidades dos anos 1980, na cidade: “Então, nos anos 80, aqui em Teresina, tinha uns barzinhos... Tinha uns forró na Universidade nas quintas culturais, tinha o Nós e Elis, que a gente gostava muito...”.¹⁶⁶

Nas entrevistas coletadas, todas as depoentes expuseram a ânsia, existente na juventude, de romper com padrões e optaram por adotar estilos de vivências que estavam atrelados à uma postura de indivíduos livres, por romper com os valores tradicionais, densamente presentes à época, em algumas famílias, em relação ao casamento, à carreira e à liberdade, essas mulheres adotaram posturas de liberdade e esclarecimento refletidos pelo desejo de liberdade de seus corpos. Assim, a construção do desejo ocorre em processos de agenciamentos dos corpos como indivíduos, como explicita Rolnik:

Ora, o desejo então seria, exatamente, essa produção de artifício. E o movimento do desejo – ao mesmo tempo e indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento. Em outras palavras, o processo de produção do desejo é o de uma energética semiótica. Agenciamento dos corpos, movimento de criação de sentido para efetuar essa passagem – tudo isso acontecendo ao mesmo tempo.¹⁶⁷

Os estilos das mulheres, individualmente ajustados a um determinado modelo de comportamento independente e resistente aos padrões, até então, considerados vinculados às vivências tradicionais, remetem ao que Rolnik analisa sobre individuação. Segundo o qual, as mesmas apresentaram certa autenticidade, em forma de agenciamentos aos modelos pré-estabelecidos nessa década.¹⁶⁸

¹⁶⁵ RODRIGUES, 2015.

¹⁶⁶ FACUNDES, 2015.

¹⁶⁷ ROLNIK, 2014, p. 37.

¹⁶⁸ ROLNIK, 2014, p. 60.

A Cultura representou um caminho alternativo para determinadas jovens que, ao ingressarem na universidade vivenciaram outras experiências, além da sala de aula e dos conhecimentos acadêmicos, como rememora Conceição Rodrigues, o envolvimento de seu grupo com as atividades culturais da UFPI:

Além dessas atividades, nós tínhamos outras atividades culturais, uma delas que eu gostava muito, era quando vinha uma banda de rock nacional e aí a gente reunia o grupo da nossa turma da universidade, e a gente ia juntos, porque era mais divertido. É... Tínhamos Também o 'Projeto 6 e meia', que era no Theatro 4 de Setembro... É ... Uma vez por mês, vinha uma atração nacional, sendo que, a abertura era sempre feita por um artista local. E a gente tinha na universidade, toda quinta feira, o chamado o 'Projeto Quinta Cultural', onde as bandas locais se apresentavam e era bastante frequentado esse espaço cultural...¹⁶⁹

E a cidade se modificava, em passos rápidos, adequava os sujeitos aos seus contornos de urbe. Montando e desmontando lugares, desenha os signos da memória e cria espaços comuns de sociabilidades. Na leitura de A. Tito Filho, a Teresina dos anos 1980 representa um modelo de uma ousada mulher, atribui a ela, sua desesperança e nostalgia de tempos outros, configurando e revelando uma outra cidade atravessada por suas subjetividades, evidenciada sob o olhar do cronista:

Hoje, vejo a urbanizada de pombais ou casinholas habitadas do êxodo interiorano; povoada de veados de luxo ou simples viciados na inversão dos locais do prazer, vejo-a na falsa convivência dos coquetéis das uiscadas e das festas de caridade; vejo-a no comércio com o nascimento de Jesus e com as mães, merecedoras pelo menos de um pouco de respeito; vejo-a despudorada, meninas ricas sem roupa, por deboche, meninas pobres do mesmo jeito, por miséria. Vejo-a violenta, estúpida, deseducada – milhares tipos debaixo da ponte, alguns felizardos da vida ociosa à custa de golpes e falcatruas e outros tantos no repasto oficial da República sem freios. Vejo-a sem futuro, sem esperanças, mas, ainda creio no resto de otimismo que me sustenta os olhos sofridos da saudade dos tempos que não voltam mais.¹⁷⁰

Entre os espaços de entretenimentos juvenis, as “Quintas culturais” da UFPI atraíam as mulheres, pela qualidade das apresentações musicais locais, que correspondiam aos estilos MPB e ao estilo crítico político, contemporâneo. Além das

¹⁶⁹ RODRIGUES, 2015.

¹⁷⁰ TITO FILHO, Arimatéia. A boa Teresina. O Dia, Teresina, p. 4, 3 jan. 1989.

apresentações musicais no Theatro “4 de Setembro”, nos mencionados espetáculos do “Projeto 6 e meia”, cujo objetivo consistia em atrair a juventude acadêmica para o Theatro a preços mais comuns, possibilitando a acessibilidade à bons espetáculos de música. O cinema concentrava-se nas salas Rex e Royal e o cinema de Arte, outro “point” bastante selecionado, por atender ao público acadêmico em salas particulares de entretenimento cultural. Em sua fala, Edilene Facundes, constrói suas memórias: “Então, nos anos 80, aqui em Teresina, tinha uns barzinhos... Tinha uns forrós na Universidade, tinha o Nós e Elis, que a gente gostava muito, tinha as boates... Pela manhã, tinha um espaço de cinema muito legal, o Cinema de Arte, o Royal...”¹⁷¹

Na fala de Edilene Facundes, além desses, outro importante espaço de cultura, visivelmente, contornava-se pela cidade nos anos 1980. O bar Nós e Elis, que significou um aporte em relação à ampliação do universo cultural da juventude, esse espaço, habitualmente, frequentado pelos jovens da capital e do interior do Estado, foi um marcador cultural de gerações nas noites da cidade.

O conceito de cultura em referência se desloca para o entendimento dos indivíduos mulheres, enquanto, múltiplos, plurais. Por essa percepção, é necessário visualizar a cultura como um conceito que sugere ampla complexibilidade. Assim, o conceito circula e encaminha os sujeitos independentes do singular ao plural, sob essa ótica busco assim, tracejar um consenso com Queiroz:

Pensar a cultura no limiar do século XXI significa refletir articulação entre diversos níveis de experiência societária, pensar teias de relações que se estabelecem nos níveis mais elementares e pouco refletidos da vida cotidiana em sua aparente simples materialidade, porém, implica, sobretudo, realçar um jogo especular de significações que se constroem face ao enredamento dos pequenos grupos entre si e com uma sociedade que se compreende também mundializada.¹⁷²

E, nesse sem afastar dos indivíduos, os seus desejos determinantes de suas existências, num determinado grupo ou sociedade, como analisa Rolnik, a construção dos indivíduos e suas cartografias, a partir da micropolítica:

É claro também que nenhuma estratégia gera um só modo de existência: universos singulares criam-se com cada estratégia, quando adotada por uma existência ou outra (sejam essas existências de um

¹⁷¹ FACUNDES, 2015.

¹⁷² QUEIROZ, 2006, p. 124.

indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade). Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. O desejo é criação do mundo.¹⁷³

O ideal impresso à essa parcela de juventude, em Teresina, consistiu na imagem dinâmica de jovens que absorviam e construíam cultura na cidade. Em todas as entrevistas coletadas, há a evidência de sinais de uma mentalidade juvenil, à época, possuidora e desejosa da necessidade de maiores afetos, liberdades, expressões e conhecimentos. Estes, explícitos em seus comportamentos deslocados, nas vestimentas irreverentes e atitudes de desconstrução de uma era que se imprimia consumista e fugaz.

3.6 Os símbolos impressos nos jornais e revistas: as imagens de mulheres independentes em Teresina

É consenso que as mulheres marcaram lugares comuns na historiografia piauiense nas últimas décadas do século XX e tem se intensificado no século XXI. Assim, atualmente, há uma diversidade de temas e objetos que tratam da atuação das mulheres no Estado embora, no país, desde os anos 1960, as mulheres já fossem visíveis em diversos espaços públicos. Entre estes, nas universidades e nos empregos formais. Além da presença atuante de mulheres em movimentos e manifestações sociais, as matérias de revistas e jornais acerca da atuação das mulheres independentes nos jornais e revistas, nos anos 1980, em Teresina, demonstram discreto interesse acerca desse tema.

A intensa presença de mulheres de classe média era um simbolismo presente e marcante nos jornais. Tomei por modelo desse discurso o jornal *O Dia*. Na maioria das vezes, nas publicações, as mulheres são lembradas como donas de casa e como referências aos casamentos e destaques de eventos nas colunas sociais do mesmo jornal. O cronista Arimatéia Tito Filho, em passagem, faz uma crítica dúbia ao perfil da mulher independente que se criou na sociedade de Teresina e, ao mesmo tempo, levanta uma severa crítica à forma como esses sujeitos são tratados nas páginas das colunas sociais. Evidentemente, A. Tito Filho realiza severas críticas às mulheres cronistas que escreviam nas páginas sociais, algumas vezes, sugerindo até mesmo,

¹⁷³ ROLNIK, 2014, p. 55.

com certa ironia, o retorno às convenções, referentes à época de domínio do machismo:

Quantos privilégios. Regalias sem conta. As mulheres deviam lutar por um retorno aos tempos antigos, às suas origens caseiras. E estou achando que as inteligentes cronistas sociais de Teresina, mulheres antes de tudo, iniciaram veladamente, a marcha para a volta à submissão do sexo frágil ao homem, a ressurreição do machismo. Pois não é que as nossas cronistas escrevem todo dia o nome do pessoal festeiro, citando o sujeito, seguido de SUA fulana, como se esta fosse dele uma propriedade. Observem os registros, compareceram na recepção: o Dr. Pancrário e sua Bigorna, o Dr. Creolino e sua Lascívia, o Dr. Matapasto e sua Estrepolia.¹⁷⁴

O cronista deixa perpassar em sua crônica o convencionalismo ao modo feminino de agir e pensar. Com certa ironia, vincula ao feminismo o “dolo” pela mudança do comportamento livre nas mulheres de Teresina. Tornam-se claros, em seus relatos, os incômodos à liberdade aparente, causados pelas novas atitudes das moças, nessa década, assim como faz referência, por vezes, à preocupação com a casta das mulheres em sociedade, com sua percepção censuradora do ideal feminista. Sob uma ótica redutora das mulheres, a narrativa do cronista oscila entre críticas ao comportamento das mulheres e elogios ao corpo: “As costelas-de-Adão venceram a luta. Transformaram os antigos machos em tristes manicacas. Feminismo vale dominação. De qualquer maneira, a mulher sempre será divina, uma graça”.¹⁷⁵

Nos jornais, ainda, observa-se que é pontuada a participação de mulheres em manifestações estudantis e em concursos públicos. Porém, no ano de 1988, foi discutido e levantada a discussão por Maria Elizabeth Duarte Silvestre, economista e pesquisadora da revista *Carta Cepra*, em sua pesquisa intitulada “Notas Sobre a Questão da Mulher no Mercado de Trabalho: o caso do Piauí”.¹⁷⁶ O artigo versa sobre a importância dos estudos naquela década sobre os indivíduos mulheres. A pesquisadora toma por base para levantar a discussão o ano de 1975, quando a ONU definiu o Ano Internacional da Mulher. Nesse artigo, a pesquisadora provoca uma conscientização ao tratar e abordar o trabalho feminino no Piauí. Logo no início do texto, afirma com o tópico: “A descoberta de que é preciso conhecer melhor a mulher”. No artigo, a pesquisadora segue a linha feminista de crítica à mulher, discriminada

¹⁷⁴ TITO FILHO, Arimatéia. Privilégios. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.

¹⁷⁵ TITO FILHO, Arimatéia. Prejuízos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.

¹⁷⁶ SILVESTRE, 1998.

pela força de trabalho, criticando essa falta de reconhecimento à época e descartando o preconceito inerente às mulheres donas de casa e às mulheres consideradas, à época, independentes:

A verdade é que o trabalho fundamental da mulher, hoje, talvez não por escolha própria ou decorrência natural do sexo, que consome a maior parte de suas energias, ou seja, a reprodução privada da força de trabalho, finda sendo um trabalho 'envergonhado'. As razões estão, entre outras, no seu desconhecimento pela concepção econômica dominante enquanto trabalho essencial para o sistema, no fato que este é um trabalho não pago, isto é, sem preço e, portanto, sem valor do ponto de vista capitalista, na existência de uma submissão real daqueles que o executam frente aos componentes do núcleo familiar que possuem rendimento, na mística de que o trabalho remunerado, por si só, torna a mulher independente.¹⁷⁷

Nessa discussão, a pesquisadora traça os sujeitos femininos nas atividades, onde as mulheres eram absorvidas e já revelava a dupla jornada de trabalho. Assim, no tocante aos números relativos às mulheres no mercado de trabalho, o artigo levanta a problemática da ausência desses dados, os prejuízos e preconceitos marcados nessa sociedade, bem como a intenção da Fundação Cepro de Pesquisas em procurar sanar e realizar com os levantamentos acerca dos dados femininos inserida na população ativa do Estado:

Percebendo o prejuízo que representa para o avanço da sociedade o completo desconhecimento e até mesmo um certo menosprezo pela condição específica de mais da metade da sua população, a direção da Fundação Cepro achou por bem estimular as pesquisas nessa área. Essas notas são fruto de algumas leituras efetuadas visando a elaboração de um texto sobre a Presença da Mulher no Mercado de Trabalho no Piauí, a ser publicado futuramente.¹⁷⁸

Entre as fontes levantadas, observou-se que esse silêncio acerca das atividades femininas é existente nas produções locais, embora a presença dos modelos de mulheres já fosse marcada desde o início do século XX, os registros não se revelavam.

O trato com a pesquisa nas revistas *Carta Cepro* e nas publicações da Academia Piauiense de Letras evidenciaram que a temática acerca dos modelos

¹⁷⁷ SILVESTRE, 1988, p. 103.

¹⁷⁸ SILVESTRE, 1988, p. 103.

femininos ainda era bastante resistente no universo literário piauiense. Porém, contraditoriamente, a *Revista Presença*, publicada como órgão da Secretaria de Cultura do Piauí, durante essa década, buscou apontar os modelos femininos que se destacavam no campo artístico, político e literário. Nesse sentido, os nomes de mulheres como da atriz Leila Diniz, que é reverenciada numa crônica de Francisco Miguel de Moura, onde o autor se concentra em exaltar o modelo deixado pela atriz e suas mazelas de irreverência nos anos 1960. Outras personalidades como Lili Castelo Branco, Lena Monteiro, Dora Parente, que representavam algumas das figuras emblemáticas que compunham os editoriais da revista.

É importante atentar para a exposição do sujeito mulher tanto nas revistas, como nos jornais em Teresina. A intenção para a construção de um sujeito que viesse a atender um discurso desejado pela sociedade de consumo. Assim, para as mulheres, o espaço do lar já representava como restrito aos seus desejos. Havia a recusa destas mulheres em serem visualizadas somente no espaço do lar, porém, algumas leituras despertavam para a conservação dos valores vistos como femininos, a literatura é o espaço que se abre para onde algumas mulheres de classe média se direcionam e algumas se lançam como escritoras no espaço da Academia Piauiense de Letras.

A *Revista Presença* de novembro/outubro de 1983 deu ênfase a uma matéria com a escritora, membro da Academia Piauiense de Letras, Lili Castelo Branco. A entrevista realizada por A. Tito Filho busca situar o espaço feminino na literatura feminina. Ao tratar o tema, A. Tito Filho instiga a literata a traçar uma imagem sobre o feminismo, o trabalho e a mulher nos anos 1980. O argumento da escritora consistiu em enaltecer críticas à postura cerceada do feminino na sociedade piauiense em épocas anteriores, quando citou a comparação desses tempos aos idos anos de juventude:

Vivi a melhor época da minha vida, no Rio, cidade já àquela época altamente civilizada. [...] Já àquele tempo me rebelava contra a proibição social da mulher em atividades públicas. Por que tolher os anseios da mulher, seu poder administrativo, na ocupação de empregos públicos se a sua capacidade de trabalho e inteligência se revela à do homem? Tive à mão um monte de iniciativas, avancei para elas e fui tolhida pelas convenções sociais da mulher. Quantas lágrimas me custou a falta da nossa emancipação. Hoje, coloco-me integralmente ao lado da mulher que assume cargos públicos, comerciais, legislativos, é nelas que desejo ir brotando, renascendo,

me completando, como se estivesse a reviver nelas o que desejei e o que me foi negado.¹⁷⁹

É necessário notar que os exemplos de mulheres com iniciativas independentes se manifestaram nas atividades políticas, nos perfis de mulheres que se definem como parâmetros de uma classe média, que buscava legitimar seu poder de atuação. Essa ideia é observada na fala do jornalista Chico Castro ao entrevistar à época, a Presidente da Piemtur, Lena Monteiro de Carvalho. Chico Castro inicia sua entrevista exaltando as qualidades inerentes ao sujeito mulher e atrelando a essas a ideia de força, beleza e cultura:

Mantivemos contato com a atual Presidente da PIEMTUR. Foram poucos minutos de uma conversa agradável onde sentimos a força, a beleza e a cultura de uma mulher que soube marcar seu nome de uma forma indelével nos meios culturais piauienses.¹⁸⁰

As matérias veiculadas nas revistas enfatizam a necessidade que havia, à época, de compreensão do sujeito mulher como um corpo ativo, participante das mudanças de legitimação política e de uma construção social, que abria novos espaços mais promissores para esses sujeitos. Nesse sentido, os jornais revelavam também as possibilidades de trabalho que foram inseridos no fim do regime de Ditadura Militar. Logo no início da década, o artigo no jornal *O Dia*, intitulado: “Mulher procura se alistar para servir à Marinha”, demonstra os espaços que foram ampliados e abertos ao público feminino, como resultado de um decreto assinado pelo Presidente João Figueiredo. O teor do Decreto instituía o Corpo Auxiliar Feminino de Reserva da Marinha. A manchete despertou o desejo de diversas mulheres piauienses a se enveredarem e arriscarem novos desafios profissionais:

Em decorrência do decreto assinado no mês passado pelo Presidente João Figueiredo, instituindo o Corpo Auxiliar Feminino de Reserva da Marinha, dezenas de mulheres compareceram nos últimos dias à sede da Capitania dos Portos e Vias Navegáveis, na Avenida Maranhão, 80-N, interessadas em ingressar na carreira militar, servindo a Marinha.¹⁸¹

¹⁷⁹ TITO FILHO, A. Entrevista com Lili Castello Branco. *Revista Presença*, Teresina, Editora Secretaria Cultura e Desportos de Teresina-PI, ano 4, p. 11, out./dez. 1983.

¹⁸⁰ CASTRO, Chico. Entrevista com Lena Rios *Revista Presença*, Teresina, Editora Secretaria Cultura e Desportos de Teresina-PI, ano 4, p. 12, out./dez. 1983.

¹⁸¹ MULHER procura se alistar para servir à Marinha. *O Dia*, Teresina, 9 ago. 1980.

A matéria expunha que as aprovadas começariam a carreira como 2ª Tenente, podendo alcançar postos até o limite máximo da hierarquia na Marinha. Um outro detalhe notório é a exigência da escolarização para as mulheres, somente com nível superior, que poderiam ser médicas, enfermeiras, farmacêuticas e assistentes sociais.

Outros modelos de sujeitos independentes eram expostos na matéria da página 10 do mesmo Jornal que evidenciava: “Mulher também pode ser Gari”. Nessa matéria, as servidoras da Prefeitura de Teresina entrevistadas defendiam sua profissão e seus interesses de trabalho, conforme citou o depoimento a seguir:

Trabalhando na Praça Rio Branco, no exercício da profissão de gari da prefeitura de Teresina, que até pouco tempo era exclusiva de pessoas do sexo masculino em Teresina, a Sra. Maria da Guia Ribeiro Gomes, 27 anos, casada, mãe de dois filhos, residente no bairro Poti Velho, declarou que a mulher pode exercer qualquer profissão desde que tenha disposição. E enfatizou: a mulher é tão capaz quanto o homem [...] Além de Maria da Guia, mais seis mulheres trabalhavam como garis da Prefeitura de Teresina.¹⁸²

Esses modelos de corpos femininos constroem-se e revelam-se em dinâmicas temporais distintas. Falar das experiências vividas e traçadas nas memórias impressas nas histórias dos sujeitos femininos requer traduzir um tempo e um espaço que a esses foram destinadas, com as próprias dinâmicas e possibilidades que lhes cercavam.

Me interessa, aqui, o registro das alegrias, das angústias, dos desafios que atravessaram essas histórias e modificaram as dinâmicas do tempo histórico vivido e construído nas travessias descontínuas dos anos 1980. Não seria possível narrar essas histórias sem o traço das ousadias dessas mulheres, ao longo da sua juventude, a construção das suas histórias, nesse momento, já legitimadas como experiências necessárias e desafiantes ao ritmo do tempo.

Desenhar essas performances, assim, não significa somente, dar um lugar social a esses sujeitos, mas, definir suas experiências, sonhos, expectativas em torno desse mundo que se abria. Configurar suas histórias é também buscar compreender como essas vivências impactaram o ritmo desse grupo social, por meio das diversas histórias de vida.

¹⁸² MULHER também pode ser Gari. *O Dia*, Teresina, p. 10, 5 ago. 1980.

Michele Perrot inquietou-se com a invisibilidade do ser feminino e empenhou-se em desvendar o universo que ela definiu como os “silêncios” da história das mulheres. A indagação centrou-se sobre o sujeito dito feminino e sua performance na história. A autora, caminhando e traçando esse percurso, revelou as angústias, até como um devir do corpo feminino, suas sensações e percepções ao ousar compreender esse universo:

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas, por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? A questão parece estranha. [...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos fora do acontecimento, confinadas no silêncio de um mar abissal.¹⁸³

É interessante notar que o desejo de independência segue a figura feminina nos escritos tanto da história como da Literatura. As narrativas, há muito, se ocuparam de narrar as histórias de vida de mulheres, que se destacavam por suas habilidades, comportamentos e personalidades à frente do ritmo temporal de sua época. Nas vivências escolares e acadêmicas, as depoentes deixaram escapar suas admirações pelas mulheres que imprimiam um novo comportamento em contradição aos padrões familiares, nas leituras que essas realizavam.

Alguns exemplos da construção de um comportamento, criado como independente em Teresina, nos anos 1980, foram capturados dos modelos da literatura e história, que eram referenciais importantes para a constituição dos processos de individuação. Assim, o jornal *O Dia* destacava matérias abordando as narrativas de autoras e personagens nas obras históricas literárias sobre esse modelo de mulheres. Clarice Lispector imprime uma personalidade de um indivíduo de perfil comportamental marcante e chama a atenção para o indivíduo feminino em seu romance *A hora da estrela*, transformado em filme nessa época. Comportamentos como o modelo literário forte impresso à personagem Úrsula Iguaran em *Cem anos de solidão*, obra de Gabriel García Márquez, que revelou uma personagem de matriarca autêntica que controlava com rara inteligência uma extensa família patriarcal e que em todos os momentos da narrativa, capturara a atenção, por sua imagem

¹⁸³ PERROT, 2007, p. 49.

definida por uma presença tão impactante. Esse modelo de mulher independente é evidenciado ainda na descrição de Capitu, criada por Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, narrando a ousadia do adultério e da sensualidade, à frente de sua época, em pleno século XIX. Nesse sentido, esses foram perfis marcadores no imaginário das garotas em plena década de 1980, que permeavam os sonhos da juventude, em Teresina.

Na década em estudo, havia referenciais tanto na expressão da moda, como na literatura, a efetiva busca pelo rompimento de um modelo de mulher submisso à vida doméstica e ao casamento. Conceição Rodrigues, ao citar suas leituras, evidencia uma busca por uma nova percepção de comportamento, que à época lhe abriu outros universos:

Bom, eu sempre fui uma pessoa que gostava de ler muito, e o que me ajudou mais a ler, claro, além dos estudos regulares, foram as leituras que eu fiz... é... Sim, paralelamente, porque meu pai tinha uma empresa, ele chamava de firma. Essa firma era constituída de sócios, esses sócios eram da família, todos da família, trabalhavam com a venda de livros. E, às vezes, o meu pai levava esses livros para casa... E eu pegava todos, claro, pra ler! E eram livros muito bons! Então, era assim... aos 12, 13 anos, eu tava lendo Simone de Beauvoir, Sartre... Então, foi isso, que começou a me despertar ou despertar em mim, essa consciência da condição feminina. Então, foram essas leituras paralelas que me ajudaram... Que abriram a minha mente e me fizeram ver as mulheres no mundo...¹⁸⁴

Noutra vertente, a velocidade da época é impressa ao ritmo de uma mulher urbana, de classe média, que se movimenta, que se exercita, trabalha fora de casa e cuida do corpo e de si. Nesse ritmo, o cuidado com o corpo e com a mente são desafios para as novas experiências fora do lar. A atriz americana Jane Fonda escreveu sobre a saúde e beleza feminina, nesse movimento veloz, tão necessário à época e chamando atenção para a saúde do corpo. A sua obra atingiu a marca de best-seller. A atriz publicou suas experiências de vida saudável, exercitando-se e convidando a juventude feminina a incorporar as atividades de prazer ao corpo e à saúde, por meio da ginástica e de uma alimentação saudável. Para esse modelo de mulheres, surgem como modismo, as academias, promotoras de atividades físicas. Nesse sentido, as garotas passam a ser vistas como “gatinhas”, com sua musculatura

¹⁸⁴ RODRIGUES, 2015.

firme, que imprimiu a construção de uma beleza atlética. Sant'anna, em seu artigo "Sempre Bela", retrata esse padrão de sujeito feminino impresso em revistas:

Mas foi a partir de 1980, que surgiram as primeiras revistas específicas para a boa forma, difusoras do fascínio pelo corpo 'performático'. O programa da boa forma elaborado pela atriz Jane Fonda era um entre os diversos guias de beleza em moda da época. No Brasil, a boa forma expressa por Ala Szerman valorizou as aulas de jazz, conforme se dizia misturando exercícios e passos de danças...[...] Progressivamente, a atividade física ganhou um novo direito de cidadania.¹⁸⁵

Em Teresina, a TV e as revistas foram importantes canais de divulgação desse modelo, atingindo também garotas que sonhavam com esse perfil performático de mulher. Virna Teive rememora o ritmo acelerado que a década impactou com a construção de uma nova imagem de indivíduos mais soltos, livres e com corpos atléticos, em sua vivência no trabalho:

Nessa época nas academias a gente dava aula e gritava muito, nas aulas de aeróbica. A aula corria num ritmo muito gostoso! Você soltava a música e ficava 1, 2, 3... No ritmo do 'Macho Man'... (risos) Eu dava aula na Emê Jóquei e estudava na UFPI. E aí eu passei a ser gerente da academia Emê Centro, já no final do meu curso, 85, 86.¹⁸⁶

Percebe-se na narrativa o esforço no rompimento do silêncio identificado nas palavras de Perrot. Nesses tempos, a Geração 80 viria para incorporar as mulheres ao ritmo do movimento e da cidadania. A moda atravessa essas mulheres e suas vestimentas causam impacto à educação tradicional. Rompe-se, então, com os silêncios dos corpos femininos. Nesse momento, os corpos já não precisam se calar, ao contrário, eles precisam se mostrar e se construir como corpo e feminilidade. De certo modo, essas mulheres buscavam o caminho contrário ao que Perrot identificou, na tentativa de configurar o que denominou de silêncio das mulheres, sob os preceitos religiosos a que essas eram submetidas, tempos atrás:

Até mesmo o corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus. Os homens são indivíduos, pessoas. Trazem sobrenomes que são transmitidos. As mulheres não têm sobrenome,

¹⁸⁵ SANT'ANNA, 2013, p. 122.

¹⁸⁶ TEIVE, 2015.

tem apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros.¹⁸⁷

Porém, no ritmo contrário, as mulheres que constituíam a representação da chamada Geração 1980 diziam não, recusaram essa referência passiva, moldando-se aos novos signos dessa nova era. A construção imagética de uma feição feminina de liberdade permitia a dança dos corpos individuais, construindo individualizações. Porém, essas mulheres não queriam o silêncio e não sentiam o receio de expressão do corpo, ousavam o deslocamento do sujeito. Nessa década, o ritmo veloz da tecnologia foi impresso ao tempo, sendo exigente e moldado aos seus indivíduos. São as experiências individuais que contam, que as encaixam dentro do mundo construído para ser pós-moderno. A razão, então, é questionada, há uma fragmentação, são as leituras do corpo que fazem o que as constituem e modificam o grupo em que vivem, seus comportamentos e expectativas.

Nesse sentido, o interesse desse estudo não intenciona confrontar os modelos de feminilidade e masculinidade, mas compreender as configurações que tornaram o ideal de corpo, constituído por modelos livres de indivíduos, as mulheres, como expressões individuais de um sujeito independente. Vivia-se, nos anos 1980, uma paisagem de flexibilidades e liberdades de uma nova era. A década criou abertura com a legitimação política da liberdade feminina nas escolhas do mercado de trabalho e da busca pela emancipação exercida pelo Estado. A modernidade, então, era transmutada em pós-modernidade.

É importante lembrar, como definiu Louro, que a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos é referida a seus corpos. Um cenário propício à construção dos corpos femininos se contornava aos avanços políticos que emergiram da década de 1960, de ousadia e conquista da legitimação profissional, se complementavam com as singularidades e complexibilidades do cenário político dos anos 1970 e 1980, quando as leis retratam hiatos de inserção social para o feminino. A composição do sujeito mulher fez emergir diferentes modelos identitários, desenhando formas de indivíduos independentes, ativos, ousados, inquietos por conquistas e realizações, inclusive a felicidade na carreira e na vida afetiva. Na fala de Louro, compreende-se como marcas de poder:

¹⁸⁷ PERROT, 2007, p. 17.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pelas aparências de seus corpos; a partir dos padrões e referências das normas, valores e ideais de cultura. Então os corpos são o que são na cultura.¹⁸⁸

Nesse sentido, aos corpos ditos “femininos” e independentes abrem-se às mazelas urbanas, aos espaços que absorviam seu trabalho, sua diversão, lazer e cultura, pela velocidade do modelo que se convencionou chamar Geração 1980. Imprimiu-se a configuração de uma década veloz, com pinceladas de atividades externas ao mundo da família, consolidou o traço feminino no espaço extrafamiliar. Esse, por si só, já se constituiu um território pequeno para os sonhos femininos de extensão do mundo amplamente avesso à residência familiar.

O ritmo veloz dessa década representava-se nas mudanças pela cidadania feminina e nas práticas sociais que eram exigidas às mulheres. Essa época constituiu um tempo midiático, de propaganda do feminismo e da abertura às liberdades femininas. As ideias tomaram corpo com as manifestações do Dia 8 de março, dia de luta pela situação das mulheres. Surgiram, a partir daí, inúmeras campanhas que traziam como tema o feminismo e o lugar das mulheres em sociedade. De certo modo, essas discussões traziam à cena o cerne do debate das angústias femininas que envolviam o trabalho e a conjugalidade. Pedro assinala que:

Também passaram a dar visibilidade às ideias feministas as manifestações do Dia 8 de março; as campanhas para prevenir a violência contra as mulheres, como a que divulgou o famoso slogan: ‘Quem ama, não mata’; as ofertas de cursos, palestras e encontros em torno dos problemas das mulheres. A criação de ONGs (Organizações não governamentais) e a construção de casas para abrigar mulheres vítimas da violência, por exemplo.¹⁸⁹

De forma que essas mudanças impactaram em medidas importantes criadas para as mulheres no Brasil, a exemplo da Constituição de 1988 e da Lei Maria da Penha, que procura restringir a violência contra as mulheres, ampliando o espaço de participação e cidadania.

¹⁸⁸ LOURO, Guacyra Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 75.

¹⁸⁹ PEDRO, Joana M. Corpo, prazer e trabalho. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 255.

É praticamente impossível, nessa década, separar a imagem das mulheres independentes do mundo do trabalho. Essas mulheres, ao incorporarem os discursos midiáticos da época, ocuparam espaços, redefiniram a cena urbana, após um longo percurso de angústias e lutas pela autonomia. O século XX trouxe a marca do modelo capitalista nas vivências humanas. O universo que se restringiu ao mundo feminino não apresentou-se diferente em Teresina.

Ao analisar as variadas performances ditas femininas na família, Scott afirma que logo no início da década de 1980, há quem aponte o surgimento de uma reinvenção do sujeito mulher e, em consequência, dos seus papéis na família e na sociedade. A autora atribui essa mutação ao aumento da atividade feminina no mercado de trabalho.¹⁹⁰

Sem pretensão de aprofundar o tema feminismo, a cartografia que aqui se traduz diz respeito à uma configuração das estratégias dos desejos dos sujeito em análise, no que concerne às performances das variações das sensibilidades individuais e coletivas. Nesse sentido, a prática cartográfica induz aos caminhos da teoria. Para tanto, torna-se necessária a leitura dos corpos como marcas significadas pela cultura, distinguem sujeitos e constituem em marcas de poder. Sem prejuízo de constituição das identidades, a compreensão de Louro consiste num caminho de análise, é um engano supor que o modo como pensamos e a forma como, a partir de sua materialidade, deduzimos identidades sexuais seja generalizável, para qualquer cultura, para qualquer tempo e qualquer lugar.¹⁹¹ Sabe-se, então, que é preciso estar atento às leituras dos corpos, há que se perceber a imagem construída por esses corpos, nessa década, e a partir da cultura, entender como esses corpos foram lidos e compreendidos nesse novo tempo.

¹⁹⁰ SCOTT, 2013, p. 24.

¹⁹¹ LOURO, 2004, p. 76.

4 PROFESSORAS, SERVIDORAS, BANCÁRIAS E COMERCIÁRIAS: AS SUBJETIVAÇÕES, OS INVESTIMENTOS NA CARREIRA E A AQUISIÇÃO DA LIBERDADE

É válido lembrar que são tantas as variáveis que envolvem o sujeito independente e, por conta disso, a imposição de normas às mulheres e leis que validassem suas ações e liberdades. As relatividades do tempo histórico, bem como suas incompletudes, afetaram a construção histórica das mulheres, por conta da diversidade de condições simbólicas de trabalho e educação que nortearam suas iniciativas no Estado. Conforme o ritmo do século XIX, os idos do século XX desenharam um cenário de mutações constantes, em referência às atividades realizadas pelas mulheres. Vetores importantes como o aumento da população urbana, com o efeito das imigrações e a industrialização no Brasil, o crescimento do setor comercial implicaram, certamente, em singulares transformações econômicas e oportunidades de trabalho para as mulheres; mudanças efetivas que possibilitaram o aumento das atividades consideradas femininas tanto na cidade como no campo.

No artigo “O Piauí na economia Nacional”, da *Carta Cepra*, são apontadas as importantes mudanças no cenário econômico, ainda que em passos lentos, devido aos fatores peculiares de sua colonização, que integraram o Piauí na rítmica capitalista nacional, tentativa em trâmite, desde o início do século até os anos 1980. O autor atribuiu esse ritmo observado nas três últimas décadas do século XX a três fatores: a intensa industrialização no período pós-guerra, a ênfase ao setor de transportes e a criação da SUDENE como resposta aos problemas regionais e seus efeitos para o Estado:

A última década passada (1970-1980) foi marcada pela vigência do I Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-1974) e do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979). Essa década é caracterizada por acelerado ritmo econômico em que as grandes obras públicas eram o carro-chefe da economia nacional.¹⁹²

A realidade do cenário piauiense nesse quadro é bastante pessimista, na impressão do autor do artigo; as mudanças são apontadas e as dificuldades

¹⁹² ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA O ESTADO DO PIAUÍ, 1982, p. 109.

enfrentadas em relação ao nível nacional. As mudanças são perceptíveis, porém, parecem caminhar de forma lenta e sutil em relação às expectativas econômicas para o Estado:

Embora, o Piauí atualmente, já disponha de uma estrutura viária até certo ponto bem desenvolvida, de um sofisticado sistema de telecomunicação e energia elétrica abundante, tais melhoramentos têm demonstrado serem incapazes de induzir, de maneira rápida, a alocação de recursos produtivos nesse Estado, pois os grandes centros comerciais e industriais do país, além desses serviços oferecem aos investidores outras vantagens ausentes na economia piauiense.¹⁹³

Esses entraves à economia piauiense eram visíveis, num momento de transição para a década de 1980. O impacto do setor comercial é apontado na fala crítica à economia do estado como um “inchamento” desse setor:

A economia se apresenta como um intumescimento, que é, simultaneamente, causa e efeito do desenvolvimento e preponderância da atividade comercial do Piauí. A economia cresce em valores monetários, mas, à custa de um processo produtivo localizado fora das fronteiras estaduais [...] Assim, a venda de produtos sobretudo manufaturados (do alfinete ao vídeo-cassete) é senão a última etapa do processo de industrialização, localizado não no Piauí, mas, nas metrópoles do complexo sul.¹⁹⁴

Evidentemente, o setor comercial piauiense expandiu a oferta de empregos e as mulheres foram inclusas nessa atividade, tanto na capital como nas cidades do interior do Estado. Porém, é notório que a ideia de trabalho sempre esteve atrelada à dinâmica das atividades de homens e mulheres. Embora, conforme as dinâmicas do século anterior, o termo “trabalho” para mulheres carregava ainda uma representação polissêmica, devido aos desdobramentos diversos atribuídos a esses indivíduos, como explica a análise crítica de Matos e Borelli:

Alguns confundem ‘trabalho feminino’ com as funções domésticas, os cuidados com a família e a casa. Já outros entendem que envolve as atividades remuneradas realizadas no próprio domicílio e mesmo a participação das mulheres no mercado de trabalho. Neste último sentido, o trabalho chegou a ser questionado como elemento impeditivo das ditas ‘funções naturais’ das mulheres, as de mãe e

¹⁹³ ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA O ESTADO DO PIAUÍ, 1982, p. 109.

¹⁹⁴ ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA O ESTADO DO PIAUÍ, 1982, p. 109.

esposa. Entretanto, basta olhar com atenção a história para ver que as mulheres sempre trabalharam... [...].¹⁹⁵

A comparação se estabelece por evidenciar uma abertura efetiva de novas ocupações para mulheres durante todo o século XX. E ao, final do século, os espaços de trabalho. Os dados do IBGE do Censo de 1991 registraram uma considerável parcela de mulheres sendo chefes de famílias:

Desde a década de 80 vem crescendo de maneira regular a proporção de domicílios com chefes mulheres. Em 1981 e 1985, esta proporção era, respectivamente, de 16,9% e 18,2%; em 1990 e 1995, era de 20,3% e 22,9%.¹⁹⁶

Nesse sentido, as profissões mais procuradas até essa década, onde as mulheres atuavam com bastante frequência, eram profissões como professoras, bancárias, servidoras públicas e comerciárias. Porém, a configuração do trabalho feminino, passa a adquirir novas feições, com a procura das estudantes por cursos superiores e carreiras que, anteriormente, eram ignoradas pela maioria das mulheres, por serem considerados domínios de masculinidades. Ao final da década, observou-se um número relevante de mulheres que prestavam os exames vestibulares e seguiam vida acadêmica, assim, muitas optaram por adentrar também outros espaços de trabalho, exercendo as funções de assistentes sociais, engenheiras civis, advogadas, médicas, enfermeiras, economistas entre outras funções. Nesse sentido, o campo de trabalho para mulheres em Teresina seguiria o mesmo ritmo, aberto para esse modelo de sujeito independente, naquele momento. Mattos e Borelli, no artigo, “Espaço Feminino no Mercado Produtivo” analisam:

O crescimento dos setores de serviço e comércio abriu novas possibilidades de emprego para as mulheres, sendo exemplar o ocorrido no setor bancário. Para enfrentar o cotidiano do intenso processo inflacionário da década de 1980 e inícios de 1990, o sistema brasileiro optou pela informatização e alterou os critérios para a contratação e o trabalho de seus funcionários, levando um rebaixamento salarial na categoria. Nesse contexto, num curto espaço de tempo, as mulheres se tornaram a maioria dos empregados nas instituições bancárias.¹⁹⁷

¹⁹⁵ MATOS; BORELLI, 2013, p. 127.

¹⁹⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio: síntese de indicadores 1981-1989. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 53

¹⁹⁷ MATTOS; BORELLI, 2013, p. 141.

Nas entrevistas, as depoentes citavam suas experiências de estudo e trabalho, revelando a ambição por incorporar a construção de um modelo social que se mostrasse independente dos padrões tradicionais, nessa época, o significado de vivências adultas representava trabalhar e se estabelecer com o avanço da escolarização. Tailândia Maia revela sua angústia para o alcance de suas expectativas:

Logo que concluí o segundo grau, eu também fui trabalhar. Fui trabalhar como professora, porque, paralelo à tentativa de vestibular, que eu tentei um ou duas vezes, nesse período. [...] Depois, eu fiz o Pedagógico e eu fui trabalhar no Estado como professora. Então, trabalhei, era professora primária, trabalhava e aí logo eu me envolvi com o movimento sindical. E aí, fui da primeira diretoria da APEP, que era a Associação de Professores...¹⁹⁸

Edilene Facundes, narrando suas histórias de vida, relatou os anseios que sentia para a conquista do primeiro emprego, a experiência de alcançar os sonhos de aprovação em concurso público e a necessidade dos estudos para a solidez dos projetos de carreira e para a construção de uma independência da família e, ao mesmo tempo, a garantia do sustento familiar:

Em 1981 arranjei um emprego, porque eu precisava! Eu queria muito trabalhar na Caixa Econômica. E na Caixa eu tive oportunidade de trabalhar como analista de crédito e não tinha um lugar mais pra aplicar a minha formação, quando eu me formei em Economia, eu já trabalhava na Caixa. Aí, eu fiz uma especialização. Era concursada [...] Foi o primeiro emprego, foi esse concurso, que passei e entrei com 21 anos. Eu era a mais nova da Caixa, quando eu entrei (risos). Sim, minha família até dependia dele. Na verdade, eu fui arrimo de família, porque meu pai saiu de casa, nessa época, e eu fiquei sendo a provedora.¹⁹⁹

As vivências das mulheres, na capital, se revelaram amplas e propunham a materialização de suas performances em atividades e estudos. Um modelo de sujeito independente envolvia o sustento da família, a preocupação com os estudos e a autorrealização. Nesse sentido, a afetividade e o matrimônio ocuparam um lugar secundário, nos projetos de vida, sendo desmitificados os sonhos de Cinderela, de

¹⁹⁸ MAIA, 2015.

¹⁹⁹ FACUNDES, 2015.

conquista do companheiro e adiaria a realização do casamento. A prioridade pela escolarização consistiu um importante vetor de condução para os projetos de vivências de mulheres independentes. À medida que aumentou esse número, os empregos se diversificaram. Em Teresina, essa realidade não foi diferente. Assim, ao final dessa década, várias mulheres assumiram importantes funções nos quadros sociais. Mattos e Borelli assinalam, ainda, que:

A expansão do Ensino Médio e universitário possibilitou a ampliação da escolaridade feminina em diferentes níveis e áreas do conhecimento. Entre 1970-1975. [...] O avanço da escolaridade entre as mulheres se ampliou nas décadas seguintes e gerou impacto no mercado de trabalho, tornando-as economicamente competitivas... Apesar de a presença feminina nas universidades ainda se concentrar nas áreas de Educação e Humanidades, observa-se a diversificação, com mulheres presentes em outros campos como as Engenharias, a Arquitetura, a Medicina, a Veterinária e o Direito, numa sistemática consolidação de novas trajetórias profissionais.²⁰⁰

É perceptível, nesse diálogo dinâmico acerca da constituição de gêneros, que as histórias de vidas de modelos de sujeitos independentes demonstraram autênticas e diversificadas experiências de “individuação” de mulheres, propriamente de uma constituição de novos indivíduos, que, com suas iniciativas e atitudes, rejeitam antigos padrões de representação dos valores familiares, entre eles, a forma de constituição de ser mulher. Porém, com o acesso ao trabalho, emergiram, logo no início da juventude, as possibilidades abertas pela escolarização. Como evidencia Rita Magalhães:

Eu comecei a trabalhar, exatamente, aos 23 anos. Foi quando, em janeiro de 85, me formei e me casei, fui pra Bom Jesus e lá comecei a trabalhar. Tinha ainda 23 anos de idade e tive meu primeiro emprego, que foi na UFPI e até hoje estou aqui. Minha família era a favor do trabalho, com certeza, me apoiava bastante, sempre me incentivava a crescer no meu trabalho e ir em frente.²⁰¹

A experiência como conceito de explicação histórica do indivíduo é uma proposta de análise realizada por Joan Scott.²⁰² A autora defende essa análise a partir das vivências do indivíduo para a compreensão de sua construção histórica e reitera

²⁰⁰ MATTOS; BORELLI, 2013, p. 145.

²⁰¹ MAGALHÃES, 2015b.

²⁰² SCOTT, 1998, p. 20.

que o entendimento da história só é possível pela via das experiências que atravessam os indivíduos. Porém, Scott argumenta que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais entre os sexos.²⁰³

Nesse caminho do entendimento acerca do conceito de experiência, busco o entendimento da noção de mulheres, enquanto indivíduos independentes, como são constituídas, a partir de práticas e vivências estabelecidas e atravessadas por esses sujeitos com experiências individuais. E, por essa ótica, é necessário perceber as subjetividades impressas como elementos complexos de suas identidades próprias, não a partir das identidades sexuadas, construídas e fechadas a modelos de feminilidade e masculinidade, mas integrando a elas a percepção psicológica do indivíduo. Aqui, as identidades de sujeitos se definem e operam como plurais, não estáticas, mas voláteis, definidoras das suas vivências e histórias.

O uso do conceito experiência, como percepção de imagens históricas dos sujeitos plurais e flexíveis, é um possível caminho desse estudo. Porém, claro está que esses sujeitos constituem resultados de discursos construídos de uma dada época e momento. Por assim dizer, as imagens construídas de mulheres são luzes, conforme associa Foucault ao interpretar a Vênus de Ticiano:

Há essa mulher nua que está lá, não sonha com nada, não olha nada, há certa luz e essa luz que, indiscretamente, vem marcá-la ou acariciá-la e nós, espectadores, que surpreendemos o jogo entre essa luz e essa nudez.²⁰⁴

Sob essa ótica, observo as trajetórias das mulheres que se compuseram como sujeitos independentes, em suas trajetórias e vivências em Teresina. Como indivíduos múltiplos, conseguem descentrar o sujeito mulher e revelar em atitudes e iniciativas para o alcance dos sonhos, das conquistas, do amor. E, nesse caleidoscópio de múltiplas formas, esses sujeitos se inventam e reinventam em suas constituições de indivíduos e mulheres.

4.1 Os corpos femininos como territórios de existências independentes

Considera-se que na construção das subjetividades femininas, os corpos

²⁰³ SCOTT, 1985, p. 86.

²⁰⁴ FOUCAULT, 2012, p. 97.

atendem e respondem a estímulos que lhes direcionam aos desejos individuais. Nesse entendimento, Rolnik afirma que entre o corpo e a capacidade de percepção há uma tensão, que esta chamou de uma relação paradoxal, que nos impulsiona a agir e transformamos a paisagem subjetiva e objetiva, como a autora expõe:

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.²⁰⁵

Esse “corpo vibrátil”, conforme afirma a autora, movimenta-se no sentido de buscar adequação às representações por meio de uma relação de forças, forjando-se um modelo de corpo feminino, num cenário cartográfico, embasado pela micropolítica do neoliberalismo dos anos 1980. E, nesse sentido, busco revelar as micropolíticas de subjetivação impressas a esses corpos.

Nesse plano, que Rolnik chama de cartografia do desejo, me importa entender suas micropolíticas e os agenciamentos do desejo, como estes se desvendam e se cognificam nas ações femininas do eu ou do indivíduo. Nesse sentido, considero, como a autora, que o plano de individuação está plenamente envolvido ao outro, não há como desvincular os desejos dos indivíduos. As singularidades que envolvem os sujeitos femininos são tomadas pelo traçar de suas subjetividades, afetos e, assim, não podem se deslocar das suas relações exteriores. A exemplo da micropolítica que explica Rolnik:

‘Micro’ é a política do plano gerado na primeira linha: cartografia. O princípio de individuação, neste caso, é inteiramente outro: não há unidades. Há apenas intensidades, com sua longitude e latitude; lista de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz e, portanto, inseparáveis de suas relações como o mundo.²⁰⁶

Seguindo por esse caminho, na fala de Edilene Facundes verifica-se as formas de desterritorialização do “indivíduo”, quando configura um modelo dito feminino que

²⁰⁵ ROLNIK, 2014, p. 13.

²⁰⁶ ROLNIK, 2014, p. 60.

rejeitava em seguir. Aponta-se uma multiplicidade de desejos no sentido de resistência às representações de padrões e normas sociais e apresentam-se devires de vivências, de buscas, de expectativas:

Mas, assim, eu acho, particularmente, que sempre fui meio transgressora e em casa eu enfrentava meu pai e minha mãe, em termos de valores. Vou dizer essa palavra 'irreverente', mas, pra colocar minhas posições... em termos de colocar minhas posições, minha mãe aceitava melhor. Só que meu pai também, nunca foi aquela pessoa ... Ah! De brigar comigo por isso, sempre dizia: só casava se tivesse emprego, que eu não iria depender de marido. Essas coisas...²⁰⁷

Nesses devires, os indivíduos fogem às limitações impressas como dadas às suas vivências. A resistência é uma forma de se criar novos e possíveis caminhos para a individuação. O diálogo com esses modelos de indivíduos remete à reflexão de que escrever uma história das trajetórias de mulheres é também evocar um eco distante do silêncio das imagens construídas como femininas.

As historicidades revelam que os desejos encaminham-se para os processos individuais do ser, enquanto sujeitos. Nesse sentido, agregar os planos de carreira aos sonhos significou lugar comum entre as depoentes citadas. No caso de Tailândia Maia, a experiência pela luta em busca de melhores condições de trabalho revelou a angústia pela desterritorialização, enquanto sujeito independente:

Então, trabalhei, era professora primária, trabalhava e logo eu me envolvi com o movimento sindical. E aí, fui da primeira diretoria da APEP, que era a Associação de Professores, nós começamos, na verdade, como um grupo de oposição à APEP.²⁰⁸

Ao cartografar os desejos de profissionalização, imprimem-se as subjetividades das identidades, em estudo, numa composição dos seus processos individuais, que se desdobram e conforme tratou Rolnik constroem marcas de territórios.²⁰⁹ Na fala de Sônia Terra, é possível capturar esses agenciamentos:

Fui da primeira turma de Curso Técnico em Radialismo. Eu sempre gostei muito de rádio. Eu já fazia parte do movimento que eu sempre

²⁰⁷ FACUNDES, 2015.

²⁰⁸ MAIA, 2015.

²⁰⁹ ROLNIK, 2014, p. 15.

particpei e tinha um programa na rádio Pioneira e aí fiz Curso Técnico em Radialismo, então são três cursos técnicos e uma série de outros cursinhos que a gente vai fazendo, né? E tempos depois, eu até iniciei fazendo Administração, aí parei por conta do trabalho e depois, entrei no Jornalismo... São várias as questões que se pode dizer pra isso. Primeiro que eu tive que parar, trabalhar, sustentar minha família. Eu sempre fui uma pessoa muito dedicada ao movimento, na luta, nas ações e viajando e pensando nos outros tanto quanto em mim, e às vezes ia deixando aquilo que nesse campo me motivava. Na época que terminei o Segundo Grau, meu desejo era fazer Sociologia, já era um desejo, naquela época, de fazer Ciências Sociais.²¹⁰

Assim, as identidades apresentam-se plurais, fazem uso dos desejos e configuram os agenciamentos constituindo-se sujeitos independentes para a legitimação dos seus corpos, sonhos e da construção de territórios livres.

4.2 As mulheres independentes e a legislação brasileira

Acerca das funções exercidas como atividades representadas pelo trabalho das mulheres, Perrot aponta, numa vertente singular acerca do sujeito mulher, como as sociedades ocidentais inseriram as mulheres no campo do trabalho. O fator que promoveu essa mutação foi atribuído ao regime de salários que emergiu com a industrialização, nas sociedades dos séculos XVIII e XIX. Importa lembrar que as mulheres, enquanto sujeitos, sempre exerceram atividades, conforme a autora aponta:

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível.²¹¹

Nesse sentido, no Brasil, a discussão acerca da liberdade das mulheres foi atrelada ao casamento. Não consistindo, assim, numa discussão nova, porém, somente no final da década de 1970, a Legislação contemplou a possibilidade de uma liberdade institucional de escolha às mulheres para ir e vir, independente das relações conjugais. Cortês discute no artigo a “A trilha legislativa da mulher” que, a partir do

²¹⁰ TERRA, 2015.

²¹¹ PERROT, 2016, p. 110.

Código Civil de 1916, criou-se uma abertura à liberdade das mulheres, em relação ao matrimônio, porém, com certos limites e discriminação no texto jurídico, a criação do desquite não permitia às mulheres e aos homens, uma vez casados, um novo vínculo matrimonial.²¹²

Entre algumas medidas, segundo a autora, em 1962, com as alterações inclusas no Código de 1916, O Estatuto da Mulher Casada (Lei N. 4.121/1962) atribuiu novos poderes às mulheres, como o pátrio poder sobre os filhos oriundos do casamento anterior, sem a interferência do cônjuge. Porém, essa constituição definiu às mulheres a categoria de livres somente após sua profissionalização, para exercer seus direitos.²¹³

No Brasil, desde meados do século XX, as discussões acerca do trabalho, que envolve mulheres em sociedade, emergiu na pauta das discussões políticas. A preocupação legal acerca das funções desempenhadas por mulheres veio à tona com a criação da Justiça do Trabalho e a consolidação das Leis trabalhistas. A Era Vargas estabeleceu a segurança dos direitos sociais, até então, intocáveis, pelo Decreto de 5.452 de 1º de maio de 1943, criando a legislação trabalhista. Sobre essa iniciativa, Cortês interpreta:

[...] a consolidação das Leis do Trabalho (CLT) reconheceu e regulamentou as relações dos trabalhadores brasileiros: mulheres, homens e menores, discriminando entretanto, os trabalhadores rurais e os trabalhadores domésticos.²¹⁴

A partir desse evento, a chegada dos anos 1980 veio consolidar as lutas políticas pelas diferenças entre homens e mulheres na Lei. Porém, é importante notar, que não é o centro do estudo enfocar as diferenças nem discutir as amarras que provocaram o tema, mas marcar as experiências de liberdade e independência das mulheres, enquanto, indivíduos e sujeitos históricos. Para tanto, é necessário visualizá-las como sujeitos atuantes em imbricadas relações de força e poder.

A mudança de teor mais significativo, contudo, foi impressa na Emenda N. 9/1977 que trouxe a possibilidade constitucional com a promulgação da Lei do Divórcio em 1977. Cortês essa medida aponta como um divisor de águas em relação

²¹² CORTÊS, 2013, p. 268.

²¹³ CORTÊS, 2013, p. 268.

²¹⁴ CORTÊS, 2013, p. 280.

ao casamento civil no Brasil. Porém, essa lei trazia uma série de novas condições à liberdade feminina. A plenitude desse teor jurídico foi alcançada com as alterações da Emenda Constitucional N. 66/2010. Cortês analisa os impactos dessa lei sobre homens e mulheres:

Em 2010, depois de 34 anos de admitido o divórcio no Brasil, foi aprovada a Emenda Constitucional n. 66, que excluiu todas as condicionalidades, inclusive a necessidade de separação judicial prévia. Assim, o divórcio direto, sem prazo preestabelecido chegou finalmente às leis brasileiras, regulamentando situações de homens e mulheres que se sentiam presos a laços que não mais existiam, podendo ser requerido de forma simples e rápida.²¹⁵

A matéria do jornal *O Dia* de 28 de março de 1980 apresentava os resultados da Lei do Divórcio em Teresina. O texto informou que a Lei, aprovada em 1977, que ampara o divórcio e aplicado no estado, em janeiro de 1978, aparece como alternativa de solução para os problemas conjugais. Na matéria, o Piauí demonstra também um número em menor escala, comparado aos outros estados do país, 200 casos registrados no estado. Como é acentuado na manchete, “Chegam a 200 os divórcios em Teresina” e enfatiza no texto:

A população de Teresina, especialmente, a de média e alta classes sociais, tem, como outras partes do país, procurado soluções, através do divórcio, levantamentos feitos em cartórios da cidade, especializados em causas dessa natureza, dá uma margem de 200 anuais, vez que em um só desses órgãos é de 144 a média ao ano.²¹⁶

É possível afirmar que, ao longo do século XX, importantes modificações legais, de teores específicos, foram modificando questões delicadas atribuídas ao estatuto das mulheres. Porém, a Constituição de 1988 veio encerrar as profundas mudanças políticas da década. Nomeada de Constituição Cidadã, por abrir um valioso espaço dedicado às mulheres, essa constituição foi elaborada com ampla participação social. A Carta Magna registrou diversas indagações dos movimentos de mulheres e feministas. A mudança mais significativa no sentido da liberdade das mulheres foi a conquista da isonomia, com a igualdade entre homens e mulheres perante a Lei. Nesse sentido, o texto enfatiza no artigo 5º, inciso I: homens e mulheres são iguais

²¹⁵ CORTÊS, 2013, p. 267.

²¹⁶ CHEGAM A 200 os divórcios em Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 7, 28 mar. 1980.

em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. Com base na análise de Cortês, além desta, outras conquistas voltadas para as mulheres e a sociedade foram alcançadas, o que definiu essa constituição, como uma constituição cidadã:

Dentre as principais conquistas está a isonomia – igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Homens e mulheres foram incluídos na legislação, com igualdades de direitos e obrigações na vida civil, no trabalho, na família. [...] a prática do racismo, definido como crime inafiançável, sujeito à pena de reclusão.

Sabe-se que, atualmente, existem ainda muitos caminhos a trilhar na Legislação brasileira, para que os ideais de liberdade de mulheres e homens sejam aplicados em sociedade. Porém, ao final do século XX, as conquistas foram consideradas bastante positivas, se comparadas ao início do mesmo século, passos foram caminhados em direção ao modelo de mulheres independentes em construção.

4.3 O sujeito independente, os signos de uma liberdade política e a vida acadêmica na UFPI

A esperança de eleições diretas para presidente da República, logo no início da década, despertou as angústias populares. Afetadas por essa energia, as estudantes que almejavam um lugar no âmbito profissional e que se identificavam com as lutas sociais, seguiram o ritmo das mutações, marcando suas participações em movimentos estudantis na universidade e ambicionavam converter as mudanças das estruturas políticas do país. Essas atuações tornaram-se significativas para a definição de seus lugares acadêmicos. Emergindo os desejos das imagens que representavam como sujeitos e o que essas mulheres, realmente, buscavam com a essência de ser. O caráter democrático do cenário brasileiro abriu possibilidades para as expressões das mulheres e de suas lutas pela cidadania. A década traz em si um forte teor de lutas políticas e sociais por conta do cenário de transição política e das lutas pelas “Diretas Já”. Na leitura de Queiroz, a transição para a década revela que:

A história brasileira do século passado, vista do final da década de 1979 até meados da década de 1980, tanto num ângulo geral quanto em suas particularidades, é de uma extraordinária riqueza de nuances e de grande velocidade de transformação, sendo os anos compreendidos entre 1978 e 1985, absolutamente representativos quanto às mudanças do cenário político. Das promessas de abertura

do regime ao movimento 'Diretas Já'. A presença e a consistência das aspirações e da ação populares denotam aquela mudança e dão o diapasão das novas regras que se insinuam no ordenamento político do país.²¹⁷

Essa atmosfera tornou-se contagiante às mulheres. Nesse sentido, as queixas atribuídas ao lugar ocupado por mulheres veem, novamente, à tona no cenário de efervescência política de redemocratização. As estudantes, enquanto sujeitos individuais, fizeram-se visíveis ao espetáculo turbulento do país e do Estado.

A paisagem política dessa década e a vida acadêmica exigiam performances mais críticas dessas estudantes universitárias, que se envolveram com a luta política, ao abraçar as mudanças de seu tempo histórico. Esse cenário trouxe contradições das décadas passadas e sugere um novo caminho para a política nacional. Queiroz analisa acerca dos signos políticos e o pluripartidarismo que definiu o cenário nacional naquele momento:

A cena da política nacional – cuja centralidade é a abertura, com todo um leque de desdobramentos que se prolongarão nos anos seguintes, até talvez fechar-se o círculo da transição por volta de 1985-1986. Eleito João Batista Figueiredo, a luta do MDB, presidido por Ulisses Guimarães, tem como metas a constituição, o pluripartidarismo, a liberdade sindical, a legalidade, a anistia, a reconquista dos direitos individuais, evidentemente, que o MDB catalisando as forças da resistência nacional no período. O ano é intenso de conversas, entendimentos e negociações e figuras centrais nesses esforços foram, sem dúvida, Petrônio Portella, Aureliano Chaves, na condição de vice-presidente, Ulisses Guimarães e Tancredo Neves, cujos talentos diplomáticos se exercitaram incessantemente. A senha para a redemocratização do país e para a abertura de um diálogo negociado já havia sido colocada por Figueiredo na retumbante promessa de fazer do país uma democracia.²¹⁸

A política de 1979 aprofunda contradições latentes dos anos anteriores e define os novos desejos nessa trama, as mulheres inseridas nas discussões acadêmicas, nos grupos políticos de base política ou nos encontros das igrejas comportavam-se avessas, ao recusarem-se a calar diante das suas crenças e desejos, convertendo-se em sujeitos ativos e atuantes na academia. Essas estudantes ousavam manifestar-se com muita força, brilho e legitimidade política, nesses espaços, no sentido de

²¹⁷ QUEIROZ, 2006, p. 206.

²¹⁸ QUEIROZ, 2003, p. 208

construírem desejos de alcançarem suas expectativas e direitos legais nos grupos sociais.

Respirava-se uma atmosfera política no cenário 1980, que tornou-se propícia aos temas e experiências de viés político. Determinadas mulheres passaram a contrastar e participar das manifestações em seus grupos sociais, que miravam as conquistas rápidas nessa década, após a abertura do movimento nacional das “Diretas Já”. Em Teresina, a Universidade Federal do Piauí se configurou um espaço de conscientização e ações acadêmicas. Nesse sentido, tornou-se lugar comum, a participação de mulheres nesses espaços de encontros políticos acadêmicos, nas eleições dos diretórios e dos Centros Acadêmicos. Nesse cenário, vestidas de camisetas coloridas, com logomarcas impressas dos eventos e das pautas de discussões acadêmicas, as estudantes vivenciavam a universidade, envolviam-se com as leituras críticas e espalharam-se pelos encontros de estudantes por todo o país, quando buscavam a legitimação de seus lugares, enquanto sujeitos que expressavam suas ideias contra o sistema vigente, com possibilidade de abertura efetiva e mais democrática para a cidadania das mulheres.

Paralelamente, esse modelo de sujeito independente foi se constituindo com a desconstrução do sujeito mulher, definido pela condição expressa pelo humanismo, como contrário ao sujeito masculino. A partir desse parâmetro, é possível arriscar um formato de desconstrução do ideal construído para as mulheres. A referência ao sujeito independente é observada na música de Edvaldo Nascimento, cantor e compositor piauiense, em sua letra “Poemas e Carícias”, quando registra e identifica a performance forte da jovem acadêmica, que atraía olhares por meio de uma representação de um sujeito independente, esclarecido e engajado”:

A sua presença me deixa assim legal
Desde os tempos da universidade
Onde a rapaziada discutia
A conjuntura nacional
Eu e você trocando mil beijinhos
No meio da greve geral
Meu amor a UNE nos uniu...²¹⁹

²¹⁹ NASCIMENTO, Edvaldo. Poemas e Carícias. Disponível em: <<https://www.lettras.com/edvaldo-nascimento/poemas-e-caricias/>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

O verso “meu amor a UNE nos uniu” revela a igualdade de pensamento, que se pretendia alcançar com os movimentos sociais. As reuniões de estudantes no espaço cultural da UFPI, no âmbito do Diretório Central dos Estudantes eram constantes e motivavam comumente as apresentações culturais. Por duas vezes nessa década a direção do Diretório Central dos Estudantes (DCE) foi presidida por mulheres. A primeira chapa foi em 1983/1984, com a estudante de Engenharia Civil, Valéria, que compunha a Chapa “Nascente” e Masilene Rocha, estudante de Serviço Social, que dirigiu o DCE em 1987, 1988 e 1989, liderando a chapa “Sacudindo a Poeira”. Na linguagem dos estudantes, as mulheres apareciam como sujeitos independentes e envolvidas com as mudanças do seu tempo, ao comporem a lista, no Quadro 1, com a relação das chapas do DCE, nos anos 1980:

Quadro 1 - Chapas do DCE nos anos 1980

Ano	Presidente	Nome da Gestão
80/81	Fonseca Neto (História / Direito)	Travessia
81/82	Osmar Júnior (Eng. Civil)	Nossa Voz
82/83	Wellington Soares (Letras)	Espinho
83/84	Marcos Lopes (Engenharia Civil)	Viração
84/85	Valéria (Serviço Social)	Nascente
85/86	Elivaldo Barbosa (Agronomia)	Travessia
86/87	Galvão (Direito)	Clarear
87/88/89	Masilene Rocha (Serviço Social)	Sacudindo a Poeira
89/90/91	Carlos Alberto Lopes (Pedagogia)	O tempo não pára

FONTE: Jornal do Diretório Central da UFPI (DCE). In: ALMEIDA, José Dias de; CAVALCANTE, Itapoan Ferreira; ROCHA, Ligia Vieira. Resistência e rebeldia em busca de cidadania: 15 anos de DCE livre na UFPI. Teresina: EDUFPI, 1995. p. 50.

A iniciativa e participação de estudantes nos movimentos estudantis da UFPI tornou-se muito frequente, à época, com forte participação nas chapas e reuniões no Diretório, impressas no jornal do Diretório Central de Estudantes da UFPI, cujo título *Resistência e Rebeldia em Busca da Cidadania: 15 anos de DCE livre na UFPI*, comemorava uma década e meia de existência do DCE. A partir de 1985, o Brasil vivenciava uma nova etapa republicana, com o advento do fim do regime militar. Os estudantes impulsionados pelos resultados do movimento consideraram esse momento uma vitória que o povo obteve nas ruas e esperançosos investiam no cenário de mudança política no país, com os efeitos do movimento “Diretas Já”. No Jornal do Diretório era destaque para a juventude acadêmica, as conquistas do então, “novo tempo”:

A partir de 1985, o Brasil entra em uma nova fase de sua história. O fim do regime militar foi uma vitória que o povo obteve nas ruas. Começa, então, o processo de transformação reais nas estruturas retrógradas do país. O colégio eleitoral chega ao final com o estabelecimento de eleições diretas para presidente, os partidos que foram perseguidos pelo autoritarismo são legalizados, os analfabetos têm direito ao voto, conquistou-se eleições para prefeitos das capitais, não são feitas mais intervenções nos sindicatos, a proposta de governo para a Reforma Agrária é lançada.²²⁰

As experiências de sociabilidades e participações de mulheres com posturas livres nas atividades acadêmicas da UFPI tornaram-se presentes nessa década, tanto nos jornais como nas manifestações por melhorias na vida urbana. Um exemplo disso constitui a lembrança da depoente Conceição de Maria Nogueira Rodrigues quando cita as angústias dos estudantes à época:

A gente fazia muitas manifestações, pelos nossos direitos, né? Enquanto estudantes universitários... Eu lembro que a gente brigava muito por causa do transporte que era muito precário, eu morava do outro lado da cidade, eu tinha que pegar um ônibus, que circulava a cidade toda pra chegar à UFPI e a gente passava uma hora esperando o ônibus, uma hora debaixo do sol quente... E quando o ônibus chegava era lotado, então, a gente ia em pé... Eu e meu grupo de amigos que morava no mesmo bairro, então, aquilo ali, ia deixando a gente com muita raiva... Porque a gente pedia, implorava e nada melhorava... E aí, um dia a gente resolveu fazer uma manifestação e a manifestação começou dentro do ônibus...

Nesse recorte, surgem, evidentemente, os novos impactos culturais promovidos pela década para a constituição das identidades juvenis. A juventude cartografada por esses sujeitos já não se permitia ignorar as insatisfações sociais. Ao contrário, vislumbrava um universo que se abria às mulheres, de forma exigente, urgente, veloz. É possível pensar que as significações dessa década remetem pensar os lugares e as linguagens de onde são emitidas. Nesse sentido, Queiroz, ao narrar seu artigo sobre a Juventude, Cultura e Linguagens na década de 1960, aborda como artefatos, a pluralidade e o jogo do poder na construção das identidades:

²²⁰ Jornal do Diretório Central da UFPI (DCE). In: ALMEIDA, José Dias de; CAVALCANTE, Itapoan Ferreira; ROCHA, Lígia Vieira. Resistência e rebeldia em busca de cidadania: 15 anos de DCE livre na UFPI. Teresina: EDUFPI, 1995. p. 31.

É possível destacar nesse conjunto que as identidades se constroem segundo as aproximações físicas propiciadas pela música, pelas danças e também pelo partilhar de informações de revistas dirigidas a esse novo segmento consumidor.²²¹

Em consenso, no discurso de uma juventude que foi engendrada e fixada pela marca “Geração 1980”, que procurou corresponder às linguagens da sua época, porém, que traduziram nos corpos, a liberdade e ousadia de suas identidades, provocadas por novos signos de autonomia, liberdade e independência que legitimaram o senso crítico das mulheres acerca das possibilidades de ser mulher. Contudo, nessa análise, Foucault nos lembra: “o que está em jogo, senão o desejo e o poder? No discurso verdadeiro, não há como reconhecer a verdade que o atravessa”.²²² A rápida informação, com a sofisticação de instrumentos tecnológicos, como as TVs, rádios, livros, revistas provocaram a marca dos signos e dos significados de liberdade nas mulheres nessa década, que eram despertadas pelo incentivo e, por vezes, referências de suas mães.

A força e impressão de uma juventude, que de forma muito mais intensa, fez uso da liberdade, da ousadia e marcou o cenário em Teresina. Os signos da época adentraram os universos das garotas, ainda na escola secundarista. Posteriormente, as leituras universitárias, as músicas, a arte, impregnavam a atmosfera dessa época. A sede da busca pelas expectativas não mais se limitavam. Os indivíduos se identificavam com a velocidade que vinha do novo tempo.

Na propaganda da chapa do movimento acadêmico da UFPI dizia: “É Preciso Ousar” e esclarecia essa necessidade juvenil de surgir, emergir, aparecer nesse novo cenário. A reinvenção de uma linguagem juvenil no âmbito das universidades se faz notar pela emergência de busca ao desconhecido, para as mulheres. Nesse momento, a postura de “politicamente correto” era a busca usual das jovens que se aventuravam a trilhar pelos caminhos minados das discussões em torno da política.

A emergência desse sujeito independente na década de 1980 parecia desatar, visivelmente, suas posturas como indivíduos que sonhavam, que ansiavam por liberdade, autonomia e independências diante dos padrões estabelecidos em família.

²²¹ QUEIROZ, 2006, p. 226.

²²² FOUCAULT, 2004, p. 19.

4.4 O discurso conservador e as desterritorializações dos sujeitos independentes nas crônicas de A. Tito Filho

As vivências femininas na aceleração dos anos 1980, em Teresina, eram ressignificadas. As mulheres esclarecidas, com leituras do universo acadêmico, já demonstravam certa autonomia de pensamento, de ação e liberdade, com relação à propaganda midiática sobre o sujeito independente, impresso nos jornais e na TV. A representação de uma mulher livre corresponderia às facetas ditas modernas que a mídia impunha. De certa forma, era preciso vestir uma nova roupagem de sonhos e desejos para corresponder ao novo tempo. A década imprimiu uma série de signos, símbolos, acerca de mudanças políticas que se ajustavam à leitura da moda, fazendo emergir novos modelos femininos com perfis independentes nos jornais e na televisão.

Nesse sentido, a criação de partidos políticos e a euforia de mudança política no cenário brasileiro provocou a reinvenção de um perfil feminino engajado politicamente, nesse domínio, um modelo de mulher dita “feminista”, que lutava pelos direitos sociais. Em Teresina, esse perfil surge nos espaços das igrejas católicas e nas universidades e, permanentemente, essa imagem era veiculada no jornal *O Dia*. Essa performance impulsionou uma outra imagem de mulheres, que surgiria com as conquistas femininas, um modelo de mulher dita “moderna”, de atitudes mais livres e independentes. Importa observar que os modelos analisados, nesse estudo, são livres, não compondo, necessariamente, uma linha marcadamente feminista, em todos os indivíduos. O que motiva esse estudo é aventurar-me em suas histórias de autonomia e liberdade, arriscando desvendar o universo de sonhos e desejos impressos nas falas das depoentes em estudo.

As crônicas foram as matérias de jornais escolhidas para essa análise. Em especial, os textos publicados por A. Tito Filho no jornal *O Dia*. Contudo, essa leitura é realizada ao final da década de 1980, quando o cronista toma por enfoque várias histórias e posturas de mulheres que lhe despertam para a construção de um discurso convencional e, por muitas vezes, ácido aos estilos e comportamentos que são direcionados, em sua fala, às jovens mulheres em Teresina. Em suas narrativas, o cronista revela a rejeição às formas desterritorializadas impressas às mulheres ditas modernas. Na crônica de 29 de março de 1988, são óbvias as farpas à imagem desse modelo de mulher livre. O cronista narra, por vezes, com certo saudosismo, a volta

aos antigos tempos, para lembrar o temperamento comportado atribuído às mulheres da sua época:

Sinceramente, a mulher gozava de muitas regalias e perdeu-as com a história do feminismo. É verdade que não tinha a liberdade de andar batendo coxas pelas ruas. As casadas saíam com os maridos, as outras podiam ir à escola, à missa. Em compensação, de vez em quando, havia matinê de danças e bailezinhos bons de namorar à noite. Quando o namoro estava pegado podiam ir com o futuro noivo ao cinema. Hoje pode a mulher fazer tudo o que pensa, salvo se não tem dinheiro. Anda como quer e com quem quer, de dia e de madrugada.²²³

O cronista, ao comparar as imagens de mulheres, observa que o modelo das jovens da década de 1980, revelou o surgimento de uma outra performance, com liberdade de ir e vir para onde quisesse e com quem quisesse, contrariando os hábitos que eram comuns nas décadas anteriores. Esse modelo, então, ressignificou valores, condutas e tomou os novos espaços públicos na cidade.

Nessa década, nas famílias mais tradicionais, ainda era presente certo preconceito com os modelos de feminilidade mais cultos, mulheres que estudavam e optavam por não casarem cedo. Esse resquício de tradicionalismo era presente na sociedade de Teresina, mesmo com a rapidez da informação via televisão em diversos lares familiares, ainda refletia certa resistência e preconceito ao modelo de sujeitos independentes, que sempre estava associado às performances de mulheres solteiras, livres e sem compromisso com o casamento.

No texto intitulado “Feminismo”, publicado no jornal *O Dia* em 25 de março de 1988, o cronista expõe toda sua insatisfação, ao tratar das subjetividades das mulheres com personalidades mais fortes e aborda criticamente a condição dita feminista atribuindo ao movimento as desterritorializações das moças ditas modernas. E com acidez nas palavras narra:

Nos dias que correm o chefe do casal está representado pela mulher. Retornou-se ao matriarcado. Jamais se viu a supracitada com tanto prestígio de forma de mandar. As donas se metem em todos os assuntos, inclusive naqueles para os quais não são chamadas. Discutem besteiras colossais. Lêem mediocridades. Fumam.

²²³ TITO FILHO, Arimatéia. Prejuízos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.

Consumem muito álcool, chegam a grandes pileques. Foi-se a virgindade – raríssimas mantêm o fogo sagrado.²²⁴

Com grande incômodo, o cronista em sua narrativa ácida, ferina, procura na dificuldade da compreensão, expor as subjetividades que atravessaram as mulheres, ao realizarem seus desejos de carreira. É notória a necessidade de legitimação dos lugares desterritorializados pelos sujeitos independentes:

Se machismo era o poder do mando incontestável por parte do gajo, feminismo deve tomar outra significação, justamente a de domínio completo do varão pela mulher, machona de corpo e alma – médica, advogada, prefeita, deputada, senadora, jornalista, policial, romancista, motorista de ônibus... As costelas de Adão venceram a luta.²²⁵

A resistência ao poder atribuído às mulheres livres é visível nas palavras do cronista. Percebe-se o jogo de forças que atua sobre os comportamentos das mulheres e dizem deles, como deveriam ser. Lipovetsky, numa vertente social, ao analisar a inserção da mulher no trabalho, cita que se instalou um ciclo de dominado pelo reconhecimento e sua valorização social. Porém, o autor sugere uma desconstrução do sujeito mulher.

O autor afirma que nos anos 1960, inaugurou-se um novo tempo, enfatizando a desconstrução da unanimidade dita feminina e relacionada ao ideal de “fada do lar”. Nesse sentido, destaca a insatisfação em relação à atuação atribuída às mulheres, no espaço do lar, que se arrastou desde essa década, de maneira a criar novos parâmetros de reconhecimento social sobre as mulheres. Nesse sentido, o autor explica esse anseio de mudança social e a abertura ao espaço do trabalho iniciado e difundido pelos EUA:

Em 1963, o livro de Betty Friedam, a mulher mistificada, que teve 1,5 milhão de exemplares vendidos, teve o efeito de um choque cultural ao destacar ‘o mal estar indefinível’ da dona de casa dos grandes subúrbios americanos, seu isolamento e suas angústias, o vazio de sua existência, sua ausência de identidade. O ideal de fada do lar já não tem mais a unanimidade: na imprensa, multiplicam-se os artigos que evocam a insatisfação da mulher de interior, suas frustrações, a monotonia de sua vida. As acusações contra a mulher sem profissão

²²⁴ TITO FILHO, Arimatéia. Feminismo, *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1998.

²²⁵ TITO FILHO, Arimatéia. Feminismo, *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1998.

não vão mais cessar e serão radicalizadas pelas novas correntes feministas.²²⁶

Lipovetsky analisa a existência de um modelo de mulheres nos anos 1960, impulsionadas pela terceira onda feminista. Esse modelo, o autor nomeou de uma “terceira mulher”, que incorpora a contemporaneidade, definindo como a mulher que se reinventa, que é dona de seu corpo e de sua posição social, numa análise mais ampla, o autor aponta que os números registram que essas mulheres saem nessa direção para a conquista de uma sociedade mais igualitária, até o início dos anos 1980. Porém, é importante notar que o autor concebe esse modelo como singular a todas as mulheres, porém, para essa compreensão, pretende-se lembrar que as experiências desses sujeitos acrescentam à compreensão dos universos de cada indivíduo, permeado de pluralidades e multiplicidades existentes nas construções desses modelos de indivíduos:

Nesse impulso, a opinião pública evolui maciçamente no sentido da aprovação do trabalho profissional da mulher. Nos Estados Unidos, em 1970, 80% das mulheres brancas consideravam muito preferível que a esposa permanecesse em casa; sete anos mais tarde, apenas 50% pensavam assim. Em 1969, 46% dos franceses se reconheciam no ideal de uma família em que só o homem exerce uma profissão e a mulher fica em casa; em 1978 essa porcentagem cai para 30%. Depois, a legitimidade da atividade assalariada feminina se acentuou ainda mais. [...] Por toda parte, o reconhecimento social do papel profissional da mulher avançou a despeito de desemprego em massa persistente; no começo dos anos 80, 59% dos europeus se declaravam de acordo com a ideia de que em período de forte desemprego, um homem tem mais direito a um trabalho do que uma mulher, dez anos mais tarde, 55% recusam essa ideia.²²⁷

A realidade que circundava Teresina, nessa década, foi impactada pelos ecos da cultura circulante, veiculados pelas leituras dos jornais, das revistas, músicas e TV. Esses ecos defendiam a crítica aos novos tempos e permitiam a emergência de um modelo de mulher que viesse promover a desconstrução do conceito do sujeito mulher, revelando as experiências de diversas mulheres como sujeitos individuais. Além dos espaços escolares e acadêmicos, há uma forte presença de mulheres nos movimentos e manifestações sociais durante toda a década.

²²⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 218.

²²⁷ LIPOVETSKY, 2000, p. 221.

Essas dinâmicas no ritmo das mulheres foram uma constante por toda a década, além da conquista dos novos espaços urbanos e de lazer, a saída do espaço privado para o espaço público revela também a liberdade da cidadania, que é impressa ao novo tempo com o impacto político das “Diretas Já” em 1984. Na UFPI, envolvidas com a atmosfera de mutações, as mulheres passaram a exercer uma participação política mais conectada com as mudanças que ocorriam no cenário brasileiro, ao participar de palestras e discussões acerca das ações pelas mudanças no país e a buscar, efetivamente, seus direitos e espaços sociais, enquanto sujeitos históricos.

5 MULHERES, AFETOS E A OUSADIA DOS ANOS 1980

As configurações dos afetos e das relações de matrimônios, nos últimos anos do século XX, tomaram novos formatos de valores e ideais. É notório dizer que esses valores iniciaram com a ventania de rebeldia da juventude nos anos 1960. A irreverência e a liberdade dos jovens à época compuseram os desejos de uma juventude sedenta por outros cenários, outras performances, outros lugares e pela liberdade de assumirem-se como sujeitos históricos. Uma percepção que, para Queiroz, foi centrada nos desejos e insatisfações de um modelo avançado de juventude. A autora, ao discutir os comportamentos juvenis nessa década, lembra que a juventude é permeada de leituras e aprisionamentos redutores, que não alcançaram a complexidade do cenário dessa década.²²⁸

Seguindo a representação desses valores, a juventude dos anos 1980 apresentou-se inserida num outro complexo cenário mundial, composta por outros signos e símbolos de liberdade e cultura. E, por esse caminho, buscarei insurgir nesse debate a construção das mulheres enquanto indivíduos, a condição das relações matrimoniais, a constituição dos afetos e desejos, em trâmites, no cenário das profundas mutações propostas pela urgência desses tempos. Parti, assim, por via da construção dos desejos que constituíam os sonhos, expectativas para a materialização das mulheres, enquanto sujeitos independentes.

O ritmo cultural que envolveu essa década não veio sem significação. Logo no início, uma avalanche de novos signos adentraram o universo adolescente e juvenil, que eram perpassados pela mídia por meio dos canais de comunicação. Sabe-se que as juventudes compõem, em si, formatos de autenticidades, subjetividade, liberdades e linguagens próprias de uma época vivenciada. Essa análise incide, especialmente, sobre a realidade de Teresina, quando questões são impostas aos novos ritmos fugazes da juventude e que envolvida na trama dos desejos das sociedades capitalistas, tornou-se reflexo diante desses cenários, absorvidos por seus signos e símbolos, suas subjetividades e suas desterritorializações. Em meio a esse debate, os impactos e a complexidade dessa relação são postas por Queiroz:

É necessário argumentar que a juventude da segunda metade do século XX, nos quais ainda, em parte nos pautamos, guardavam

²²⁸ QUEIROZ, 2003, p. 225.

profunda relação com a consolidação de economias emergentes e promissoras, com um Estado que se prometia do bem-estar social e ainda com as possibilidades, vistas como limitadas de expansão do emprego e do consumo em economias prósperas e relativamente livres.²²⁹

Nesse sentido, as relações que se constituíam entre homens e mulheres, no recorte em estudo, consistiram na efetiva consolidação do rompimento de padrões que legitimavam a vivência das mulheres atreladas somente aos ideais de matrimônio. Logo na virada da década, mudanças importantes na Legislação brasileira abriram espaços para as irreverências presentes nas atitudes das mulheres, de assumirem-se com uma postura mais firme dos gostos e das escolhas dos rapazes, em relação aos seus anseios e projetos de vida. A existência de um sentimento de liberdade nesses indivíduos definia-se legitimado por um discurso circulante na mídia. Porém, vale lembrar, a família ainda permanecia ligada à construção de antigos valores familiares em relação às uniões das garotas de família. As garotas de classe média em Teresina, ainda na fase escolar, assumiam posturas ditas irreverentes e certas atitudes mais ousadas para a época, diante dos costumes tradicionais que ainda marcavam a sociedade piauiense.

Por toda a década de 1980, as informações, por meio dos canais da imprensa jornalística e televisivo, multiplicaram-se acerca do tema liberdade dos sujeitos ditos femininos. É consenso que algumas revistas nacionais foram criadas, anteriormente, com esse intuito, desde os anos 1960, de provocar a construção de um ideal de mulher mais livre para a orientação de uma nova mentalidade e emancipação política feminina. Contudo, não constitui esse o viés desse estudo, porém, ousar falar de mulheres na década de 1980 remete a um discurso dito feminista, em torno da ideia de emancipação das mulheres. Porém, me interessa revelar e filtrar, nesse sentido, o panorama que instituiu uma imagem autônoma de mulheres em Teresina, buscando situá-las na superfície dos discursos de uma sociedade. A leituras dessas revistas buscavam inserir suas leitoras na adequação rápida dos tempos de consumo e da ideia de um feminismo, na mesma rítmica pregavam os anseios de uma nova era. A definição impressa permite entender que a lógica do discurso se opera inserida nas relações de poder, por conta disso, em formato simbólico, faz uso da linguagem para manipular, dominar, seduzir:

²²⁹ QUEIROZ, 2006, p. 271.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.²³⁰

As depoentes em estudo apontaram vasta leitura em suas etapas juvenis. No início da juventude, revelaram que essas revistas atuaram também em suas formas de pensar a conduta, porém, quase todas afirmaram em seus relatos que, logo aos 17, 18 anos, com a chegada de uma fase mais adulta, na universidade, a leitura de constituição de sujeito se reconfigurou, como afirma Conceição de Maria Nogueira Rodrigues:

Eu lia também jornais, locais, porque meu pai era assinante, eu aproveitava e lia... E lia também revistas femininas, né? Que na época tava no auge, *Capricho*, *Carícia*, revistas astrológicas, *Júlia*, revistas que continha contos românticos, aquela coisa que toda adolescente gosta, né? Essas revistas, tipo, *Capricho*, *Carícia*, *Contigo*, *Júlia*, elas eram voltadas pra o público feminino, claro, falavam um pouco de tudo, moda, de comportamento, astrologia e influenciavam bastante as jovens [...] E depois, depois quando a gente entra pra universidade, as coisas mudam um pouco, o universo se abre, né? E aí, as amizades também mudam, e aí, a gente começa a frequentar outros lugares, a gente fica um pouco mais independente.²³¹

As matérias estrategicamente criadas nas publicações que circulavam em âmbito nacional, nos anos 1980, a exemplo das revistas *Nova*, *Capricho*, que consistiam em publicações que tratavam acerca de temas como o amor, a juventude, a liberdade, o divórcio e o casamento, voltadas para o universo das mulheres. Porém, nessas publicações, as mulheres aparecem atreladas a um perfil único de mulher, correspondendo ao aprisionamento de um sujeito mulher. No entanto, percebe-se nessa análise que as revistas constituíam uma das vias da produção de sentidos do discurso circulante acerca de um arquétipo independente de mulheres. Esse discurso afetou uma parcela de mulheres que ousavam criar estilos e “territórios independentes”. Enquanto indivíduos, incorporavam um comportamento, por meio de

²³⁰ FOUCAULT, 2004, p. 10-11.

²³¹ RODRIGUES, 2015.

práticas mais irreverentes, em confronto aos modelos tradicionais de mulheres. No cenário de Teresina, emergiu o modelo de sujeito independente, que parecia criar asas ao estabelecer novos parâmetros para o alcance de sonhos e desejos, na era marcada pela pós-modernidade.

A lógica do discurso do mercado e da imprensa, que se intitulou “feminina” delimitou espaços entre o público juvenil em Teresina, engessando as mulheres em papéis estáticos e singulares, moldados no substantivo “mulher”, onde seus corpos e suas subjetividades não emergiam. Esse discurso é apresentado por Luca no artigo “Mulher em revista”:

Especialmente a partir das três últimas décadas do século XX, a Lógica do mercado passou a encarar as mulheres como sujeitos segmentados e plurais, que compõem parcelas crescentes da força do trabalho, desenham horizontes outros que não necessariamente o casamento e a maternidade e cultivam novos hábitos de consumo. Os avanços do movimento feminista, a maior participação das mulheres no espaço público, o reconhecimento e o exercício de um rol ampliado de direitos e o impacto, não menos importante, de métodos contraceptivos contribuíram para alterar padrões socioculturais vigentes, em relação aos quais o mundo dos impressos periódicos não permaneceu alheio.²³²

As mudanças nos comportamentos ditos femininos estão atreladas às conquistas políticas que surgiram com as manifestações das mulheres nas décadas anteriores, bem como às mudanças no modelo da constituição da família moderna. No início da década de 1980, as mulheres, ao buscarem sua individuação, passaram a desejar a independência da família e, devido à rotina de estudos e trabalhos, adiaram o plano de maternidade, afetando à época, os rituais de família e conjugalidades.

A partir desse parâmetro, as subjetividades dos sujeitos são expressas e demarcadas por outros comportamentos, entre eles, a rejeição aos preconceitos atribuídos à raça, à cor, ao estilo. A depoente Conceição de Maria Nogueira Rodrigues explica as dificuldades atravessadas em sua trajetória, para o reconhecimento da sua forma de percepção do amor e da liberdade, por meio da família, os entraves encontrados e sua condição de escolha, enquanto indivíduo independente:

²³² LUCA, Tania Regina. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 458.

Os meus pais eram contra o meu namoro... Durante os 4 anos de namoro foram tempos difíceis, porque meu pai perseguia a gente, literalmente, ele não queria de jeito nenhum, por conta, ainda, do preconceito com relação à cor, ele é da raça negra... E isso, na época, era uma coisa muito forte, né? A minha família tinha opiniões conservadoras... Não digo todos, mas os mais velhos eram racistas e isso foi duro de enfrentar.²³³

A atitude de transgressão às normas familiares conferiu ao sujeito sua condição de desterritorialização, ao tempo em que o desejo de efetivação amorosa e os sinais de presença do outro estava além dos modelos impostos pelos pais. As subjetividades e singularidades impressas ao sujeito acionam os desejos das memórias construídas acerca do matrimônio e das conquistas dos primeiros territórios, como indivíduos. Acerca do desejo, três linhas abstratas são sugeridas por Rolnik para os entendimentos dos destinos e das trajetórias de vida. As linhas da vida, expressas por Deleuze. A primeira delas remete à linha do afeto:

A primeira linha, linha dos afetos, é, como pudemos nos dar conta, invisível e inconsciente. Ela faz um traçado contínuo e ilimitado, que emerge da atração e repulsa dos corpos, em seu poder de afetar e serem afetados. Mais do que linha, ela é um refluxo que nasce 'entre' os corpos [...] É que, enquanto, se está vivo, não se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros corpos. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território, que até então não nos reconhecíamos.²³⁴

A desterritorialização é refletida na percepção da postura capturada no relato da depoente Conceição de Maria Nogueira Rodrigues, quando revela os deslocamentos provocados por suas subjetividades e desejos, enquanto, indivíduo.

Quando eu me casei... É... Eu continuei meu estudos, né? Porque tive meu diploma de graduação no primeiro ano de casamento, mas, depois, veio mais um curso de graduação, que foi o curso de Letras e depois, a pós-graduação, tudo isso, ao mesmo tempo em que eu tive meus filhos, né? Eu tive três filhos...²³⁵

²³³ RODRIGUES, 2015.

²³⁴ ROLNIK, 2014, p. 49.

²³⁵ RODRIGUES, 2015.

O casamento, como elemento alternativo aos desejos, não significou um fator de impedimento à materialização dos indivíduos. Ao contrário, ao constituírem suas famílias, as depoentes passaram a uma outra etapa de valorização de suas identidades, enquanto sujeitos. Nos relatos de Conceição de Maria Nogueira Rodrigues e de Reia Silvia Rios Magalhães, esse elemento é observado como uma passagem da construção de suas individualizações.

Então, no último ano, eu tranquei o curso pra casar, casei e fomos embora pra BH, tive filhos. [...] Então, depois de 6 anos trancado, passei 10 anos no curso de Serviço Social. Mais tarde, no ano que terminei a graduação, meu marido passou no Doutorado, em SP, só que eu já estava com graduação e eu, na época, resolvi concorrer pra um mestrado, e passei na primeira vez, na PUC de SP.²³⁶

As experiências vividas e narradas pelos sujeitos desvendam as novas formas de se vivenciar o amor, a partilha, a conjugalidade. As esperanças são renovadas na vida em conjunto, dentro e fora do lar e, assim, o universo das mulheres se ampliaram numa produção de sentidos, bem como, tornou-se facultativo incorporar os projetos de vivências individuais ao ritmo da vida doméstica e do casamento.

É por esse caminho que proponho desvendar o universo das relações conjugais, nos anos 1980. A partir das experiências individuais de mulheres, compreender os agenciamentos criados para a consolidação dos processos de autonomia e individualização, igualmente perceber a importância dada às novas práticas nos casamentos e namoros. Desse modo, as mulheres se observam como plurais, com projetos amplos em suas vivências e autênticas na construção de suas historicidades. Importa compreender como os modelos de mulheres independentes percebem o casamento, o amor e a sexualidade, ao tempo em que, entre os desejos e as condições propostas para essa atuação do sujeito, há o confronto; e por fim, compreender o universo que se imprimiu à imagem das mulheres independentes.

5.1 Os territórios do afeto: as configurações do matrimônio na era pós-moderna

Na era da pós-modernidade, o conceito de cultura se fragmentou. As relações de afeto apresentam-se, de certo modo, frágeis. Com rapidez, o amor e a felicidade

²³⁶ MAGALHÃES, 2015a.

tornaram-se, igualmente, relativizados. A configuração da sociedade pós-moderna no Ocidente pôs em xeque os novos e antigos valores acerca da felicidade. Nesse sentido, as relações de afeto, evidentemente, são bastante complexas, porém, necessárias para esse estudo. Assim, para tal entendimento, compreende-se com Comte-Sponville que é preciso partirmos do desejo. Esse caminho, anteriormente sugerido por Platão sobre as indefinições acerca do afeto, remete pensarmos o que é o amor. Para o autor, esta resposta define-se em Sócrates, quando asseverou que “o amor é desejo e o desejo é falta” e, reforçado em Platão: “O que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor”. Para Comte-Sponville, esses valores alcançaram os tempos de pós-modernidade.²³⁷

Nessa discussão, o amor, enquanto afeto, foi articulado ao ideal do novo tempo. Nesse sentido, criaram-se valores para a união, a possibilidade da felicidade humana associou-se a uma relação que se resume em amizade, afeição e, ao mesmo tempo, são atribuídas a estes o ideal de reprodução, constituindo o conceito de família moderna.

Na era pós-moderna, a desconstrução dos valores, desmontou nesse imaginário, o ideal de amor romântico que consolidava o matrimônio. Nesse sentido, há, nessa época, o descuido com o amor afetivo, doce, compartilhado, que representa a eterna busca do outro. A atenção do outro se transforma em necessidade do corpo e da mente, onde se revelam um extremo cuidado com o próprio eu, com o temor à possibilidade do sofrimento e da dor, que as rupturas podem provocar até mesmo o receio da solidão. Assim, a solidão é um desafio para os indivíduos, que a associam ao desequilíbrio, ao caos do tempo capitalista. Porém, ela está presente nas múltiplas relações. Por esse entendimento, parti para a análise das relações afetivas nos anos 1980, busco, ainda, analisar os sentimentos, as rupturas e os desejos atravessados na juventude que emergiu na sociedade de Teresina, dos anos 1980. A intenção que se revela, ousa capturar nos relatos das depoentes, em estudo, as sensibilidades, singularidades e subjetividades palpáveis nos comportamentos e nos jogos de sedução na arte da conquista e na constituição de um matrimônio aos moldes pós-modernos.

²³⁷ COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 12. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/10/A-Felicidade-Desesperadamente.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2016.

Com relação às experiências narradas pelas depoentes em estudo, todas constituíram matrimônio. Os motivos foram os mesmos que imprimiram à ideia de constituição de uma família moderna. No entanto, os desejos marcavam uma transição, por conta de ser uma ação comum a esse modelo de mulheres, casarem e suspenderem os estudos ou retardarem sua trajetória acadêmica, em detrimento ao ideal do matrimônio e à constituição da conjugalidade. No depoimento de Reia Rios é perceptível a ruptura na trajetória de suas expectativas, enquanto sujeito independente, contudo, a depoente demarcou certa frustração na escolha pela ruptura de sua trajetória acadêmica, bem como quebra nos seus planos de carreira, em detrimento do casamento:

Então, no último ano, eu tranquei o curso pra casar, casei e fomos embora pra BH, tive filhos. [...] depois de 6 anos com o curso trancado, voltei e passei 10 anos no curso de Serviço Social. Mais tarde, no ano que terminei, quando conclui a graduação, meu marido passou no Doutorado, em SP, só que eu já estava com graduação e eu, na época, resolvi concorrer pra um mestrado, e passei, pela primeira vez, na PUC de SP. E consegui com muito sucesso, apesar de ter tido minha filha, nesse período. Eu consegui, apesar de todas as circunstâncias que pesavam contra, filhos e tal.²³⁸

A experiência desvenda as descontinuidades e as subjetividades que afetaram a depoente, enquanto sujeito independente. Percebe-se que a falta de uma adaptação à sua condição estática de indivíduo no casamento atribuiu a esse indivíduo atitudes de deslocamentos mais exigentes, ao procurar retomar os estudos e um curso de mestrado, mesmo fora do seu lugar de origem, com a maternidade e o cuidado com os filhos. A depoente considerou um avanço na época, em sua carreira, encarar um curso de mestrado e um casamento ao mesmo tempo.

Um outro modelo de desterritorialização do sujeito independente é percebido no relato de Edilene Facundes. A percepção do casamento nos grupos sociais, a condição imposta ao matrimônio e à vida a dois, sobretudo, a partilha dos interesses, fixaram os parâmetros identitários do sujeito:

Pelo menos, no meu grupo de amizade, a gente casava, mas, a gente procurava trabalhar, né? Pra não ficar naquela dependência do marido. Então, eu sempre dizia isso: 'eu só caso, quando eu tiver um emprego, eu só caso, quando eu tiver um emprego'. Então, meu

²³⁸ MAGALHÃES, 2015a.

marido era muito jovem também, mas a gente trabalhava os dois juntos, inclusive, na Caixa. Era muito assim, é claro, que eu não vou dizer pra ti, que muita coisa que eu dizia, que não ia aceitar no casamento, você termina aceitando, porque se você for ficar de um lado e o cara de outro, o casamento não dura um ano e o meu durou 14 anos, o primeiro. O que eu acho interessante nessa mulher que surgiu nesse período. É porque a minha mãe, por exemplo, que hoje tem 80 anos, ela... Ela jamais tomaria a iniciativa de uma separação, né?²³⁹

Scott discute o termo a “reinvenção da mulher” nos anos 1980 e faz uso com aspas quando aborda a discussão acerca da igualdade no casamento nesse decênio. A autora toma por alicerce as mudanças que ocorreram no Brasil, a partir das décadas de 1960 e 1970 que, segundo ela, colocou em xeque valores e ideais referentes às situações das mulheres e argumenta o cenário que tornou propícia a emergência de novos olhares e análises acerca das mulheres na década de 1980:

Um conjunto de mudanças ocorridas no Brasil a partir das décadas de 1960-1970 permitiu às mulheres colocar em causa estes valores e ideais: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional; o maior acesso à educação formal, a conquista feminina do poder de decidir se e quando ser mãe (com a disponibilização dos métodos contraceptivos mais eficientes); a instituição do divórcio (por lei em dezembro de 1977) e a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivos socialmente reconhecidos. Diante de tantas transformações relevantes, houve quem localizasse no início da década de 1980, o fenômeno da ‘reinvenção da mulher’ e, conseqüentemente, de seus papéis na família e na sociedade.²⁴⁰

No relato da depoente Rita Magalhães, um modelo de sujeito que articulou os parâmetros de subjetividades e individuação ao equipará-los, com a mudança marcada na família. Esse fator constituiu um novo elemento de incentivo aos deslocamentos do indivíduo, em seus processos de individuação. O sonho do casamento, assim, se nivelou com a conquista da carreira e em consenso com os exemplos da expectativa familiar.

Sim, eu não sei se era porque naquele tempo, a gente era criada e preparada na família pra isso, a concepção do meu pai era primeiro se formar e depois casar. Ele não deixava a gente trabalhar, enquanto estudava até entrar na faculdade, pra não dizer que não se formou

²³⁹ FACUNDES, 2015.

²⁴⁰ SCOTT, 2013, p. 24.

porque não teve tempo, então, ele não deixava trabalhar. E a gente tinha que estudar pra entrar na faculdade. E também a gente era preparada pra casar um dia... E eu sempre, realmente, sonhei com isso aí, casar, ter filhos, constituir uma família. E, coincidentemente, o meu casamento foi junto com a minha formatura. Era eu indo pra colação de grau e no dia seguinte, casando, foi tudo assim, eu casei e me formei, ao mesmo tempo e casei com meu primeiro namorado, namoramos seis anos, né?²⁴¹

A depoente, em seu relato, evidencia as subjetividades e a dualidade no comportamento do sujeito, a transição que se operou para a conquista dos novos territórios e a resistência dos costumes considerados antigos para a época. A formação familiar aliada ao casamento representaram dois fatores significantes para os processos de individuação das mulheres independentes, àquela época. Na tentativa de uma captura das subjetividades das depoentes, observo a constituição emergente desse sujeito. O depoimento de Conceição de Maria Nogueira Rodrigues, revela esse dúbio desejo nessa constituição:

Quando eu comecei a estudar na universidade, eu era solteira, logo em seguida, eu conheci uma pessoa, que também era universitário e a gente começou a namorar, namoramos 4 anos. E a gente casou antes que eu terminasse meu curso. Eu terminei o curso no mesmo ano que eu casei, só que foi no final do ano. Casei em janeiro, terminei em outubro e continuei meus estudos após o casamento.²⁴²

A experiência de Virna Teive demonstra a necessidade de autonomia financeira e marcou sua trajetória. Percebe-se que a desterritorialização das mulheres afetava a figura masculina, que ainda resistia a esse modelo de mulher mais autônomo:

Era muito ativa, já trabalhava e fiquei noiva, trabalhava correndo muito e fazendo faculdade. E aí, comecei a namorar um rapaz, mais velho que eu, já formado, empresário e, ele, muito apressado, logo me pediu pra casar. Só que um belo dia, ele falou: Bom, quando a gente casar, você vai parar de trabalhar, né? Eu disse: não! De forma nenhuma! Eu não quero parar de trabalhar. Ele: Mas, você vai ser professora, não vai ser grande coisa. Eu: mas, se esse salário der pra comprar um batom, esse batom vai ser comprado com o meu dinheiro. Então, eu faço questão de ter meu dinheiro. Então, eu me posicionei muito independente, na minha vida profissional, eu sempre trabalhei...²⁴³

²⁴¹ MAGALHÃES, 2015b.

²⁴² RODRIGUES, 2015.

²⁴³ TEIVE, 2015.

Em todos os relatos transparecem nas falas das mulheres a instituição do desejo de ousadia e rompimento com um modelo de sujeito estático. As mesmas, ao sonharem exercer os movimentos de busca desses sonhos e estudarem, criam deslocamentos em seus agenciamentos, constituindo o modelo de sujeito que emergiu nesse momento. Ao longo dessa década, o advento da lei do Divórcio, criada em 1977 no país, para dar às mulheres importantes condições de liberdade em sociedade, as relações concretas que asseguravam suas vivências aos moldes do Estado, constituiu um elemento novo que incentivou uma importância singular de liberdade nesses sujeitos, na década que iniciava.

5.2 Os sujeitos independentes e a Lei do Divórcio

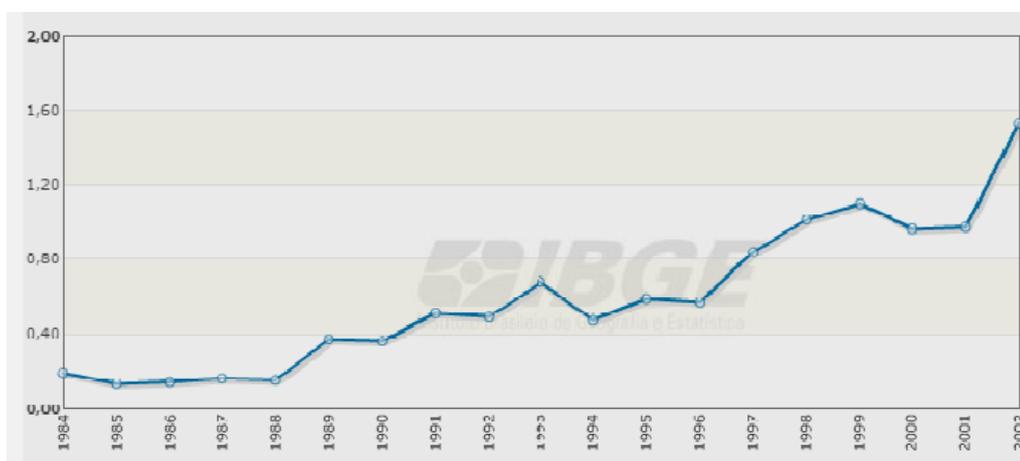
Entre as mudanças impactantes para nova década, a Lei do Divórcio, promulgada em 1977, estabeleceu uma outra realidade para as vivências das mulheres casadas, que desejavam uma vida mais livre da condição expressa no casamento. A lei modificou a forma de conceber e constituir o casamento nessa década. As mulheres, assim, não mais precisariam conviver, obrigatoriamente, num relacionamento desgastado, exercendo a liberdade para assumir sua própria cidadania. A Lei do Divórcio é considerada um divisor de águas, para a mudança no comportamento das mulheres no final do século XX. Scott, em seu artigo *O caleidoscópio dos arranjos familiares*, aborda as alterações ocorridas na família, assegura que as mudanças anteriores, promulgadas, ainda, nos anos 1970, foram decisivas para, na década seguinte, a família estivesse mais complacente com os estilos de vida das mulheres. Scott acentua que essas mudanças afetaram de forma significativa a concepção do casamento. Sob essa ótica:

Além dessas mudanças em relação à prole e ao poder decisório da mulher com relação ao corpo, assistimos nas últimas décadas a alterações importantes também em relação ao casamento legalizado (assentados nos cartórios de registro civil) a partir da década de 1980, assim como um declínio das uniões realizadas apenas no religioso. Isso, contudo, não quer dizer necessariamente que as pessoas estejam 'se casando menos'. O fato é que um número cada vez mais significativo de homens e mulheres passa a viver como um casal, optando, contudo, por ter uniões informais e sem vínculo legal. Ocorre

ainda um aumento nas separações e nos divórcios. Portanto, as uniões acontecem, mas, no geral duram menos.²⁴⁴

Durante a década de 1980, o número de mulheres em Teresina apontava as estatísticas de separação. Esse dado implicou na atuação das mulheres como sujeitos livres, autônomos e mais envolvidos com os projetos de vida pessoais, entre esses o ideal de construção da felicidade. Os dados levantados pela pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicou num gráfico o número crescente de mulheres divorciadas em todo o Estado e por toda a década:

Gráfico 2 – Número de mulheres divorciadas no estado do Piauí



Fonte: IBGE, Estatísticas do Registro Civil 1984-2002.

Edilene Facundes rememora a exigência de sua iniciativa de separação. Ao tempo em que define a complexidade da escolha em constituir-se, à época, uma mulher independente:

E no meu caso, fui eu quem tomei a iniciativa da separação, não porque, tipo assim, não era o casamento que eu queria, entendeu? Eu passei 15 anos casada, mas, ele era uma pessoa legal, mas, assim, não era o companheiro que eu queria pro meu casamento. Ele não era... Não gostava de cuidar dos filhos, sair com os filhos, o negócio dele era muita boêmia, sabe aquele cara que nunca amadureceu? Então, eu era quem cuidava dessa parte, além de trabalhar 8 horas, eu ainda cuidava dos meus filhos e levava pra passear, porque ele ia muito pouco... Então, assim, eu tive coragem de romper com esse casamento, entendeu? Muita gente me criticou na época, não foi porque ele me traiu, não foi porque eu o trai, mas, porque não dava mais... Eu pensava: meu Deus, eu queria ter a sensação de ser feliz.

²⁴⁴ SCOTT, 2013, p. 128.

Eu não tinha, entendeu? É claro que, é uma coisa difícil romper, foi muito difícil! Ele foi pra psicóloga, eu fui pra psicóloga. Foi assim...²⁴⁵

O choque da condição exigida pelo divórcio significou para algumas depoentes, uma estranha passagem para uma vida, supostamente, mais livre. Porém, as mulheres que ousavam separar-se, assumiriam por essa condição a própria vida e a responsabilidade de arcar com o futuro dos filhos, embora, o pai, de acordo com a Legislação, fosse obrigado a contribuir, nessa condição de separação. Porém, esse modelo de mulheres terminava por assumir a casa e os filhos. Esses entraves não mais as assustavam, mas, sim atraía para uma realidade mais autêntica de liberdade e cidadania. O desequilíbrio do afeto e o rompimento da constituição familiar significaram a fragilidade da transição da conjugalidade. Como narrou Sônia Terra:

Eu acho que nenhum de nós, não pensa nessa questão, em não constituir família. São pouquíssimas, eu acho, as pessoas que não pensam construir uma família. Não pensam em família tradicional, mas, pensam em ter alguém. Né? Então, eu quis isso, na verdade, eu tive dois momentos dolorosos na minha vida. O primeiro foi quando eu estava no meu noivado já, que eu descobri que não podia ter filhos e isso foi um momento muito doloroso na minha vida, e o outro foi quando você separa, porque quando você casa, você tá fazendo um projeto de vida, de continuidade, de construção.²⁴⁶

Sobre o desejo das mulheres, ainda, pela felicidade constituída no matrimônio, é importante enfatizar a concepção de felicidade e a ideia do desejo como ausência do que não se alcançou, apresentada por Comte-Sponville, quando afirma: “Mas é que, assim que um desejo é satisfeito, já não há falta, logo já não há desejo. Assim que um desejo é satisfeito, ele se abole como desejo [...] E, longe de ter o que desejamos, temos então o que desejávamos e já não desejamos”.²⁴⁷ Nesse sentido, observa-se que nessa década, a busca pela realização dos desejos estava continuamente presente nos ideais femininos. Nesse sentido, o tema das separações surge nos jornais de forma crítica, como um problema social a ser superado. Na crônica do jornal *Estado*, publicada em 4 de julho de 1984, eram apontadas como justificativas a emancipação feminina, a infidelidade constante masculina, o desplanejamento familiar, o machismo e o movimento feminista. O texto do cronista

²⁴⁵ FACUNDES, 2015.

²⁴⁶ TERRA, 2015.

²⁴⁷ COMTE-SPONVILLE, 2010, p. 13.

Carlos Alberto Lima aborda o problema da crise matrimonial, para a sociedade de Teresina:

Casar é fácil... Viver, porém, é difícil! Certo? Ou casar é difícil... Viver é mais fácil do que algumas pessoas pensam. O que acontece nos relacionamentos intra e extra-lar de casais do nosso moderno e agitado cotidiano? [...] Todo dia milhares de casamentos são realizados: de outro lado, separações mil são acontecidas... Sabe-se dos casamentos: obscuras são as separações... Sabe-se por que casaram-se; inexitem os rumores e pouco se sabe dos motivos, por que se separaram-se. [...] Na relação dos fatores que originam as causas matrimoniais e que são considerados, tem-se por nota: A emancipação da mulher; A infidelidade constante do homem; O desplanejamento familiar; O machismo e o Movimento Feminista. Homens e Mulheres na busca de seus direitos... (e os deveres?) Na eterna procura da felicidade num sistema de forças que força-os a serem ligeiramente livres... E na complexa crise da comunicação do matrimônio, até mesmo em suas vidas particulares. [...] Deus ilumine os novos casais e faça com que os amantes velhos ajustem-se, para um melhor conceito do matrimônio e para suas felicidades! É conflitante o mundo dos amantes; Quem mais acerta? E o mais errante? Diacho! Amem-se verdadeiramente por um instante! A separação é dilacerante! Nada resolve... Tudo dissolve.²⁴⁸

É perceptível que a possibilidade de liberdade trazida pela Lei do Divórcio consistiu num novo caminho que se abriria às mulheres que sentiam a insatisfação com o andamento de suas vivências. De certo modo, a separação conjugal apontava um caminho propício às outras formas de realizações, a exemplo da busca pelo investimento na realização profissional, os sonhos de felicidade e a garantia de autonomia da própria vida.

Para algumas depoentes, ao tempo em que a carreira representou lugar de abertura de novas experiências e realizações de projetos pessoais, o casamento e a maternidade configuraram-se como desafios para as mulheres que desejavam a conquista de suas individuações e a manutenção dos laços afetivos. A chegada dos filhos, o apoio do cônjuge e a prioridade pela carreira foram elementos marcantes e desafiadores para o alcance das expectativas de suas trajetórias.

Nesse sentido, evidenciava-se um novo modelo de sujeito feminino, independente, que emergiu em Teresina na travessia dos anos 1980, como reflexo das mudanças tecnológicas e econômicas ajustadas pela década nascente, fenômeno impulsionado pelas conquistas efetivas das duas últimas décadas no país, que

²⁴⁸ LIMA, Carlos Alberto. A crise matrimonial. *Estado*, p. 3, 4 jul. 1984.

imprimiram um ritmo mais veloz nas atividades usuais das mulheres, nos desejos e nas conquistas, que passaram a compor os projetos de vida das jovens que moravam em Teresina e ambicionavam construir um futuro promissor, ainda que concomitante ao planos de casamento.

Por fim, esse estudo propôs, ao desvendar as trajetórias de sete (7) mulheres, iluminar no cenário da década de 1980, em Teresina, a leitura de suas singularidades, subjetividades e desterritorializações que constituíram importantes marcadores das performances dos sujeitos independentes, atravessados por uma diversidade de discursos. O olhar, sobretudo, se voltou em direção à constituição de suas individuações, enquanto sujeitos históricos. Nesse sentido, a história das mulheres vem iluminar o caminho, a rota de investigação que revelou as identidades criadas sob o cenário da pós-modernidade em Teresina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre uma ousadia instigante analisar os indivíduos mulheres. Isto se justifica por conta da enorme complexidade que nos apresentam as historicidades que definem essas trajetórias. Ao longo das décadas, no traçar da escritura histórica emergem, assim, universos descritos femininos e múltiplos que significam distintas experiências dos indivíduos mulheres. São vetores que constituíram um caminho complexo e emergente na historiografia, devido à variedade de objetos que se cruzam e se apresentam à pesquisa histórica.

Ao adentrar a discussão acerca dos estudos de gênero, especificamente, no campo da história das mulheres, conhecer as vivências de mulheres independentes em Teresina, consistiu o entendimento do amplo universo dos sujeitos, enquanto indivíduos que constituíram e modificaram valores, normas, costumes, crenças e, desse modo, apresentaram novos caminhos à historiografia sobre como se constituíram sujeitos independentes na sociedade de Teresina nos anos 1980.

Atualmente, é certo afirmar que a diversidade dos estudos culturais, com ampla aceitação da linha que insere o pós-modernismo, enriqueceram e multiplicaram os temas acerca das trajetórias e ritmos das mulheres, do corpo, da educação, do trabalho, entre outros nas últimas décadas. Contudo, mesmo com o leque de propostas apresentadas em forma de objetos de estudo acerca do tema mulheres na historiografia, ainda permanecem lacunas na pesquisa histórica sobre o tema. A condição de sujeitos independentes revelou e ampliou os universos que se abriam aos modelos de mulheres dos anos 1980, seus ideais de liberdades, suas incompletudes, deslocamentos e desterritorializações que penetraram os ritmos das complexas trajetórias desses indivíduos, enquanto, sujeitos históricos.

A cidade de Teresina nos anos 1980 vivenciou a emergência desses sujeitos, ditos femininos, com posturas e suas micropolíticas mais livres e suas macropolíticas. Ao mesmo tempo o cenário urbano se modificava com rapidez. A nova década imprimiu um cenário de mutações, que foi atravessada pela transição de um regime de Ditadura militar e, concomitantemente, pela crença no ideal de um possível “novo tempo”, definido pelo projeto de redemocratização. A lógica urbana se materializou nos lugares que surgiram na cidade, com as velozes e fugazes transformações do fenômeno globalização, que invadia a atmosfera de Teresina, nas décadas finais do

século XX. O novo desenho urbano que configurava os espaços geográficos, em sua forma, consistiu numa materialização esperançosa da cidade e, ao mesmo tempo, reveladora de signos e significados de uma nova “era”. As mudanças que foram impactantes aos sujeitos independentes, às famílias, às relações conjugais, assim como à cidade. Mutações que provocaram deslocamentos de corpos e produções de sentidos. O cenário que se apresentou seduziu a juventude da cidade, que também representou um *imã*, quando atraía e acolhia uma juventude plena de sonhos, oriunda do interior do Piauí e Maranhão. Nesse sentido, essa era a urbe que se definia atravessada por sensibilidades ditas modernas e fugazes, que transpareceu ao saudoso cronista A. Tito Filho, em suas crônicas no jornal *O Dia*, as imagens plurais de várias mulheres, num novo espetáculo de mutações.

Foi sob esse cenário de turbulências políticas que emergiu um novo formato de sujeito independente em Teresina. Nesse sentido, para a compreensão das formas de constituição dos processos de agenciamentos e individuação desses sujeitos, investiguei as dimensões e concepções acerca do matrimônio, do afeto e da juventude constituída por mulheres que, entre os 18 e 25 anos da juventude, que criaram estilos e adaptações contrários aos padrões criados como uma suposta naturalização social. Assim, metodologicamente, esse estudo seguiu pelos rumos da oralidade, por meio da entrevista com sete (7) sujeitos que, à época, vivenciavam suas experiências juvenis em Teresina. Porém, recorrendo às fontes documentais, com atenção aos olhares críticos das crônicas de Arimatéia Tito Filho, no jornal *O Dia* e consultando as imagens criadas nos artigos do jornal *Estado* da década de 1980. Concluiu-se, nesse sentido, que a excentricidade de tais experiências modificou os ritmos individuais, constituído por sonhos, experiências, singularidades e subjetividades de uma parcela da juventude dita feminina em Teresina, que era provocada por imagens e discursos televisivos e impressos nos canais de comunicação. Em sintonia à essas mutações, a cidade de Teresina pareceu se permutar com esses sujeitos, para recebê-los.

Percebeu-se na investigação que essas mutações ocorridas no centro do indivíduo são agenciamentos e expressões de constituição de mulheres. Sob os discursos veiculados e materializados na moda, nas revistas, nos jornais e na TV. As garotas, ao iniciarem a juventude, lançaram-se ao novo e buscaram, com suas experiências nessa década, marcar em primeiro lugar os sonhos de carreira, para posteriormente repensarem as condições matrimoniais. Observou-se ainda que as atitudes irreverentes das mulheres aos padrões familiares foram caminhos de

conquistas que consolidaram os sonhos de carreira, profissionalização e afetos. Os espaços abertos à profissão, aos estudos, às sociabilidades e às relações afetivas, representaram paisagens de não-lugares que diretamente afetaram e modificaram as relações de conjugalidades e família nessa década, em Teresina.

São evidentes, portanto, as mudanças nos padrões familiares, alterando o estatuto da família. Nesse sentido, a década impactou com a chamada crise da família moderna, quando os valores tradicionais são modificados com novos ritos, experiências e costumes das mulheres, de certo modo, costumes esses, aceitos com tolerâncias por certas famílias em Teresina. As mulheres livremente passaram a ocupar outros e novos espaços, como bares, restaurantes, universidades, *boîtes* e já não eram tão dependentes da família para as diversões noturnas. As mudanças, que eram atuantes no processo de individuação dita feminina provocaram a materialização desses indivíduos como sujeitos históricos de um possível “novo tempo”. A reinvenção do sujeito independente, à época, apresentou singulares façanhas femininas de liberdades, não somente, a liberdade de emergir na cena urbana, mas, essencialmente, a busca incansável dos ideais de sonhos, carreira e matrimônio.

Os discursos propagados nos canais de informação, nos jornais *O Dia*, *Estado*, nas revistas da Fundação Cepro e da Academia Piauiense de Letras, assim como nas novelas e programas de TV, demonstraram uma provocação ao oferecer parâmetros culturais que favorecessem a ruptura com uma mentalidade tradicional e patriarcal no que se refere ao indivíduo feminino. Tais práticas, ainda fortemente marcadas por valores morais católicos, mantinham-se aliadas ao surgimento de outras práticas ditas femininas e sociais de determinado modelo de mulheres. Esse modelo apresentou-se mais consciente politicamente, mais ousado, mais explícito em sociedade. Os sujeitos independentes, nesse sentido, abraçaram as possibilidades e sensibilidades que a década trazia e ousaram criar novos formatos de sonhos, iniciativas e experiências de independências em Teresina.

Observou-se que o impulso da intensa urbanização nos anos 1970 permitiu mudanças que provocaram um maior envolvimento das mulheres com os estudos, pesquisas, temas sociais e a visibilidade em diversos lugares públicos como universidades, igrejas, que abriram espaços para presenças femininas nas manifestações sociais. O número de mulheres consideravelmente emergiu nas universidades e nos empregos formais. Nos espaços públicos houve o surgimento de signos urbanos modernos, com a construção de novos espaços, a exemplos do Bar

Nós e Elis, O Ginásio Verdão, os espaços da UFPI e do Diretório Central do Estudantes (DCE), restaurantes, salas de cinemas e o Theatro 4 de Setembro, que acompanharam a configuração moderna dos cenários urbanos do país. Claro está que esse episódio definiu modificações no mundo doméstico e familiar e, em consequência, nas vivências dos sujeitos mulheres em Teresina. Esse constituiu o reflexo do complexo panorama político da década que surgia no país, com o evento das “Diretas Já” e da redemocratização brasileira. Esse modelo de mulheres, nesse sentido, foi afetado por esse cenário de mutações e se perceberam efetivamente, como sujeitos históricos, sobretudo, as que viviam nas capitais urbanas, onde era possível, mais rapidamente, o acesso às informações pelos canais de jornais e da TV.

Portanto, esse estudo observou que esses vetores redefiniram as identidades ditas femininas, desdobrando-as noutros modelos e performances, modificando as práticas familiares e as conjugalidades. Nesse sentido, outros signos e símbolos foram definidos nesse novo cenário de Teresina, afetando a educação, arte, a cultura, a política e a urbe, com a abertura de novas oportunidades de empregos, estudos e de entretenimento, bem como espaços de cidadania às mulheres jovens, que ousaram sonhar e concretizar seus ideais de independência financeira, profissional e familiar. Por fim, esse estudo, se distancia um pouco do conflito, das tramas políticas entre homens e mulheres, mas se direciona, efetivamente, para o entendimento do universo das mulheres, enquanto seres individuais que ousaram multiplicar seus ritmos, construir os desejos, concretizar sonhos, enquanto sujeitos independentes no complexo cenário de Teresina nos anos 1980.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3. ed. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2006.
- ALMEIDA, José Dias de; CAVALCANTE, Itapoan Ferreira; ROCHA, Ligia Vieira. Resistência e rebeldia em busca de cidadania: 15 anos de DCE livre na UFPI. Teresina: EDUFPI, 1995. p. 31.
- AREND, Silvia F. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 65-83.
- ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. O poder local: as oligarquias e a composição parlamentar na Assembléia e na Câmara Federal (1982-1995). In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 181-209.
- AUGÉ, Marc. *Não Lugares*. Lisboa: Editora 90º, 2005.
- BANDEIRA, William Jorge. O Piauí e a Divisão Regional do Trabalho no Brasil. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 9, n. 1, p. 31-50, jul./dez. 1983a.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 jan. 2016.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17-232.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: 1920-1960*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. A cidade que me guarda: um estudo histórico sobre Tristeresina, a cidade subjetiva de Torquato Neto. *Fênix, Revista de História e Estudos Culturais*, ano 3, v. 3, n. 1, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF6/6%20-%20ARTIGO%20-%20EDWARCASTELO.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Meneses. Revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. História de Corpos. *Projeto História*, São Paulo, n. 25, p. 407-410, dez. 2003.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Nunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 12. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/10/A-Felicidade-Desesperadamente.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2016.

CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. Revisão da tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 185.

CORTÊS, Iáris R. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 260-285.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luís Filipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. v. 2. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. 4. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

GUATARRI, Gilles; DELEUZE, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Les Edições de Minuti, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro, DPA, 2006.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 47.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEAL, Ana Regina Barros Rego. Mídia e cultura no Piauí: impressões aparentes. In: APONTAMENTOS para a história cultural do Piauí. Teresina: FUNAPI, 2003. p. 329-340.

LIMA, Antônia Jesuíta. A atuação de governos locais e as políticas urbanas no contexto de descentralização das políticas públicas. In: Jornada Internacional de

Políticas Públicas, Mundialização e Estados Nacionais: a questão da emancipação e da soberania, 2., 2005, São Luís, Maranhão. *Anais...* São Luís: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, UFMA, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LONGMAN, Gabriela; VIANA, Diego. Entrevista a Jacques Rancière. *Revista Cult*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

LOURO, Guacyra Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCA, Tania Regina. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 447-468.

MACIEL, Jéssica de S.; FONTINELES, Cláudia C. As Diretas Já em Teresina na ótica dos jornais impressos (1983-1984). In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere Ferreira da (Orgs.). *História e Política*: problemas e abordagens nos contextos brasileiros. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 265-283.

MATOS, Maria Izilda Santos; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.

MELO, Aurélio; RODRIGUES, José. Teresina. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/lazaro-do-piaui/teresina.html>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

PORTELLA, Petrônio. Mensagem à Assembleia Legislativa, 1 mar. 1980.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Programa de Mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 148-168.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. Estado e produção historiográfica piauiense. Disponível em: <<http://www.uespi.br/prop/siteantigo/XSIMPOSIO/TRABALHOS/PRODUCAO/Ciencias%20Humanas%20e%20Letras/ESTADO%20E%20PRODUCAO%20HISTORIOGRAFICA%20PIAUIENSE.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense*: relações de escrita histórica e instituições político-culturais. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015.

NASCIMENTO, Edvaldo. Poemas e Carícias. Disponível em: <<https://www.letras.com/edvaldo-nascimento/poemas-e-caricias/>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e memória: os processos de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vários feitios e circunstâncias*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 130-151.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Ana Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- OLIVEIRA, Marcelo Gonçalves de; CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Caminhos de um não-lugar: as estratégias de desfavelização da cidade de Teresina. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Rodrigo Caetano; FERREIRA, Ronyere Ferreira da (Orgs.). *História e Política: problemas e abordagens nos contextos brasileiros*. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 97-113.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEDRO, Joana M. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238-259.
- PERES, Marcos Flamínio. Leia entrevista exclusiva com o escritor Orhan Pamuk. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima, 23 maio 2010.
- PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio: síntese de indicadores 1981-1989. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 513-543.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 469-512.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 163, jan. 2002.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 239.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- ROMERO, Suelda; RIBEIRO, Delma; TORRES, Elias. Não há vagas: aspectos dos empregos em Teresina. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 9, n. 1, p. 51-57, jul./dez. 1983b.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 333-359.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, n. 14, p. 235-249, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Sempre Bela*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 105-125.

SANTOS, Antonio de Pádua Silva dos. Evolução e Distribuição das populações brasileira, nordestina e piauiense do país: 1950/1980. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 7, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 1981.

SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. *Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990*. 2016. 378 f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SCOTT, Ana S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-42.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 3.

SÉRIES ESTATÍSTICAS E CIDADES DO IBGE. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2017. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

SÉRIES HISTÓRICAS E ESTATÍSTICAS DO IBGE. Casamento por estado civil de mulheres. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2017. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=2&op=1&vcodigo=RC48&t=casamento-estado-civil-mulheres>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um arquivo vivo. *Projeto História*, São Paulo, n. 21, p. 1, nov. 2000.

JORNAIS

- A moda nos anos 80. *O Dia*, Variedades, Teresina, p. 8, 1 abril 1980.
- CHEGAM a 200 os divórcios em Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 7, 28 mar. 1980.
- LIMA, Carlos Alberto. A crise matrimonial. *Estado*, p. 3, 4 jul. 1984.
- MULHER procura se alistar para servir à Marinha. *O Dia*, Teresina, 9 ago. 1980.
- MULHER também pode ser Gari. *O Dia*, Teresina, p. 10, 5 ago. 1980.
- TITO FILHO, Arimatéia. A boa Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 jan. 1989.
- TITO FILHO, Arimatéia. Feminismo, *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1998.
- TITO FILHO, Arimatéia. Prejuízos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.
- TITO FILHO, Arimatéia. Privilégios. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.

REVISTAS

- BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. Crescimento Populacional e Dimensão Migratória Piauiense: 1960-1980. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 12, n. 1, p. 1-134, jan./jul. 1987.
- BANDEIRA, Wiliam Jorge. O Piauí e a Divisão Regional do Trabalho no Brasil. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 9, n. 1, p. 31-50, jul./dez. 1983.
- CASTRO, Chico. Entrevista com Lena Rios *Revista Presença*, Teresina, Editora Secretaria Cultura e Desportos de Teresina-PI, ano 4, p. 12, out./dez. 1983.
- ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA O ESTADO DO PIAUÍ (1985-1986). *Carta CEPRO*, Teresina, v. 8, n. 2, p. 1-152, jul./dez. 1982.
- ROMERO, Suelda; RIBEIRO, Delma; TORRES, Elias. Não há vagas: aspectos dos empregos em Teresina. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 9, n. 1, p. 51-57, jul./dez. 1983.
- SANTOS, Antonio de Pádua Silva dos. Evolução e Distribuição das populações brasileira, nordestina e piauiense do país: 1950/1980. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 7, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 1981.
- SILVESTRE, Maria Elizabeth Duarte. Notas sobre a Questão da Mulher no Mercado de Trabalho: o caso do Piauí. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 13, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Entrevista com Lili Castello Branco. *Revista Presença*, Teresina, Editora Secretaria Cultura e Desportos de Teresina-PI, ano 4, p. 11, out./dez. 1983.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS

- FACUNDES, Edilene. Funcionária Aposentada da CEF. Entrevista concedida a J.V.C.B em 26 out. 2015.

MAGALHÃES, Reia Silvia Rios. Professora Doutora da UFPI do Curso de Serviço Social. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 14 set. 2015a.

MAGALHÃES, Rita. Enfermeira. Professora Mestre do CTT- UFPI. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 23 out. 2015b.

MAIA, Tailândia Melo de Alencar. Funcionária Pública do DENIT em Teresina. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 10 set. 2015.

RODRIGUES, Conceição de Maria Nogueira. Professora Especialista. Servidora Pública na Prefeitura de Teresina. Entrevista concedida a J.V.C.B. em 28 ago. 2015.

TEIVE, Virna. Professora Mestre do Curso de Educação Física da UniNovafapi. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 26 out. 2015.

TERRA, Sônia. Jornalista e Funcionária Pública da Prefeitura de Teresina. Entrevista Concedida a J.V.C.B em 27 out. 2015.